

ALMANAQUE ITAPIPOCA 200 ANOS



FUNDAÇÃO
DEMÓCRITO
ROCHA

VALEZ & C

ALMANAQUE ITAPIPOCA 200 ANOS



Itapipoca – Ceará
2023



PREFEITURA DE
Itapipoca
Ceará

200
ANOS
de Emancipação



FUNDAÇÃO
DEMÓCRITO
ROCHA

EXPEDIENTE

FUNDAÇÃO DEMÓCRITO ROCHA

Presidente Luciana Dummar

Diretor-Administrativo Financeiro André Avelino de Azevedo

Gerente-Geral Marcos Tardin

Gerente de Criação de Projetos Raymundo Netto

Gerente Educacional Deglaucy Jorge Teixeira

Gerente de Audiovisual Chico Marinho

Gerente Editorial Lia Leite

Gerente de Marketing & Design Andrea Araujo

Analistas de Projeto e Contas Aurelino Freitas, Fabrícia Góis e Narcez Bessa

ALMANAQUE ITAPIPOCA: 200 ANOS

Concepção Original Felipe Pinheiro

Organizador, editor e pesquisa biblio-iconográfica

Raymundo Netto

Entrevistadores e Textos Lucas Casemiro, Marcos Sampaio, Raymundo Netto e Renata Wirtzbiki

Revisão Mayara Freitas e Nayara Kedma

Consultores Celso Ximenes, Davino Sousa, Hadassa Matos, José Ivo Magalhães, Júlio César Cordeiro e Marcos Braga

Colaboradores(as) de Textos Hortência Siebra, Natalício Barroso (*in memoriam*), Ita Liberato Barroso e Robson Oliveira.

Projeto Gráfico e Edição de Arte Andrea Araujo

Designer Mariana Araujo

Fotografia Aurélio Alves

Ilustração da Capa Valber Benevides

Analista de Projeto Beth Lopes

AGRADECIMENTO ESPECIAL Deputado Idilvan Alencar

AGRADECIMENTOS Felipe Pinheiro, Lizyane Medeiros, Cristina Nascimento, Nayara Kedma, Hadassa Matos, Marcos Braga, Júlio César Cordeiro, Celso Ximenes, Gleyciane Teles, Shirley Lavor, Nazaré Rocha Cosmo, Toinha Montenegro, Enilda Frota, Aurila Souza, Ana Carla Souza, Adson Benevides, Pedro Neto, Rodolfo Alves, Rafael Tremembé, Andréia Tremembé, Erbene Tremembé, Paulo Ednardo Oliveira da Silva, Anglebson Barros da Silva, André Rodrigues, Vera Lúcia Teixeira de Sousa, Regilane Alves, Fernando Vasconcelos, Wilson Moura Patrício, Josafá Teixeira de Castro Filho (Josa), Paulo Camelo, Danilo Almeida, Thayguara Theophilos Oliveira Lima (Kaká), Edvonaldo Viana, David Cordeiro e Roberto Douglas.

Acervos Fotográficos Amaury Benevides, Ascom da Prefeitura Municipal de Itapipoca, Biblioteca Rita Aguiar Barbosa, Celso Ximenes, Cia. Balé Baião, Davino Sousa, Elaine Abreu, Família Agobar Otacílio Gomes, Família Bonfim Lavor, Família Cafita, Família Cândido Teixeira, Família Francisco Montenegro (Chico Vermelho), Família Frota, Família Geraldo Teodósio, Família Lúcia Siebra, Família Natalício Barroso, Família Nazaré Flor, Família Rurik Sousa, Genésio Meneses, IBGE, Marcos Braga, Mauro Gurgel, Raymundo Netto, Renata Wirtzbiki e Wesley Eduardo.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A445 Almanaque Itapipoca: 200 anos / Raymundo Netto ... [et al.] ; organizado por Raymundo Netto ; ilustrado por Valber Benevides. - Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2023.
152 p.: il. : 20cm x 28cm.

ISBN: 978-65-5383-084-04

1. Almanaque. 2. Itapipoca – CE. 3. Cultura. 4. Temas históricos. 5. Fatos. 6. Personalidades. 7. Personagens. 8. Causos. 9. Temas. 10. Costumes. I. Netto, Raymundo. II. Wirtzbiki, Renata. III. Casimiro, Lucas. IV. Sampaio, Marcos. V. Título.

CDD 036.9

2023-2981

CDU 050.9

Elaborado por Wagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Almanaque 036.9
2. Almanaque 050.9

Todos os direitos desta edição reservados à



**FUNDAÇÃO
DEMÓCRITO
ROCHA**

Av. Aguanambi, 282/A - Joaquim Távora - CEP 60055-402 - Fortaleza - Ceará
Tel/WhatsApp: (85) 99183.8515 | **Site:** livrariaedr.org.br
e-mail: livrariaedr@fdr.org.br



APRESENTAÇÃO

A conhecida terra dos três climas, das praias, serras e sertões, também é a terra que resgata a sua memória e cresce a cada dia preservando as suas raízes. Afinal, as grandes riquezas de nossa Itapipoca estão por toda parte, expressas através da cultura popular, das belezas naturais, da agricultura que alimenta, da ousadia na política, de uma fé inabalável, e, sobretudo, na força e na coragem da nossa gente.

Em 2023, Itapipoca comemora 108 anos de elevação à categoria de cidade e 200 anos de emancipação política. E, para celebrar o momento especial que representa este aniversário e bicentenário, idealizamos o **Almanaque Itapipoca 200 anos**, em parceria com a Fundação Demócrito Rocha, buscando reunir acontecimentos, causos e curiosidades desse município tão amado e diverso.

Nas próximas páginas, os leitores e leitoras poderão relembrar momentos que marcaram a nossa trajetória, recordar inesquecíveis tradições e conhecer o legado de importantes personalidades do município.

Entregamos esse presente para vocês, na certeza de que esta obra nos ajudará a eternizar a nossa história, resgatando cada vez mais o amor e o orgulho de ser itapipoquense.

Viva Itapipoca e seus 200 anos!

Felipe Pinheiro,
prefeito de Itapipoca e
idealizador do *Almanaque Itapipoca 200 anos*.





ITAPIPOCA, QUANTOS ANOS VOCÊ TEM?

Talvez você, leitor(a) deste Almanaque, também pense assim: comemorou o **Centenário** de Itapipoca em 2015, e agora, em 2023, o **Bicentenário**! Como assim?

Em primeiro lugar, pode ter certeza: você não está ficando velho(a) rápido demais...

E, em segundo, vamos esclarecer outra coisa de uma vez por todas:

Em 2015, você comemorou os 100 anos da elevação da Vila de Itapipoca à condição de cidade, ou seja, quando ela passou a receber esse título, o que se deu em 31 de agosto de 1915. Entretanto, não comemorou o aniversário da criação do município nem a sua emancipação política e administrativa, pois estas se deram há 200 anos, em **17 de outubro de 1823**.

Percebeu a diferença? São aniversários que comemoram coisas diferentes.

Vamos falar um pouco mais sobre isso e você vai entender bem melhor o que aconteceu.

A VILA DA IMPERATRIZ

No período colonial, atribuíam-se ao que hoje conhecemos como “município” a denominação de “vila”.

Em 1822, com a instalação do primeiro período monárquico brasileiro, essa denominação per-

maneceu, de forma que, no ano seguinte, 1823, alguns municípios criados por meio de alvará imperial também seriam denominados de vila, como se deu com a **Vila da Imperatriz**, denominação original de **Itapipoca**, em 17 de outubro daquele ano, sendo esta data o **marco da criação do município**, quando ele foi emancipado política e administrativamente de Sobral e Fortaleza.

E por que essa **emancipação política** é tão importante?

Quando a sede da Vila da Imperatriz foi emancipada, adquiriu autonomia política e social. Então, passou a ter o poder de se autogerir, de tomar decisões políticas e administrativas próprias, assim como também de elaborar as suas leis, como os municípios fazem.

Uma curiosidade a respeito desse município criado em 1823 é que, segundo o prof. Celso Ximenes, quando da criação da Vila da Imperatriz, seu território era cerca de cinco vezes maior do que o de hoje, envolvendo os territórios de muitos municípios hoje também emancipados de Itapipoca.

A CIDADE DE ITAPIPOCA

Que interessante: a mudança da denominação da sede urbana de Vila de Itapipoca para cidade de Itapipoca se deu em **31 de agosto de 1915**.





O distrito-sede de Itapipoca em sua imponência

Percebe-se que a Itapipoca já existia, mudou apenas de “título”. E qual é a diferença entre “vila” e “cidade”, então?

Existem alguns parâmetros utilizados para compreender por que uma vila passa a ser cidade. Entre eles, maior população, expansão de serviços e a sua urbanização. Muitos deles são vagos, de forma que chegamos à conclusão de que muitas “vilas” se converteram em “cidades” apenas por questões de articulações políticas.

Para Edneila Rodrigues Chaves, em seu estudo sobre a criação de vilas no período monárquico, nos diz: “**cidade** constituía em **título honorífico** concedido às **vilas** que exerciam funções importantes em âmbito religioso, político ou militar, correspondendo a uma graduação superior”, porém, não trazendo nenhuma mudança real em sua administração política, já que tanto as vilas como as cidades teriam seu poder local, a sua autonomia, cuja principal instituição eram as câmaras, assim como nenhuma configuração diferente no que se refere a questões jurídicas.

Mas o que pode ter causado essa “confusão histórica”, na qual até os próprios habitantes consideravam a data 31 de agosto de 1915, e não a de 17 de outubro de 1823, como a da criação do município de Itapipoca?

Existia uma versão bem divulgada e interessante sobre essa possível causa:

No início do século XX, havia um grupo político muito forte que promoveu, é verdade, um bom desenvolvimento do município. Ao mesmo tempo, como aconteceu em outros municípios brasileiros, intencionavam conseguir conquistar o título de “cidade” a,

então, Vila de Itapipoca, como acontecia com outras sedes cearenses, conferindo mais visibilidade a ela.

Em 31 de agosto de 1915, por meio da resolução 1.288 do governo do estado do Ceará, a Vila de Itapipoca seria elevada à categoria de “cidade”.

Em 1916, Anastácio Alves Braga, o prefeito Firmino Martins e os fazendeiros que integravam seu grupo político passaram a comemorar esta data como se fosse o aniversário da cidade, ou seja, de sua criação e emancipação política, na tentativa de enaltecer o feito de seu grupo político e, ao mesmo tempo, invisibilizar a história anterior a ele, inclusive “apagar” da história os feitos do grupo político de seus opositores.

No entanto, em suas pesquisas, o prof. Júlio César Cordeiro descobriu que o deputado estadual Anastácio Alves Braga, em 1923, solicitou do governo, na época, recursos para comemoração do **Centenário de Itapipoca**. Ou seja, o próprio Anastácio Braga reconhecia a data de 17 de outubro de 1823 como a data marco da criação do município de Itapipoca, oito anos depois de o município ser elevado à categoria de cidade, pondo por terra essa versão anterior.

Sobre essa confusão, ainda muito polêmica por parte de alguns, nos afirma o historiador Júlio César Cordeiro: “É um erro histórico gravíssimo que se perpetua até a atualidade”.

O *Almanaque Itapipoca: 200 anos* se alia ao prof. Júlio César, Paulo Maciel, maestro José Frota, Davino Sousa e a tantos outros que há tempos lutam para promover essa revisão histórica tão importante para a consolidação da História de Itapipoca.

Você está conosco?



A TERRA DOS ANIMAIS GIGANTES DA PRÉ-HISTÓRIA

Você sabia que mastodontes, tigres dentes-de-sabre, tatus e preguiças-gigantes e outros animais pré-históricos viviam em Itapipoca há cerca de 10 mil anos?

Sim, aqui, no sítio paleontológico **João Cativo**, entre os fósseis encontrados, havia uma preguiça-gigante, o maior mamífero terrestre que já viveu no Brasil (6 metros de comprimento e 2 de altura), e o terrível tigre dentes-de-sabre, além de outros animais em busca de água e comida. Você poderia imaginar que esses animais chegavam a consumir 200 litros de água e 300kg de folhas por dia? Não está acreditando? Quer saber como isso é possível?

Nesse período, a temperatura deveria ser bastante amena, chovia bastante, a vegetação era mais abundante e bem diferente da atual, ideal para esses mamíferos gigantes que, em conjunto, são chamados de **megafauna**.

As formações rochosas desses sítios atuam como “tanques” ou “bebedouros naturais”. Por terem a capacidade de acumular água, eram procuradas por esses animais que, por vezes, escorregavam e caíam neles, não conseguindo mais sair. Entretanto, na maioria dos casos, encontravam os tanques secos e, sem água, ficavam desidratados e fracos, morrendo ali mesmo. A enxurrada das chuvas jogava as carcaças dentro dos

tanques naturais e trazia a lama que cobria o corpo desses animais, como se fizessem “moldes”, formando o que, anos depois, denominaríamos de **fósseis**.

O denominado **Vale da Megafauna** localiza-se no sopé da serra de Uruburetama, entre os rios Mundaú e o Cruxati, reunindo cerca de sete sítios, um conjunto paleontológico de destaque em todo o país, e, na época, um adequado refúgio ecológico.

Em 1939, no primeiro mapa de distribuição de fósseis no Brasil, encontramos Itapipoca como uma das regiões fossilíferas, consolidando essa experiência após 1961, com a Expedição de pesquisadores e especialistas do Museu Nacional à fazenda Carrapato, no sítio paleontológico João Cativo, onde conseguiram extrair de suas escavações mais de 3 mil peças que foram levadas para estudo no Rio de Janeiro, comprovando o valor das referidas peças e da riqueza dos sítios itapipoquenses.

Entre os fósseis, além dos já citados aqui, encontraram uma espécie de paleolhama – neste fóssil, foram encontradas marcas produzidas por instrumentos de pedra, comprovando interação de humanos pré-históricos com carcaças desses animais, sendo esse o primeiro registro da interação humanos-megafauna na pré-história do esta-





Crânio de tigre
dente-de-sabre



Dente de
mastodonte



Dente de mastodonte



Dentes de
preguiça gigante

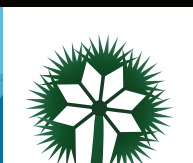


Vértebra de
preguiça gigante

COMO SE FORMAM OS FÓSSEIS?

Fósseis são restos (partes do corpo, como dentes, ossos, escamas) ou vestígios (pegadas, marcas de arrasto ou de repouso etc.) de animais e vegetais (caule, sementes, folhas, frutos) preservados em materiais naturais, como rochas, sedimentos, solo, gelo ou poços de piche. Esses restos e vestígios são evidências de sua existência ou de suas atividades.

Para serem considerados fósseis, devem ter passado por algum processo de fossilização, como, por exemplo, a substituição mineral, permineralização (preenchimento de poros por minerais), incrustação (crosta mineral), carbonificação (redução a compostos de carbono), ou mesmo, conservados em condições especiais, como no gelo ou mumificação natural.



do do Ceará – e outras espécies da fauna (mamíferos, aves e répteis) e da flora (vegetais).

Jornais do Ceará e do Rio de Janeiro acompanharam e registraram os feitos da expedição do Museu Nacional em Itapipoca.

Conta-nos o paleontólogo Celso Ximenes: “Em 1989, o Laboratório de Paleontologia da UFC implantou, em parceria com o Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM) o projeto Mamíferos Fósseis do Ceará, tendo como ponto de partida a região de Itapipoca e, em 2000, iniciou-se uma nova fase de pesquisas na região, através de um projeto de mestrado pela UFC, que incluiu, pela primeira vez, uma conotação conservacionista para os fósseis itapipoquenses.” E afirma: “Nenhum lugar do Brasil tem tantas espécies de animais pré-históricos associados em um só local, como em Itapipoca. São cerca de trinta e quatro.” E por isso defende que Itapipoca seja reconhecida como a **Capital Cearense da Megafauna Pré-Histórica**, pois Santana do Cariri é considerada a Capital Cearense da Paleontologia, pela quantidade e qualidade de seus fósseis, contudo, ao contrário de Itapipoca, em Santana do Cariri não existe essa riqueza de megafauna.

Desde 17 de outubro de 2005, Itapipoca tem o seu Museu de Pré-História de Itapipoca, o Muphi,

assumindo o papel de preservação do seu patrimônio paleontológico e arqueológico, conduzindo pesquisas e cursos de formação (Arqueologia e Paleontologia) em parceria com diversas instituições, além de realizar trabalhos de divulgação científica, educação patrimonial e promover o turismo cultural.

No seu acervo, além de réplicas constituídas de alguns desses animais gigantes, a partir de ossadas originais, traz diversas peças, como fêmur, costelas, vértebra, mandíbula e até fezes petrificadas, utensílios de pedra polida e de pedra lascada e malacológicos (instrumentos feitos de conchas), sendo alguns deles tombados pelo Iphan.

Em 1993, foi descoberta, por uma escavação realizada pelo prof. Celso Ximenes, a ossada de preguiça-gigante, quase completa, porém, no município vizinho, em Tururu, no sítio paleontológico Lagoa do Osso, considerado parte do Vale da Megafauna. Esse material foi resgatado, e esses fósseis fazem parte, hoje, do acervo do Muphi.

Hoje, podemos assegurar que os tanques naturais de Itapipoca formam a maior concentração deste tipo de depósito fossilífero no Nordeste do Brasil, representativo do **Pleistoceno tardio/Holoceno inicial**.

O QUE É, O QUE É?

PALEONTOLOGIA é o estudo, através dos fósseis, das formas de vida existentes na Terra durante a Pré-História.

ARQUEOLOGIA é a ciência que estuda e reconstitui o modo de vida das sociedades que possuem escrita ou não, como os povos coloniais e pré-coloniais, por meio de objetos encontrados, geralmente, em escavações: ferramentas usuais de rotina (feitos de qualquer material, como pedra, madeira, ossos, cerâmica etc.), instrumentos de caça e de pesca, habitações, entre outros.





Pedra d'Água



Lajinhas

1. João Cativo
2. Pedra d'água
3. Jirau
4. Lajinhas
5. Coelho
6. Rio Cruxati
7. Lagoa do Osso

OS 7 SÍTIOS PALEONTOLÓGICOS DE ITAPIPOCA

O MUPHI: A ORIGEM

A história paleontológica de Itapipoca, basicamente, é dividida em duas fases: a realizada pelo **Museu Nacional** (entre 1953 e vai até 1989) e a atual, que começou a partir dos trabalhos acadêmicos elaborados e difundidos por **Celso Ximenes**, em 1989, que ganhou força em 2005, com a fundação do **Museu Pré-Histórico de Itapipoca**, o **Muphi**, e se expandiu com as parcerias com vários colegas paleontólogos, de várias universidades brasileiras, o que acontece até os dias atuais.

O projeto do Muphi foi idealizado, coordenado, formatado e implantado pelo paleontólogo Celso Ximenes em 2001, também relator da lei municipal que o oficializou, sendo fundado em 2005 pelo prefeito João Ribeiro Barroso, ainda na sua primeira gestão (2005-2008).





1



2

EXPLORAÇÃO DO MUSEU NACIONAL EM ITAPIPOCA

Em 1953, **José Paurilo Barroso** (1931-2017), ciente da existência de grandes ossadas pré-históricas em tanques naturais do sertão de Itapipoca, escreveu a **Gustavo Barroso** – escritor, desenhista, historiador e fundador do Museu Histórico Nacional – que o aconselhou a enviar notícias do achado, além de uma amostra, à Heloísa Alberto Torres, amiga e ex-diretora do Museu Nacional (RJ).

Assim, em 11 de janeiro de 1961, o paleontólogo **Carlos de Paula Couto** (1910-1982), considerado um dos mais importantes paleontólogos brasileiros de todos os tempos, e o naturalista **Fausto Luiz de Souza Cunha** (1926-2000), a serviço do Museu Nacional, com o apoio do Instituto de Antropologia da Universidade Federal do Ceará, na pessoa de Francisco de Alencar (1929-2021), e do deputado federal **José Colombo de Sousa** (1913-1987), um dos responsáveis em conseguir verba do Congresso Nacional para a expedição, iniciaram as escavações paleontológicas na localidade de João Cativo, que é, hoje,

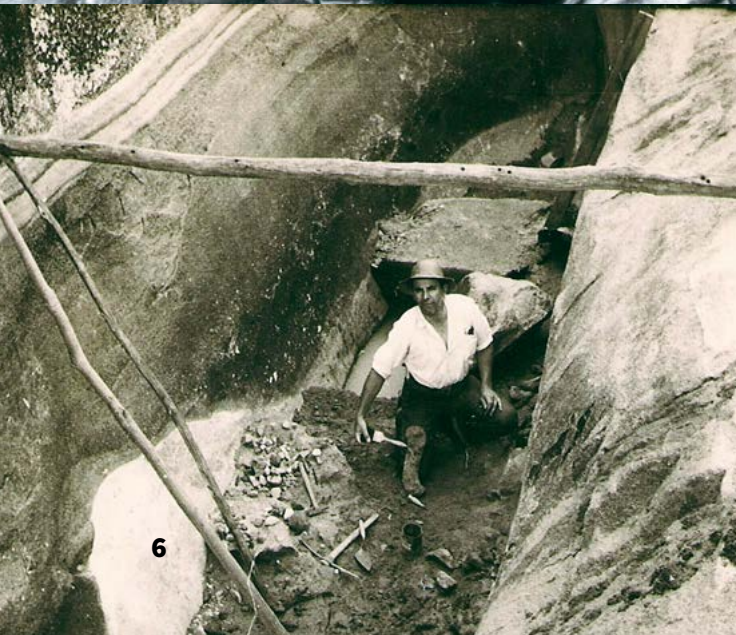
apenas um dos sete sítios paleontológicos do município de Itapipoca.

Entre alguns dos apoiadores desta expedição, podemos citar: Perilo Teixeira, Domingos Barroso e Antônio Albuquerque Barroso (prefeito, na época).

As escavações em João Cativo duraram 23 dias, iniciando-se em 16 de janeiro e encerrando-se em 7 de fevereiro daquele ano. No dia seguinte, a convite do Rotary Clube, os paleontólogos proferiram palestra no Clube Social Imperatriz sobre os achados daquela expedição, alguns com mais de 30 mil anos, que seriam enviados ao Rio de Janeiro para estudos (40 peças ósseas de grande porte e mais de 3 mil de pequeno porte), sendo homenageados pelos itapipoquenses.

Com essa expedição, segundo o prof. Fausto Cunha, pela primeira vez foram aplicadas na região Nordeste técnicas modernas de prospecção paleontológica, de coleta de amostras de fósseis, de coleta de dados estratigráficos e observações topográficas.





1. Paleontólogos Paula Couto (à esquerda) e Fausto Cunha no acampamento de apoio da expedição. (Foto: Francisco de Alencar)

2. Aspecto dos trabalhos no interior dos tanques naturais. (Foto: Francisco de Alencar)

3. Detalhe dos fósseis (peças ósseas próximas às ferramentas) no sedimento de um dos tanques. (Foto: Francisco de Alencar)

4. Execução de bandagem em gesso em uma peça óssea de grande porte. (Foto: Francisco de Alencar)

5. Aspecto dos trabalhos no interior dos tanques naturais. (Foto: Francisco de Alencar)

6. Paleontólogo Paula Couto fazendo a escavação leve dentro de um tanque. (Foto: Francisco de Alencar)



PERSONALIDADES DA PALEONTOLOGIA

JOSÉ PAURILO BARROSO

(14.06.1931-14.03.2017)

Filho de José Arimatéia Barroso e de Zuila Barroso, foi o principal responsável pela vinda da Comissão do Museu Nacional para conhecer de perto e escavar fósseis em Itapipoca, em 1961. Não apenas conseguiu trazer a Comissão, como acompanhou as escavações e os seus resultados, inclusive, durante os anos seguintes, a sua presença era indispensável em seminários, grupos de pesquisa, programas de rádio e de TV, quando se falava em Paleontologia e, mais particularmente, na megafauna pré-histórica encontrada ricamente em Itapipoca.

Segundo ele, falava autodidaticamente 8 idiomas e alguns dialetos de línguas de povos originários de

Itapipoca, o que o fazia ser convidado quando grupos e missões do exterior vinham conhecer um pouco mais de nossas coleções fossilíferas.

Foi convidado e participou de alguns famosos programas de TV, como o “Jô Onze e Meia” (SBT), “Me Leva Brasil” (quadro do “Fantástico”, com Maurício Kubrusly) e “Ser ou Não Ser” (com Viviane Mosé, no “Fantástico”).

Em 2005, recebeu o título de “Cidadão de Fortaleza”, outorgado pela sua Câmara Municipal, em reconhecimento pela sua dedicação e valorosa contribuição, especialmente, à paleontologia e à arqueologia no estado.

Após a sua morte, seu filho Jesus Wotan doou boa parte de seu acervo bibliográfico, composto de ensaios, traduções, monografias, entre outros, à Biblioteca Municipal de Itapipoca.

CELSON LIRA XIMENES

Filho de pai e mãe cearenses, de Tamboril, que migraram para São Paulo (SP) na década de 1950, nasceu na capital paulista em 1964, tendo se radicado em Fortaleza (CE) a partir de 1975, aos 11 anos de idade, quando seus pais retornaram para o Ceará, concluindo ali sua Educação Básica e o Ensino Superior.

Graduou-se em Geologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), em 1995, e concentrou sua formação de pós-graduação em Paleontologia, em níveis de especialização (Universidade Federal do Rio Grande do Sul /UFRGS, 1997), mestrado (UFC, 2003), doutorado (UFC, 2016) e pós-doutorado (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, em conclusão).

Como paleontólogo, atua como pesquisador e curador do acervo de fósseis da megafauna pré-histórica pelo Museu de Pré-História de Itapipoca (Muphi).

Iniciou suas pesquisas nos sítios paleontológicos da região de Itapipoca em 1989, produzindo até o momento mais de 50 trabalhos acadêmicos sobre eles.

A partir de 2001, idealizou a implantação de um Museu de Paleontologia na cidade de Itapipoca, um dos objetivos de seu projeto de mestrado, e passou a atuar ativamente na busca desse propósito, apresentando projetos à Prefeitura do município e à Universidade Estadual do Ceará, Campus de Itapipoca (Uece/Facedi). Mas somente em 2005, encontrou o apoio institucional e as condições ideais para consolidar o projeto idealizado, coordenando uma equipe que trabalhou pela criação e



Foto: arquivo pessoal de Celso Ximenes

implantação de um museu público, fato consolidado em 17 de outubro de 2005, quando foi sancionada a Lei Municipal nº 52/2005, de sua relatoria, que criou o **Museu de Pré-História de Itapipoca** (Muphi).

Assim, desde 2006, dedica-se ao Muphi como pesquisador e curador de Paleontologia, com vínculo formal com a Prefeitura de Itapipoca, em caráter voluntário. O seu trabalho tem contribuído com a continuidade da divulgação do município de Itapipoca como **um dos principais sítios paleontológicos brasileiros**

É também de sua idealização e relatoria, um projeto de lei estadual, que já se encontra na Assembleia Legislativa, para reconhecer e conceder ao município de Itapipoca o título de **Capital Cearense da Megafauna Pré-Histórica**, o que lhe dará grande visibilidade não só científica e educacional, mas também turística.

UM ITAPIPOQUENSE NA PADARIA ESPIRITUAL

Dorme ainda um momento e eu velando de joelho,
nesta doce contemplação, espero pelo teu
primeiro sorriso, pelo teu primeiro olhar.

Mogar Jandira

“Adoração”, em *O Pão* nº 2, 1892

José Maria Vóssio Brígido, filho do coronel Raymundo Vóssio Brígido, nasceu em Itapipoca, quando ainda se chamava Vila de Imperatriz, no Ceará, em 1870.

Em Fortaleza, cursou os preparatórios no Liceu do Ceará.

Atuou como funcionário aduaneiro no Ceará, no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul e, por último, em Paranaguá, Paraná, onde viria a falecer em 19 de junho de 1923.

Fez parte da plêiade de escritores que fundou a **Padaria Espiritual**, em 30 de maio de 1892, na rua Formosa, em Fortaleza, sendo este grêmio considerado a mais original agremiação de letras e artes do Ceará, com destaque na época nacionalmente e no exterior, por meio da publicação de *O Pão*, no qual chegou a contribuir com seus contos.

José Maria Brígido, como todos, escolheu um “nome de guerra”: **Mogar Jandira**.

Por estar entre os primeiros “padeiros”, figura na fotografia mais antiga do movimento, ao lado de outros, incluindo Antônio Sales, o criador do “Programa de Instalação” da Padaria e autor do famoso *Aves de Arribação*, e o polêmico Adolfo Caminha, o pai de *A Normalista*, *Bom-Crioulo* e outros clássicos da Literatura Cearense e Brasileira.

O prof. Sânzio de Azevedo afirma que, em 1894, quando residia em Penedo, Alagoas, pu-



Em pé: Álvaro Martins, Raimundo Teófilo de Moura, José Maria Brígido e Adolfo Caminha. **Sentados:** Sabino Batista, Antônio Sales e Carlos Vítor.

blicava poemas n’*A República* de Fortaleza. Em 1895, Adolfo Caminha escreve que ele também escrevia contos para os jornais de Penedo.

De fato, ele era poeta e contista. E as suas obras, divulgadas, mas nunca publicadas, tratavam-se desses dois gêneros: *Contos* e *Dilúculos* (poesia). No verso do livro *Flocos*, de Sabino Batista, outro padeiro, há referência a essas obras que saíram pela Biblioteca da Padaria Espiritual. Contudo, lamentavelmente, ficou apenas no papel.



A ITAPIPOCA DOS HERÓIS, MONSTROS E SERES FANTÁSTICOS

Pelo mundo inteiro, um dos mercados que mais cresce é o que se dedica ao público *geek* e *nerd*. Esse mercado já existia de forma tímida em Itapipoca há uns anos, com alguns grupos e uma banca de revistas que fornecia quadrinhos – os “gibis” ou “HQs” – aos leitores das mais diversas faixas etárias e gostos. Mas ele tomou outra proporção em 2018, com o surgimento do **ItaGeek**. O grupo foi criado por amigos de infância, que, com pouco ou nenhum recurso, mas com muita coragem e contando com seus superpoderes e a vontade de dominar o mundo, decidiram fazer um primeiro evento para reunir uma turma de fãs desse segmento, que eles nem sabiam que tamanho teria.

Em 18 de agosto daquele ano, o grupo montou um espaço na praça do Cafita, com telão, distribuição de brindes, brincadeiras e outras atrações. “Tivemos parceria com o mercado local para conseguir brindes, dinheiro para pipoca. Foi uma fagulha”, conta **Wesley Eduardo de Sousa**, funcionário público e um dos catalizadores do famigerado ItaGeek.

Com exibição de desenhos, filmes e séries japoneses, o evento foi um sucesso de público e acabou despertando um mercado que antes era pequeno.

No ano seguinte, 2019, **SHAZAM!**, eles foram chamados pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) para montar a **Feira de Negócios de Itapipoca** (Fenita), toda

voltada ao mercado *nerd* e *geek*. Nesse momento, essa área já tinha atraído mais empresários e era possível encontrar lojas, produtos e eventos em municípios próximos. E assim, como o mercado, o público também crescia, formando grupos de K-Pop, RPG, jogos eletrônicos, *cosplayers* e outros. Em 2020, porém, pelo avanço da pandemia da covid-19, o movimento teve que recuar das atividades que promoviam aglomerações e migraram para o universo – ou multiverso? – digital, principalmente das redes sociais. Meses depois, à medida que a calamidade sanitária abria espaço, a cidade voltou a pedir eventos e o ItaGeek atendeu, fazendo caravanas para o **Sana**, um megaevento que reúne a cultura pop oriental e ocidental, com sede no Centro de Eventos de Fortaleza.

A retomada aconteceu em 2023, tendo como mote o **Dia do Orgulho Nerd**, comemorado em 25 de maio. O evento foi na praça principal e foi um sucesso total. Entre as atrações pensadas para esse evento, um clube do livro formado por *booktubers* que abordariam a literatura LGBTQIAP+.

Hoje, entre as atividades que fazem parte do calendário estão as caravanas para o **Sana**; torneios de RPG, jogos de carta e tabuleiro na Biblioteca Municipal de Itapipoca, concurso de *cosplay* em praça pública e o Cinerd, exibições de filmes na praça principal.

Para saber mais sobre o ItaGeek, siga: **@itag geek** e se encante.





Equipe do Itapipoca Esporte Clube 2023

ITAPIPOCA ESPORTE CLUBE: 30 ANOS DE BOLA CORRIDA

A história do **Itapipoca Esporte Clube (IEC)** tem seu início em 20 de dezembro de 1993, quando da fundação oficial do clube, tendo Eudi Assunção como o seu primeiro presidente. Durante a sua trajetória, outros presidentes assumiriam, como Francisco de Deus Alves, Márcio Eugênio, Nani Bezerra, Adriano Farias, Amaral e, atualmente, Silvanilson Teixeira.

Em seu primeiro ano, o time trazia 15 atletas originários de Itapipoca.

As cores do Itapipoca Esporte Clube são as mesmas da bandeira do município: azul, amarelo e o branco, e as suas atividades acontecem no estádio Perilo Teixeira, o “Perilão”, localizado no distrito-sede de Itapipoca.

Desde 2003, o Itapipoca Esporte Clube tem a sua própria torcida organizada, a **Ita Jovem (TIJ)**, “a mais temida do interior”, que não deixa o seu

time querido na mão. Aliás, o Clube assegura que a sua torcida é o seu maior patrimônio.

Betinho, ex-atleta e, hoje, treinador da equipe, que iniciou sua carreira no clube em 1994, relata que se recorda com entusiasmo do primeiro jogo do “Garoto Travesso dos Três Climas” – como é denominado o Clube – em Fortaleza, no estádio Presidente Vargas, o “PV”, contra a equipe do Ceará e diante de um público de 25 mil torcedores, no qual o IEC alcançou a vitória. Ele assegura “fiz um dos gols mais bonitos da minha carreira”. Entre os jogadores participantes naquele Campeonato: Ernandes, Euritônio, Cláudio Marinho, Carlinhos, Jorge Luiz, Juvemar, Jr. Umirim, C. Eugênio, Júnior das Arábias e o próprio Betinho.

Raimundinho, ex-atleta, afirma que jogou 3 intermunicipais, e o último deles daria uma vaga para o campeonato cearense. Nesse campeonato, o Itapipoca ficou em 3º lugar.





Foto: acervo Ascom da PMI



Leomir Lucena e o presidente Silvanilson

Samuel, ex-atleta, também se recorda da estreia do time no Campeonato Cearense, em 1994, em uma partida contra o América. Naquele primeiro ano do Itapipoca no Campeonato, Samuel foi um dos artilheiros. Iniciou e encerraria a sua carreira futebolística no mesmo Clube, em 2009.

Leomir Lucena é atleta do IEC e residente no município, com mais de 60 jogos defendendo as cores de seu time. Ao seu lado, Índio e Wesley também comentam sobre a história desse Clube tradicional e acreditam que, juntamente com a sua fiel torcida poderão alcançar seu objetivo de galgar, com dedicação e esforço, a primeira divisão do campeonato cearense.



Frente do estádio Perilo Teixeira

Além de Leomir, Índio e Wesley, e do treinador Betinho, o time em 2023 nos apresenta os nomes de Théó (goleiro), Ronaldo, Washington, Clodô, Raphinha, Kisin, Roberth, Anderson, Paulo Jr., Alison, Geraldo Jr., Mateus, Bruninho, Everton, Breno, Bruno e Wendel.

O Itapipoca Esporte Clube foi campeão da segunda divisão do Campeonato Cearense em 2002 e 2013, e, em 2019, foi vice-campeão em sua terceira divisão.

Estamos ligados, afinal, não é sobre torcer, mas sobre paixão... Pra cima, Itão!

Siga o Itapipoca Esporte Clube e não perca um lance: **@itapipocaecoficial**



PROCURA-SE... VIVO!



José Montenegro de Lima (27.10.1943 – 29.09.1975), o “José Vermelho” ou “Monte”, é filho de Francisco Montenegro de Andrade (Chico Vermelho) e Maria dos Santos Montenegro (dona Santa).

Mudou-se para Fortaleza a fim de estudar Edificações na Escola Técnica Federal do Ceará – hoje Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) –, onde ingressou no movimento estudantil secundarista.

Em 1963, filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), ajudou a fundar a União dos Estudantes Téc-

nicos do Ceará. Transferiu-se para a Escola Técnica Nacional do Maracanã, no Rio de Janeiro, elegendo-se para a diretoria da recém-criada União Nacional dos Estudantes Técnicos Industriais (Uneti), que atuava alinhadamente com a União Nacional dos Estudantes (UNE) e a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes). A princípio, a Uneti se localizava na mesma sede da UNE, na Praia do Flamengo, mas depois adquiriria sua sede própria no mesmo bairro, na rua Paissandu, que não só era o seu local de trabalho, mas também seria a sua moradia, como a de outros colegas.



Com o golpe militar de 1964, a UNE entrou na ilegalidade. Seria um dos perseguidos, desde então, sendo indiciado e condenado, juntamente a cerca de mil estudantes no Rio de Janeiro, no Inquérito da Polícia Militar instaurado contra a UNE. Nesse período, tornou-se membro do Comitê Central do PCB, responsável pela Juventude Comunista.

Conseguiu ir a Moscou, em 1966, para estudar na escola de quadros do Instituto Superior de Estudos Sociais mantido pelo Partido Comunista da União Soviética (PCUS), retornando ao Brasil em 1968, assumindo no Rio de Janeiro a organização da Secretaria Juvenil do movimento.

Em 1969, vivia na clandestinidade, viajando e residindo em diversos estados, usando o codinome “Magrão” – era franzino e tinha quase 2 m de altura. Passou a atuar em São Paulo, com a missão de reestruturar o Comitê Universitário Paulista, coordenando simultaneamente as ações no movimento secundarista e junto a movimentos culturais formados nos moldes do extinto Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE.

Em 1973, foi o designado para comandar a delegação brasileira no Festival Mundial da Juventude Democrática, em Berlim Oriental. A delegação era composta por membros representantes de algumas organizações da resistência, como a Ação Libertadora Nacional (ALN) e a Ação Popular (AP).

Sua prisão se deu por meio de 4 agentes policiais, em 29 de setembro de 1975 [no relatório do Ministério da Marinha encaminhado ao Ministério da Justiça, consta a data de 30 de setembro de 1975], no bairro Bela Vista, São Paulo.

Naquele ano, José havia sido incumbido de retomar a publicação do *Voz Operária*, periódico mensal comunista, um dos maiores alvos da repressão, após Armando Falcão, o então ministro da Justiça, sair em cadeia nacional de TV, comemorando o fim da estrutura gráfica do PCB. Os últimos exemplares impressos no Brasil saíam nos meses de fevereiro, março e abril de 1975, impressos por José, em mimeógrafos.

Orlando Marreti Sobrinho, um amigo que o hospedava em São Paulo no dia de seu desaparecimento, em depoimento para o livro *Desaparecidos Políticos*, diz: “apesar das dificuldades, nunca perdera a esportividade. Podia ser encontrado por velhos amigos nas ruas de São Paulo ou do Rio de Janeiro, assim como pulava atrás de trio elétrico em pleno Carnaval da Bahia em 1974”. Herdara o espírito festivo do pai, o Chico Vermelho?

José, curiosamente, em vez de ser transferido ao DOI-CODI, como seria de se esperar, para prestar depoimento e até ser torturado, como acontecia quase de praxe, foi levado diretamente a um sítio clandestino dos órgãos da repressão na estrada de Itapevi, casa onde havia funcionado a Boate Querosene, e, desde então, não se soube mais dele.

Elio Gaspari, em *A Ditadura Encurralada*, relata: “José Montenegro de Lima, encarregado da reconstrução do aparelho gráfico onde se voltaria a imprimir o *Voz Operária*, foi capturado na Bela Vista. Viram-no no DOI [havia, sim, relatos que foram contestados e elucidados depois durante depoimentos na Comissão da Verdade]. Transferido para o sítio do CIE na rodovia Castello Branco, assassinaram-no com uma injeção de sacrificar cavalos”.

Marival Chaves do Canto, ex-agente do DOI-CODI, que disponibilizou a informação da morte por injeção, contou sobre os bastidores dos porões da tortura: “O último corpo que sei ter sido jogado da ponte [refere-se à ponte da estrada SP 255, sob o rio Avaré, denominado por eles de “cemitério subaquático”] é o de José Montenegro de Lima. Mas esse é um caso especial [...] porque mostra que dentro dos órgãos de repressão também havia uma quadrilha de ladrões. Logo depois da invasão da gráfica do *Voz Operária*, Montenegro recebeu do partido 60 mil dólares para recuperar uma estrutura de impressão do jornal. Uma equipe do DOI prendeu Montenegro, matou-o com a injeção, e depois foi na sua casa pegar os 60 mil dólares. O dinheiro foi rateado na cúpula do DOI”.

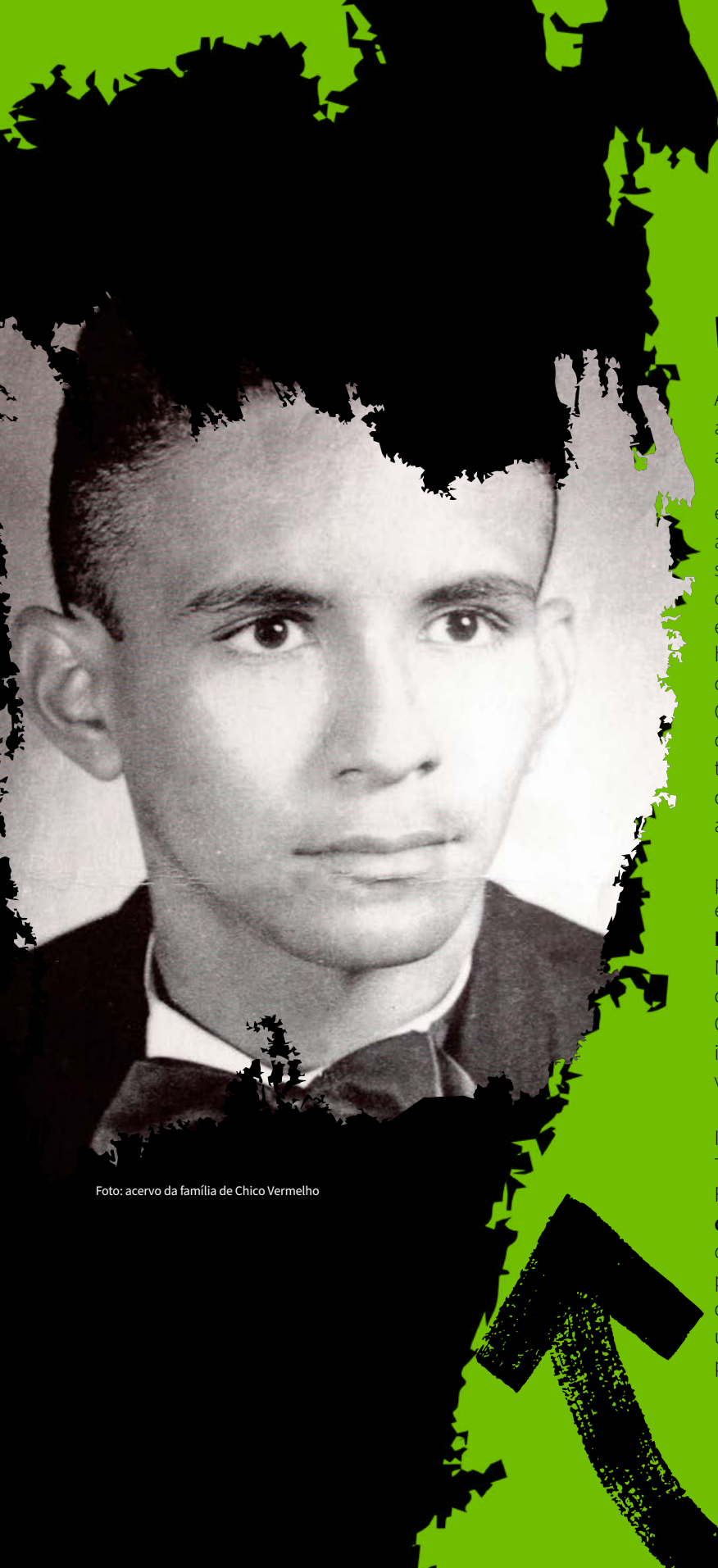


Foto: acervo da família de Chico Vermelho

EM TEMPO

A morte de José Montenegro de Lima, aos 32 anos, foi reconhecida pelo Estado brasileiro apenas em 12 de março de 1996.

Audir Santos Maciel, coronel do Exército, ex-chefe do DOI-CODI no período do assassinato do jornalista Vladimir Herzog, supostamente quem acompanhou o caso de José Montenegro Lima, foi denunciado, em 2008, pelo Ministério Público Federal por homicídio duplamente qualificado e ocultação de cadáver. Ele, um antecessor do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, também denunciado pelos mesmos motivos, em 2010, teve a ação arquivada pela Justiça Federal de São Paulo, mesmo com diversas outras acusações de crime contra a humanidade.

José Montenegro de Lima foi homenageado pelo PCB, pela União da Juventude Comunista e Fundação Dinarco Reis com a entrega da **Medalha Dinarco Reis** a seu irmão Francisco Montenegro de Lima, em julho de 2012, durante o VI Congresso da União da Juventude Comunista, reconhecendo a sua coragem, idealismo, bravura e sua importância como verdadeiro brasileiro.

O Diretório Central dos Estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), com sede em Fortaleza, se chama **DCE José Montenegro de Lima**. Ainda guardam na parede a imagem de José, colocada ali por Arnóbio Rocha, presidente do grêmio refundado, após destituição do Centro Cívico da Escola. Esta seria uma homenagem àquele que seria o último presidente do grêmio antes do golpe de 1964.





CHICO VERMELHO

E OS CLUBES SOCIAIS POPULARES DE ITAPIPOCA

Os clubes sociais e recreativos surgiram como associações voluntárias de indivíduos da sociedade. Esses clubes poderiam ser bem democráticos, abertos a todos que ali desejassem ingressar, ou não, serem destinados apenas a uma categoria, classe específica (médicos, advogados, comerciantes etc.) ou mesmo mais conservadores, destinados aos reconhecidos membros da elite econômico-financeira de determinada região. Contudo, tanto uns como os outros tinham a mesma intenção: promover a socialização de seus associados ou frequentadores, fosse por atividades sociais, culturais e/ou esportivas.

Na história dos clubes sociais de Itapipoca, um nome a ser lembrado é o de **Francisco Montenegro Andrade**, o **Chico Vermelho** (03.01.1915-20.12.2017), que desde a sua juventude promovia festas dançantes, principalmente destinadas à participação popular, que não teria onde se encontrar e divertir-se, ao contrário das famílias ditas tradicionais e mais favorecidas que tinham sede no **Clube Social Imperatriz**.

O Chico determinou-se a organizar um salão de dança no bairro Boa Vista, no local onde encontramos mais tarde a procurada padaria do João do Pedão. No ano seguinte, criou outra casa de dança, a **Taba Falsa**, onde depois funcionaria a pensão da dona Nana, o Hotel Municipal e, hoje, a Prefeitura.

Após o fechamento do Taba Falsa, Chico Vermelho inaugurou o **Salão Azul**, que se localizava próximo à igreja de São Sebastião.

Ao lado de seus irmãos e tios (João Pretinho, Chico Preto e Zé Barroso) construiu uma sede própria, o **Safira**, localizada onde depois seria instalada a padaria do Zé Benito.

A frequência era tão grande que a nova sede ficou pequena para a demanda, de maneira que o Chico teve que procurar outro lugar para sediar um novo clube que, por ter uma estrutura alpendrada, receberia a denominação de **Casa de Farinha**.

Assim, em 12 de dezembro de 1952, na rua Oswaldo Cruz, estrearia a Casa de Farinha, clube cujo palco de muitas festas reunia sanfoneiros, como Sebastião Coelho (atração de estreia), Geraldo Sanfoneiro, Zé Arimateia, Capitão, e, mais tarde, bandas de forró, especialmente na década de 1980, como o Clementino Moura, Mastruz com Leite, Brásas do Forró, Forró Real, entre outros. Conta-se que muitos casos de amor nasceram ali, naquele clube. Provavelmente, outros acabaram...

Para seus empreendimentos culturais, ele, que também era um grande folião e um dos fundadores do maracatu **Az de Espada**, sempre contava com o auxílio dos amigos, entre eles: maestro José Frota Neto, Rurik de Souza, João Pretinho, Chico Preto, Bastiola, Zé Barroso, Zé Mulato, Cafita, Du-zinho Montenegro, Chico Viriato, Lair Teixeira, sargento Rolim e muitos outros.

Chico Vermelho era marido de Maria dos Santos Montenegro, a dona “Santa”, teve 13 filhos e faleceu aos 103 anos de idade.





Chico Vermelho jovem

A CASA DE FARINHA: COMPRADA POR DUAS CAIXAS DE CERVEJA!

Essa história nos é contada pela família do Chico Vermelho: o clube anterior, o Safira, já não comportava mais o público que o frequentava.

O Chico passou a procurar um terreno para construir a sede do novo clube e encontrou um que pertencia ao seu compadre Antônio Tabosa, que, na época, residia em Assunção, distrito de Itapipoca. Solicitou aluguel do terreno e a permissão para construir o seu clube dançante.

Enquanto o construía, as pessoas que passavam ao redor, curiosas, perguntavam o que seria dali. “Uma casa de farinha”, respondia o Chico Vermelho. E continuava: “Vai vir mandioca de tudo quanto é canto!” – as “mandiocas”, confidenciava, “seriam os rapazes”...

Um dia, durante uma festa, o Antônio Tabosa apareceu e lhe disse: “Compadre Chico, estou sem dinheiro. Você poderia me ceder duas caixas de cerveja? Estou precisando. Quando na semana eu descer da Assunção, eu lhe pago.”

Dito e feito. Quando o Antônio Tabosa voltou para fazer o tal pagamento, o Chico não quis aceitar. “Não precisa, não, compadre”. Foi quando o Antônio disse que aquilo era um teste para o Chico. Que realmente ele era um “homem digno, de verdade”, e que, a partir dali, o terreno do clube seria dele. Daí a conclusão de que a Casa de Farinha foi comprada por apenas 2 caixas de cerveja. E tome festa!

CASA DE FARINHA

(Amaury Benevides)

Que bom dançar um xote lá em Itapipoca./ Na Casa de Farinha a gente pode se espaiá... / Não perco mais um xote lá em Itapipoca./ Cidade agora minha sempre vou voltá. //Tem Maria que dançando é uma gracinha./ Também tem a Joana que é aquela sensação./ Toinha, Beth e Ana seguem sempre a mesma linha./ Sarinha, bonitinha, causa aquela animação.//A turma é boa, não se apoquentá./ Só pensa em divertir-se e tirar moça pra dançar./ Se por acaso um gaiato se apresenta, lá vem Chico Vermelho e põe a ordem no lugar.//Tem o Cafita, um sujeito decidido./ O Chico Viriato faz loucuras no salão. /Toin, Tanticco, Zé, Veri, João, Mané e Chico./ Zé Ivo, de capanga, causa aquela sensação./O Silva Novo, incrementado,/com a moça de rendinha sempre está a paquerar./Vem João Pretinho tirá a moça, dança e canta./A lua tá bonita vamos fora ela oiá...

Declamação

Cafita véi, quem vai em Itapipoca e não dança um xote na Casa de Farinha, não sabe o que está perdendo! Meu amigo Amaury Benevides fez essa e nós estamos defendendo... PUXA O FOLE, NETINHO DOS TECLADOS!!!! Menino, um xote desses a gente dançando lá na Casa de Farinha do meu amigo Chico Vermelho, agarrado com uma cabocla da Baleia, é gostoso demais! Zé Ivo chega, penera...



Foto: acervo da família de Cafita

Dona Santa, Júlio César e Chico Vermelho



“Neste ano em que completamos 200 anos de emancipação política de Itapipoca, celebramos o nosso passado com o olhar para o futuro. É momento de exaltar a força da nossa gente e o amor por esse município que não para de crescer. Por isso, desejo o melhor para a nossa ‘Terra dos Três Climas’, na certeza de que já estamos construindo no presente, um amanhã de novas conquistas!”

Felipe Pinheiro, prefeito de Itapipoca, idealizador deste Almanaque.

“Poder fazer parte da história e do desenvolvimento de Itapipoca me deixa muito feliz e grata. Itapipoca é uma terra acolhedora, de gente forte e guerreira, e nos seus 200 anos desejamos sonhar com uma terra mais feliz, onde nossas crianças sejam cuidadas para que possamos reafirmar a missão de um futuro melhor de equidade e dignidade para todos.”

Liziany Medeiros, primeira dama de Itapipoca.

“Itapipoca foi uma vivência muito fecunda em minha adolescência. Parece que vivi esses duzentos anos em duzentas vezes em que lá estive. Desejo a esta terra (sertão, serra e mar) tão mágica e acolhedora, que continue abraçando seus filhos da mesma forma que fui abraçado. Itapipoca ainda pipoca em mim!”

Valber Benevides, caricaturista, ilustrador, artista plástico e autor da capa deste Almanaque.

PERSONALIDADES

Valber Benevides

é pintor, escultor, chargista, ilustrador, quadrinista e artista plástico. Ganhador de diversos prêmios de reconhecimento nacional e internacional, seja com suas caricaturas, charges e/ou esculturas, atualmente

participa como caricaturista do programa “Leruaite”, apresentado pelo cantor e humorista Falcão, na TVC. Ele é o criador da capa deste Almanaque.



Foto: arquivo pessoal de Valber Benevides

Tereza Félix Malaquias

a “Tereza do Congo”, nasceu em 7 de fevereiro de 1927. Residiu por toda sua vida no bairro Alto Alegre, em Itapipoca. Apesar de exercer a função de professora, tornou-se mais conhecida por suas rezas na

cidade e municípios vizinhos. Era tida por todos como a maior curandeira de Itapipoca e a sua casa estava sempre cheia de pessoas – muitas delas carentes e humildes, mas também políticos e comerciantes – que a buscavam para serem atendidas em suas mais diversas necessidades, principalmente, de saúde. Durante quase 70 anos de missão como rezadeira, dona Tereza nunca cobrou nada de ninguém e, sempre disposta a ajudar, atendia a cerca de 40 a 50 pessoas por dia. Faleceu em 19 de setembro de 2023.



Foto: acervo Ascom da PMI

O MONSENHOR TABOSA DE ITAPIPOCA

Antônio Tabosa Braga, o monsenhor Tabosa, o “Apóstolo do Ceará”, nasceu em Itapipoca (ainda denominada Vila da Imperatriz), em 18 de dezembro de 1874.

Naquela época, havia terminado a Guerra da Secessão (1861-1865), a maior guerra civil da história dos Estados Unidos, que, em paradoxo, trouxe benefício para muitos municípios cearenses produtores de algodão, inclusive para a, então, Vila da Imperatriz.

Era filho do capitão Domingos Francisco Braga e de Ana Luísa Tabosa Braga, uma família de grande prestígio na região e muito amiga do padre Antero José de Lima, sacerdote que batizou o filho do casal.

Desde criança, Antônio tinha grande afinidade pela fé Católica, o que fez com que, aos 13 anos, partisse para Fortaleza com o objetivo de estudar no Seminário da Prainha. Curioso: quando cursava o primeiro ano de Filosofia, se desentendeu com o padre reitor Júlio Simon, sendo convidado a se retirar dali: “Não tinha vocação para a batina”, sentenciava o seu superior. Não satisfeito, Antônio buscou o Seminário da Paraíba, onde se ordenaria padre em 6 de novembro de 1898.

Orgulhoso, naquele ano, no dia 19 de dezembro, celebrou a sua primeira missa em sua terra natal, Itapipoca, seguida de uma grande festa, ao som da orquestra dirigida pelo maestro Zacarias Gondim, de Fortaleza. Monsenhor Antero José de Lima afir-

mou que, até aquela época, este evento teria sido “a maior solenidade realizada em Itapipoca, só ultrapassada pela inauguração da Matriz em 1891”.

Contudo, sua primeira Paróquia foi em Santa Quitéria, em 3 de abril de 1899. Ali, construiria escolas, assim como fez em Pacoti, onde passou a residir como vigário em 24 de março de 1906, na qual fundou o Instituto São Luís que, anos depois, seria transferido para Fortaleza pelas mãos de Menezes Pimentel, futuro governador (interventor) do estado do Ceará.

Transferido em 27 de setembro de 1921 para Fortaleza, assumiu, em 2 de outubro, a Paróquia



de Nossa Senhora do Carmo. Ainda naquele ano, tamanho o seu prestígio, passou a atuar como vigário-geral da Arquidiocese de Fortaleza.

Na década de 1920, diante da realidade, do sofrimento e estigma daqueles na época denominados “leprosos” – a curável hanseníase de hoje –, dedicou-se à construção do **Leprosário de Canafístula**, em Redenção. Para isso, contou com o apoio do Governo do estado e de grande recurso oferecido pelo industrial **Antônio Diogo**, que seria homenageado, anos mais tarde, com o empréstimo de seu nome à entidade fundada em 9 de agosto de 1928. A **Colônia Antônio Diogo**, que resiste até hoje, é o mais

antigo equipamento vinculado à Secretaria de Saúde do Estado do Ceará.

Faleceu em 12 de abril de 1935.

Por ironia do destino de todas as coisas, talvez para a estranheza do padre reitor Júlio, se ainda fosse vivo, claro, a rua do Seminário da Prainha, uma das vias mais importantes de Fortaleza, traz até hoje o nome daquele então jovem seminarista: **avenida Monsenhor Tabosa**.

Da mesma forma, há uma avenida em Itapipoca em sua homenagem, e, entre 1936 e 1937, a localidade de Forquilha, depois Telha, vinculada a Tamboril, receberia a denominação de Monsenhor Tabosa, outra homenagem ao grande sacerdote itapipoquense.

O SACERDOTE JORNALISTA

Por iniciativa e auxílio do terceiro bispo e primeiro arcebispo do Ceará, dom Manuel da Silva Gomes, foi fundado o jornal **O Nordeste**, que teve a sua primeira edição circulada em 22 de junho de 1922. Não era um órgão oficial da Igreja católica, mas era conduzido pelos seus ideais e interesses. Ou seja, independentemente dos artigos que publicava, destinado a qualquer leitor, seu objetivo, ao final, seria o fortalecimento da fé católica e cristã. Para isso, questionava e abertamente condenava tudo que poderia ser contrário ao que julgava ser da moral e bons costumes, que ameaçasse a ideia de família tradicional, ou mesmo que se configurasse um inimigo da Igreja, como o Espiritismo, o Comunismo e o surgimento das escolas leigas, ou seja, aquelas que não eram dirigidas por congregações religiosas. A partir da criação da Liga Eleitoral Católica (LEC), em 1932, poucos anos antes do falecimento de monsenhor Tabosa, iniciaria uma fase ainda mais política do jornal, mas esta é outra extensa história...

O pesquisador Geraldo Nobre, em sua *Introdução à história do jornalismo cearense*, nos conta que o êxito deste periódico, que circulou durante 45 anos, “foi devido, em grande parte, ao em-

penho com que o **monsenhor Antônio Tabosa Braga** recorreu às famílias católicas, tanto da capital como do interior, para que assinassem o dito jornal, dotado, aliás, de excelentes redatores”. Entre esses redatores, Andrade Furtado e Luís Sucupira, além do próprio monsenhor Tabosa.

“Tenho muito prazer de apresentar ao público do Ceará **O Nordeste**, que vai se impor ao nosso meio pela linha corretíssima que manterá em todas as questões pelas quais se bate. Não perderá a serenidade de espírito, mesmo no acesso dos debates, a caridade presidirá a todos os seus atos, sem esquecer os princípios da justiça. A Fé Católica será o farol brilhante que há de projetar luz abundante em toda a trajetória da sua vida. **O Nordeste** será um paladino forte da fé, um elemento de ordem em todas as circunstâncias e uma vigilante garantia do princípio de autoridade. **O Nordeste** será em todas as épocas, um destemido soldado da pátria, um amigo devotado da família, um servo fiel dos que padecem, e com a graça de Deus, um fervoroso apóstolo da Religião.

Padre Antônio Tabosa, em O Nordeste, em 7 de junho de 1922.



Seminário da Prainha



CENTRO DE CONVIVÊNCIA ANTÔNIO DIOGO

De fato, a dedicação do sacerdote era tão grande – nos seus sermões, aconselhava a assinatura do jornal –, que muitos asseguram que **O Nordeste**, não fosse ele, findaria como outros jornais originalmente católicos, como o **Tribuna Católica**, ou se afastaria de seu objetivo inicial, como **O Correio do Ceará**.

Há uma frase de monsenhor Tabosa, a respeito do jornal, que é relembrada pelos seus contemporâneos: “Quando morrer, quero ser envolvido em números do jornal **O Nordeste**”. Não sabemos se isso se deu. Cremos que a Igreja não permitiria essa “excentricidade”.

Em tempo: o padre e depois monsenhor Tabosa também escrevia para outros jornais, muitas vezes usando o pseudônimo de “Velho Nicodemus”. Chegou até a ser eleito para a Academia Cearense de Letras (ACL), mas depois renunciou.

Na época de sua fundação, os pacientes diagnosticados com a doença eram compulsoriamente isolados na Colônia, afastados da sociedade que os temia. O modelo de colônias, com a mudança de paradigma, desde da década de 1950, passou a ser combatido por pesquisadores e profissionais de saúde. Hoje, o Centro de Convivência Antônio Diogo tem outro tipo de tratamento, entende a doença e o paciente de outra forma, inclusive apresenta um trabalho de reinserção dos pacientes na sociedade, por meio do fortalecimento de vínculos e integração social.

Centro de Convivência Antônio Diogo





O povo Tremembé da Barra do Mundaú abraçando o mar

TERRITÓRIO PROTEGIDO:

TERRA INDÍGENA TREMEMBÉ DA BARRA DO MUNDAÚ

A dentrar a **Terra Indígena Tremembé da Barra do Mundaú** é como atravessar um portal: a estrada de terra vermelha nos leva a um lugar encantado, no qual o tempo passa diferente. Não é à toa: passado, presente e futuro estão *trançados*.

Sim, o tempo aqui realmente passa diferente! Os povos originários de Itapipoca, colonizados em 1744, só teriam as suas terras reconhecidas em 2002, ano em que o povo Tremembé passa a reafirmar a sua identidade indígena. O processo de demarcação física pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) ocorreria apenas em 2018. E o reconhecimento de 3.580 hectares dos primeiros donos da terra seria garantido somente em 2023.

Foi no dia 28 de abril de 2023 que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva homologou a **Terra Indígena Tremembé da Barra do Mundaú**, durante edição do Acampamento Terra Livre (ATL), em Brasília.

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 231, garante o direito originário dos povos indígenas às terras indígenas, cujo processo de demarcação é disciplinado pelo Decreto n.º 177/96.

No ano em que Itapipoca celebra 200 anos de emancipação política, a garantia da terra protegida é motivo de grande comemoração entre os tremembé da Barra do Mundaú. Porém, esse é um povo que não esquece a longa estrada que percorreu, nem a dos que vieram antes, abrindo os caminhos. Tudo resultado de muita luta, resistência e resiliência. Mas a luta não para por aí!

DESINTRUSÃO

A Terra Indígena Tremembé da Barra do Mundaú é dividida entre quatro aldeias: Buriti de Baixo, Buriti do Meio, Munguba e São José. Ali, cerca de 160 famílias que vivem nestas aldeias têm a base de sua economia na pesca artesanal, caça e agricultura familiar. As casas de farinha continuam em pleno funcionamento: produzem farinha branca, farinha d'água e goma de tapioca.

Essas famílias compartilham da Creche Curumim e Cunhatã, da Escola Indígena Brolhos da Terra, dos espaços coletivos, do Ponto de Apoio à Saúde Indígena e do Ponto de Cultura Recanto dos Encantados.



Mas nem todos que vivem ali se reconhecem como indígenas. Por isso, uma vez conquistado o direito à terra, a luta agora é pela **desintrusão**, ou seja, a retirada de “intrusos”, pessoas que estão ocupando a área de forma ilegal. No caso de terras indígenas, a medida promove a retirada de não-indígenas dessas terras.

Para as lideranças **Adriana Tremembé** e **Erbene Tremembé**, é fundamental que ocorra a desintrusão para que apenas pessoas que se reconheçam como indígenas usufruam de suas terras.

EDUCAÇÃO INDÍGENA

A preservação e o resgate da ancestralidade são essenciais para os povos indígenas. Na Escola Indígena Brolhos da Terra estudam 148 estudantes do Ensino Fundamental, anos iniciais e finais, e do Ensino Médio.

O prédio da escola foi construído em 2010 – antes, o estudo acontecia em lugares improvisados, mesmo em um alpendre à sombra de uma árvore. Hoje, crianças e jovens usufruem de salas de aula equipadas, biblioteca e sala de informática.



Pintura da pele

Além do currículo regular, os alunos estudam a cultura indígena. Muitos jovens que já finalizaram os seus estudos no território, agora estão nas universidades. Mas não esquecem as raízes: retornam para retribuir com novos conhecimentos à comunidade e avançar nas lutas pela melhoria de seu território.

Dentro do ensino da cultura indígena, a escola mantém o ritual de dança do **Torém**, diariamente, em todos os turnos. “É importante o nosso ritual. É a representação da nossa identidade, da nossa cultura, da nossa espiritualidade”, explica a secretária da Escola Brolhos da Terra, **Raquel Tremembé**.





Adriana Tremembé



Erbene Tremembé

ELAS USAM COCAR

Reza a lenda que apenas os indígenas homens poderiam usar cocar para proteger os guerreiros das más energias e promover uma conexão com o Grande Espírito. Mas a nossa história se passa em Itapipoca, tendo como cenário a Terra Indígena Tremembé da Barra do Mundaú. E lá as protagonistas são guerreiras!

O Povo Tremembé da Barra do Mundaú tem como liderança duas mulheres: **Erbene** e **Adriana Tremembé**.

São elas que estão na linha de frente das batalhas, lutando por direitos, pela preservação de sua cultura e pela proteção de seu território.

E o fazem como deve ser: com as suas “coroas”, os seus cocares, na cabeça! Quem melhor poderia ser guardiã da Mãe Natureza do que uma mulher?

Para saber mais sobre o povo tremembé, siga: **@tremembe_da_barra_**

TORÉM É LUTA!

Ritual sagrado, ancestral e tradicional das comunidades indígenas tremembé, o **Torém** é símbolo da relação de um povo com a sua cultura, espiritualidade e natureza. Ultrapassando gerações, Torém é resistência!

Acompanhada de cânticos ancestrais, tambores e instrumentos musicais tradicionais, a dança do Torém está presente na comunidade da **Escola Indígena Brolhos da Terra** ao **Recanto dos Encantados**, um dos Pontos de Cultura registrado e reconhecido pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (Secult-CE).

O Torém dos tremembé da Barra do Mundaú vai além dos limites de seu território. Em 2016, foi criado o **Grupo Parente Torém**, que representa, por meio da dança, o Território Indígena Tremembé da Barra do Mundaú. O espetáculo se chama “Revelação dos Encantados”, e tem a direção do coreógrafo e **artisvista** Gerson Moreno, fundador da **Cia Balé Baião de Itapipoca**. O espetáculo integra as aldeias de Buriti do Meio, Buriti de Baixo, Munguba e São José, exaltando a força dos encantados: costumes, tradições e resistência do povo indígena, a sua espiritualidade e ancestralidade.





Festa do Murici e do Batiputá



FESTA DO MURICI E DO BATIPUTÁ

O murici e o batiputá são frutos dados pela Mãe Natureza na Terra Indígena Tremembé da Barra do Mundaú. O **murici** é o fruto amarelado do murici-zeiro que, em Tupi-Guarani, significa “árvore pequena”. É utilizado como **alimento**, tendo propriedades cicatrizantes, anti-inflamatórias, antioxidantes, e é também uma boa fonte de vitamina C.





O **batiputá** é o fruto pequenino de uma planta nativa da região da Barra do Mundaú. Dele é extraído um “óleo milagroso”, reconhecido pelos tremembé por suas qualidades *curativas e espirituais*.

Portanto, para eles, o murici é **o fruto que alimenta** e o batiputá **é o fruto que cura** – sendo também utilizado na culinária indígena. Os dois frutos são celebrados anualmente, na segunda semana do mês de janeiro, na **Festa do Murici e do Batiputá**.

Os festejos duram cinco dias e acontecem no Ponto de Cultura Recanto dos Encantados. É um

momento sagrado de colheita e partilha dos frutos, louvação à natureza, fortalecimento da espiritualidade, dança e cura.

Na programação, colheita de murici e do batiputá na mata e produção de receitas tradicionais com os frutos, competições de modalidades indígenas, ritual de consagração dos frutos e de agradecimentos à Mãe Natureza, reisado dos curumins, homenagem aos troncos velhos, apresentação de Torém, ritual de batismo indígena na Fonte das Águas, entre outros rituais sagrados etc.



Itapipoca é um polo de lendas e histórias contadas e repassadas de geração a geração. Em 2000, o pesquisador e memorialista **Marcos Braga** conversava com antigos moradores de Arapari e Assunção, na região serrana do município, em busca de histórias curiosas para a produção de um espetáculo teatral cujo título seria *Vila Velha e suas Histórias*. A peça seria realizada na igreja de Arapari e na Bienal Internacional do Livro do Ceará, ambas em 2006.

Curiosamente, desde então, algumas pessoas passaram a procurá-lo para doar objetos antigos para uso como material cênico. Mais curioso ainda: após essa doação, com pouco tempo, essas mesmas pessoas faleciam! Quando isso acontecia, surgiam especulações, e Marcos respondia: “Essas pessoas já estavam bem velhinhas e esperavam apenas encontrar um novo guardião para aqueles bens tão queridos.”

Com o passar do tempo e a reunião desses objetos, Marcos criou o **Museu Itinerante de Itapipoca**, dando vida e significado àqueles objetos que, agora, encantam as novas gerações com suas histórias. E ele continua adquirindo novas relíquias para sua coleção, constituída de objetos de seu acervo particular, familiar, dos bens doados e daqueles adquiridos em antiquários.

Da sua pesquisa de histórias da qual falamos anteriormente, publicou *Ita que Pipoca: lendas e contos para meninos e meninas*, lançado em 2021.

A “Lenda dos Três Climas”, o “Engenho de Fiar”, “As Sete Bruxas” são algumas das histórias que fazem parte da mitologia Itapipoquense, imortalizadas nas páginas dessa obra e que continuam a ser repassadas e contadas por moradores locais em roteiros turísticos da cidade.

Ao lado, uma das lendas do livro, que versa sobre o surgimento do “Cruzeiro da Balança”.

UM CERTO SENHOR JÚLIO

Um senhor que mora em São Gonçalo, localidade de Itapipoca, contou-me que na época da colonização, um homem conhecido como “Júlio” ficou doente de um mal chamado **sezão**.

A doença foi aumentando aos poucos e, numa profunda tristeza, fez uma promessa a santa Rita de Cássia das causas impossíveis. Em suas orações pediu por sua família, por seus amigos e até por seus desafetos.

Prometeu à santa Rita de Cássia que, se fosse curado, retornaria de onde estivesse com o maior tronco de madeira que encontrasse, e o traria nas costas, e dele, ergueria um grande cruzeiro.

O tempo passou, as pessoas já tinham costume de rezar pelo finado Júlio. Foi um milagre: trazendo nas costas um enorme tronco de madeira de lei, um velho barbudo feito animal. No início, todos ficaram apavorados sem reconhecer o tal homem, mas era o Júlio que descia da serra, curado e vitorioso, graças à santa Rita de Cássia e a fé que o povo tem pelos santos.

O cruzeiro foi erguido e até hoje é conhecido por todos como o “Cruzeiro da Balança” numa prova que a fé remove montanhas. Você também não acha?

Marcos Braga, em *Ita que Pipoca: lendas e contos para meninos e meninas*.



O Cruzeiro da Balança





Parque de Exposições Cel. Hildeberto Barroso

EXPOITA: QUANDO A AGROPECUÁRIA É FESTA!

O nome pode até ser autoexplicativo, mas engana-se quem acha que a **Exposição Agropecuária de Itapipoca** ou **ExpoITA**, se limita a uma simples exposição agrícola e pecuária. Esta que é atualmente a maior exposição agropecuária do Norte-Nordeste, também oferece uma programação cultural diversificada, ressaltando a cultura do município à multidão que vem de diversos distritos e até de municípios vizinhos para participar dessa grande festa.

Desde 12 de dezembro de 2019, por força da Lei nº 17.123, a ExpoITA está inserida no calendário oficial de eventos do estado do Ceará, anualmente, no terceiro trimestre.

Há de se exaltar, contudo, que o tradicional evento tem como objetivo primeiro promover e celebrar a agricultura, a pecuária e a cultura itapipoquenses.

A exposição tem sede no **Parque de Exposições Coronel Hildeberto Barroso**. É quando o agro entra em festa. No Parque, tradição e modernidade caminham juntas, destacando a importância da agropecuária na região e proporcionando

entretenimento e aprendizado para a comunidade local e para os visitantes.

O Parque é aberto para visitação diária e costuma oferecer, entre outras atrações, torneios variados, parque de diversões, rodeios, fazendinha e a Feira de Saberes e Sabores, na qual é possível encontrar, além de comidas típicas, muito artesanato e autores locais da literatura.

Nessa história, o desenvolvimento econômico da região é quem ganha, uma vez que a ação é responsável por atrair uma grande quantidade de visitantes e fomentar renda e trabalho, aquecendo o mercado local.

Na edição em 2023, que teve apoio da ADPREI, Sitema Faec/Senar, Sebrae, Banco do Nordeste do Brasil, Governo do Estado do Ceará e iniciativa privada, uma novidade foi a campanha de arrecadação de alimentos para o **Programa Ceará sem Fome**, que arrecadou cerca de 50 toneladas, manifestando um grande exercício de responsabilidade social e, talvez, manifestando-se como uma das maiores ações solidárias do país.





Fotos da matéria: acervo da Ascom da PMI



ENTRETENIMENTO PARA TODOS OS GOSTOS E BOLSOS

Na programação da ExpoITA, agricultores e pecuaristas têm a oportunidade de mostrar seus produtos, animais de criação e técnicas agrícolas mais avançadas. Foram mais de 100 expositores presentes em 2023 e um público estimado de 300 mil visitantes.

Uma das atrações mais marcantes é a exposição de animais, incluindo bovinos, ovinos, caprinos, equinos, suínos e aves. Isso proporciona aos criadores a chance de competir e exibir seus melhores exemplares, além da realização de negócios.

A feira de produtos agrícolas garante que os visitantes podem comprar produtos frescos, alimentos típicos da região, produtos da agricultura familiar.

O compromisso em oferecer entretenimento para todas as idades, gostos e crenças também enriquece a ExpoITA, numa programação que abrange desde parque de diversões para crianças, competições de **Motocross**, **Bike Cross BMX**, vaquejada e até grandes shows musicais no Palco Cultural, incluindo apresentações cristãs, tanto católicas quanto evangélicas, missa campal e culto de adoração. Entre alguns dos convidados para esta festa: Ana Clara, Ítalo Poeta, Rosa de Saron, Bruna Carla, Galícia, Marcinho Sensação, Wesley Safadão, Iguinho & Lulinha, Lana Mara, Romarinho, Desejo de Menina, Limão com Mel e muitos outros.

Hoje, imaginar Itapipoca sem a **ExpoITA** é como azedar o clima. Coalhar os três, de uma vez só.



A CASA DE TEATRO DONA ZEFINHA

A Casa de Teatro Dona Zefinha está comemorando 10 anos!

O espaço foi criado para receber, acolher e partilhar conhecimento artístico. Ao mesmo tempo, é um lugar que abriga o acervo das produções musicais e cênicas do grupo Dona Zefinha em seus 30 anos de estrada.

Localizada em Itapipoca, no Jenipapo, a casa antiga abrigava o depósito de uma farmácia. Por isso, é toda dividida, conforme já idealizava o grupo, com ambientes para exposições, dormitório, produção de música, ensaio, teatro e figurinos. Hoje, recebe artistas de todo o Brasil e do mundo.

Desde 2011, a Casa atua como um centro cultural, proporcionando atividades de formação estética, de intercâmbios multidisciplinares e fomentando a difusão de espetáculos de música, teatro e circo nos bairros e distritos do município, em uma agenda itinerante.

A programação cultural é mantida com apoio de leis de incentivo, editais públicos estaduais, nacionais e internacionais atendendo a públicos diversos de faixa etárias distintas.

O lugar é pequeno e aconchegante e aos poucos vem contribuindo na circulação e no consumo de bens simbólicos no interior do Ceará, tornando-se uma plataforma de acolhimento e paragem de artistas do Brasil e do mundo, proporcionando experiências inesquecíveis para o maior usuário das artes: o público.

Para as apresentações de espetáculos, a Casa conta com um espaço de 80 lugares.

A relação do grupo com a cidade é muito forte: é influenciado e influencia. Escutar Dona Zefinha é ouvir os dizeres, a forma de falar da Itapipoca em uma relação voltada para os afetos.

DONA ZEFINHA

Para contar a história do grupo, temos que viajar para o Cariri, onde nasceram os três irmãos: Orlângeo Leal, Ângelo Márcio e Paulo Orlando. A Dona Zefinha, inspiração para o título do grupo, era uma vizinha que se tornou parte da família.

Costureira, casada com um sapateiro, **Josefa de Souza Silva** teve sete filhos, mais o trio de irmãos, que passava férias, natais, aniversários e outras datas comemorativas em sua casa. Para além do lado afetivo, dona Zefinha é também um arquétipo da mulher brasileira.

O nome **Dona Zefinha** foi adotado pelo grupo em 2000. Em 2001, foi lançada a banda, com a gravação de um clipe e do disco **Cantos e Causos**, ao vivo, no Theatro José de Alencar, em Fortaleza.

O disco celebra a diversidade rítmica brasileira, dos cantos de trabalho e dos causos cômicos, numa releitura mais contemporânea da musicalidade dos emboladores, bandas de pífanos, cocos e outras manifestações brasileiras. Mistura teatro, música, artes da palhaçaria e outras linguagens.

O grupo já viajou a 13 países levando os seus espetáculos. A primeira viagem foi em 2004, para Seul, na Coreia do Sul. Foi um marco para o grupo que, do interior, quebrava a fronteira com a capi-



Foto: Aurélio Alves

tal, em uma época em que as políticas culturais ainda eram muito centralizadas em Fortaleza.

A dona Zefinha, a mulher, faleceu em 2021. Em vida, acompanhou o sucesso do grupo que leva o seu nome, e conheceu também a Casa de Teatro.

DOCUMENTÁRIO “CASA DE ZEFINHA”

Em celebração aos 10 anos da Casa de Teatro Dona Zefinha, o grupo lançou, em agosto de 2023, o documentário “Casa de Zefinha”. Com roteiro de Orlângelo Leal e direção de Joélia Braga, o curta-metragem de 30 minutos traz entrevistas com Dona Zefinha, membros de ambas famílias, passeia pela construção do grupo e revela a importância cultural e artística da Casa de Teatro Dona Zefinha em depoimentos de artistas de várias localidades.

O vídeo conta com o apoio da Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cul-

tura, com recursos provenientes da Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc. O documentário *Casa de Zefinha* está disponível no *Youtube*.

PEDRA QUE ESTALA

Orlângelo Leal

De onde venho as pedras estalam
Águas correm forte lá do Mundaú
Ferrada pedra mistérios barulhos
Zumbidos noturnos dos nossos ancestrais
Eu sou caboclo brincante
Sede medonha água de Manin
Fui anacé, sou Tremembé
Guerreiro de Tupã

Senhora mãe dos vales
Do maciço que gerou
Lendas, botijas e contos
Linda sereia que sonhou

Imperatriz dos mares
Das serras e do sertão
Liberta do sono profundo
Expandi na imensidão
I-t-a-ta p-i-pi p-o-po c-a-ca
I-t-a-ta p-i-pi p-o-po c-a-ca
Itapipoca
Pedra que estala!





Primeira formação da Banda Municipal de Itapipoca

BANDA MUNICIPAL DE ITAPIPOCA 50 ANOS

Itapipoca, como já expressamos em nosso *Almanaque*, é uma terra onde a música, o carnaval, a tradição popular, a história, a política e o futebol fizeram e fazem parte da história de muitos itapipoquenses.

Na música, traz um rico histórico de bandas de vários estilos, de maestros, de hinos e canções. Os primeiros registros das manifestações de cunho musical no município datam dos anos de 1920, quando os grandes fazendeiros, conhecidos como “coronéis”, criaram as primeiras bandas (filarmônicas) para que animassem as suas festas de casamento, aniversário, entre outras.

Na década seguinte, os maestros Frota, Edigar e o músico Rurik criaram a **Orquestra Itapipoca**, que durante alguns anos era presença mais certa nas melhores festas da sociedade itapipoquense.

Com o fim das filarmônicas e da Orquestra de Itapipoca, as festas perderam o brilho da música instrumental. Então, nos anos de 1940, a Paróquia de Nossa Senhora das Mercês formou a **Banda de Música da Paróquia**, então regida pelo maestro Edgar Santos. A missão dessa banda seria animar os festejos religiosos das igrejas católicas de Itapipoca ou mesmo de outros municípios que, costumeiramente, a solicitavam. Não se limitando a isso, também



Foto: Acervo Fernando Vasconcelos

fazia apresentações em eventos sociais e oficiais da administração pública municipal. Contudo, a Banda da Paróquia também se extinguiu. Foi quando diante do silêncio musical, percebeu-se a necessidade de criar uma banda de música que tivesse uma trajetória permanente, com músicos de carreira que tivessem estabilidade, assim como outras que já existiam em outros municípios cearenses.

A Prefeitura Municipal de Itapipoca, na administração do prefeito Gerardo Barroso, teve a iniciativa de criar a **Banda Municipal de Itapipoca**, adquirindo instrumentos musicais próprios e efetivando a contratação de maestro. Dessa forma, surgiram os ensaios e a formação do repertório da nova banda da cidade.

Originalmente composta por 17 músicos e regida pelo maestro **Marcos Ademar dos Santos**, o conhecido maestro Marquinhos, e contando com a colaboração do maestro José Frota Neto, há 50 anos, aconteceu a estreia da tão esperada Banda Municipal de Itapipoca.

A Banda se faz presente no cenário cultural Itapipoquense desde então, assumindo um importante papel de formação, entretenimento e inclusão social. Sim, pois durante a sua trajetória, passaram vários outros maestros que contribuíram significativamente para a formação musical de diversas crianças e adolescentes do município.

A Banda Municipal, então vinculada à Secretaria da Cultura do Município de Itapipoca, é integrada atualmente por 31 músicos servidores públicos, sob a regência do maestro **Fernando Vasconcelos**, e participa ativamente dos mais diversos eventos dentro e fora do município, sendo ainda considerada uma escola de formação para muitos músicos que hoje atuam em bandas populares, bandas militares e outros grupos musicais. Sua composição instrumental é formada por naipes de instrumentos de sopros (saxofones e clarinetes), de metais (trombones, bombardinos e tubas), cordas (guitarra e contrabaixo), teclas e percussão.

Viva a Música, a Arte, a Cultura e a Banda Municipal de Itapipoca.

PRIMEIRA FORMAÇÃO DA BANDA MUNICIPAL DE ITAPIPOCA

Luciano Correia e Eraldo Correia (Saxofones) | Paulo Camelo e Robério Siebra (Clarinetes) | José Correia e Juvenil (Trompetes) | Antônio Muniz (Trompa) | Batista Correia (Trombone) | Valdemir Sousa (Bombardino) | Sérgio, Murilo Corpis e Elioneido Farias (Tubas) | João Gonçalves e Betinho (Bumbo) | Pedrinho e Antônio Marques (Caixa) | Valmir Moreira (Pratos)



UM ILUSTRE DESCONHECIDO EM SUA TERRA

Leopoldo Vóssio Brígido dos Santos, mais conhecido pelo nome artístico **Leopoldo Brígido**, nasceu em Itapipoca, em 17 de janeiro de 1876, filho de Raymundo Vóssio Brígido dos Santos e de Maria José de Medeiros Brígido.

Cumpriu os preparatórios do Liceu do Ceará e partiu, aos 19 anos, para o Rio de Janeiro, ingressando na Escola Politécnica, porém, não concluindo os estudos.

Ainda no Ceará atuava publicando n'*A República*, periódico que apresentou as suas primeiras produções poéticas, colaborando posteriormente em outras revistas locais. No Rio, contribuía com diversos periódicos, entre os quais: *Semana*, de Valentim Magalhães, *Lanterna* (escrevia sob o pseudônimo “Emílio Letrado”, excertos de *Apontamentos para um Dicionário de Celebridades*, um estudo humorístico de fisionomias literárias, de Júlio Pompeu, além de no *Paiz*, *Tribuna* e *Gazeta de Notícias*. Com o tempo, exerceu cargo no Ministério da Fazenda e foi subdiretor do Tesouro Nacional, mas nunca deixando a literatura de lado, sendo muito respeitado como poeta, jornalista, teatrólogo e tradutor, de forma que recebeu de Andrade Muricy, um dos maiores críticos musicais e literários de seu tempo, a afirmação de ele estar “entre os melhores tradutores da poesia simbolista universal do Brasil”.

Entre as suas obras, *O Adeus de Gonzaga* (episódio dramático em verso, 1921); *Hamlet à Força* e *O Primo Ministro* (dramas), a ópera *Carmela*, com música de Araújo Viana, traduzida para o italiano por Heitor Malaguti, e *Poemas do Tempo* (poesias), que teve prefácio do poeta e jornalista Américo Facó. O Barão de Studart aponta que havia, em preparo, um livro de contos.

Leopoldo Brígido é um dos poetas contemplados, com o poema “Aranha D'Ouro”, na coletânea *Sonetos Brasileiros: 500 sonetos 481 retratos*, organizado por Laudelino Freire (1873-1937), futuro membro da Academia Brasileira de Letras, e ofertado à sua mulher, Iracema Orosco Freire, em 1913, com impressão no Rio de Janeiro.

Leopoldo Brígido faleceu no Rio de Janeiro, em 24 de agosto de 1947.



MEU GATO

No dorso o negro pelo é polvilhado
De fios de ouro, enquanto no macio
Alvo colo lhe brilha delicado
Como espuma na escura água de um rio.

Cisma sobre o sofá como cansado,
Lânguido, às vezes, no calor do estio,
E nos olhos de um verde carregado
Lhe passa um tom de mágoa fugidío.

Mas quando com prazer voluptuoso
Eriça o dorso, agita a cauda, esperto,
E súbito se agacha, cauteloso,

Parece um tigrezinho na calada,
Que espreita, para mais seguro e certo
Ir cair sobre a presa descuidada!



O HINÁRIO DE CARLYLE MARTINS

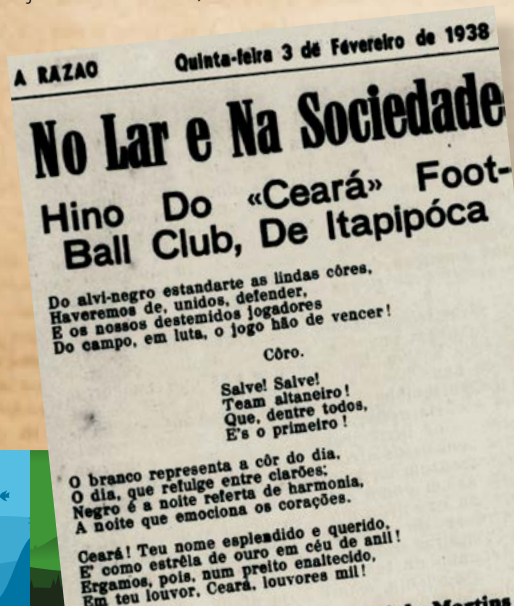
Carlyle Martins nasceu em Fortaleza, no dia 16 de junho de 1899 e faleceu em 2 de fevereiro de 1986.

Era filho de **Augusto Dias Martins**, nascido em Trairi em 11 de junho de 1863, e que teria exercido, durante bom tempo, a função de promotor de justiça em Itapipoca. Aliás, se Augusto não nasceu em Itapipoca, mas pelo menos por lá morreu, em 23 de abril de 1935. Os irmãos de Augusto, tios de Carlyle, eram grandes poetas cearenses: **Antônio Dias Martins Jr.**, jornalista, coautor de *As Três Liras* e autor do “Hino da Redenção”, um dos denominados Poetas da Abolição (ao lado de Justiniano de Serpa e Antônio Bezerra de Menezes), e **Álvaro Dias Martins**, o “Alvarins”, jornalista, republicano ferrenho, um dos fundadores do grêmio Padaria Espiritual e do Centro Literário, autor, entre outros, de *Pescadores da Taíba* (1895).

Carlyle graduou-se como bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Ceará, exercendo as funções de promotor, juiz municipal e juiz de Direito em várias cidades cearenses, entre elas, Itapipoca. Na literatura, atuou como poeta, biógrafo, ensaísta e ficcionista.

Contudo, em Itapipoca, ele que se tornaria amigo de muitas personalidades desta sociedade, enveredou curiosamente pela **criação de hinos**.

Para “matar” a curiosidade (é crime?), apresentamos dois hinos compostos por ele e publicados no jornal *A Razão*, ambos em 1938.



HINO DO CEARÁ FOOTBALL CLUB DE ITAPIPOCA (1932)

Do alvinegro estandarte as lindas cores,
Haveremos de, unidos, defender,
E os nossos destemidos jogadores
Do campo, em luta, o jogo hão de vencer!

Coro

Salve! Salve!
Team altaneiro!
Que, dentre todos,
És o primeiro!

O branco representa a cor do dia,
O dia, que refulge entre clarões,
Negra é a noite repleta de harmonia,
A noite que emociona os corações.

Ceará! Teu nome esplêndido e querido,
É como estrela de ouro em céu de anil!
Ergamos, pois, num preto enaltecido,
Em teu louvor, Ceará, louvores mil!

HINO DAS HORTÊNSIAS (JANEIRO DE 1934)

As hortênsias vão brotando
Num jardim claro e risonho,
Qual se fossem lindo bando
De borboletas de sonho.

Estribilho

Quando o sonho provoca
A beleza das hortênsias
Nos jardins de Itapipoca!
Todos procuram vê-las,
Que o sorriso das hortênsias
É o sorriso das estrelas.

A primavera, fulgindo,
Enche o campo de primores,
E as hortênsias vão surgindo,
Como as mais formosas flores.

Uma rosa, certo dia,
Entre as mais raras essências,
Disse assim: Eu só queria
Ser mais bela que as hortênsias!





GASTRONOMIA DA GENTE E PARA A GENTE

Quem chega por essas terras não sai de barriga vazia. Nem dá! Irresistível, a culinária em Itapipoca pode ser traduzida em **fartura** – há uma verdadeira celebração dos sabores regionais e da cultura nordestina, em quantidade e qualidade. Mas existe na gastronomia de Itapipoca um quê de especial que só ela tem. Com um misto de influências **indígenas, africanas e portuguesas**, a região é rica em sabores, ingredientes frescos e pratos tradicionais que encantam os paladares dos moradores e visitantes.

Por aqui, as especialidades são múltiplas. A exemplo do baião de dois, tradicionalmente servido em pratos acompanhados de carne caprina, ovina, suína ou de aves. Em geral, grelhadas “na brasa”. Contudo, também podem ser cozidas. É tradição, por exemplo, comer peixe, galinha caipira e capote cozidos, seja às margens do açude Quandu, nas bicas e cachoeiras serranas, ou nas incontáveis opções de restaurantes espalhados pela cidade.

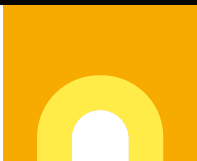
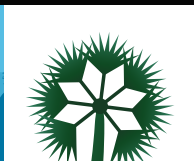
No quesito tempero, a comida é rica de gostos marcantes, como o do pimentão, da

pimenta-de-cheiro, do cheiro-verde e o de um punhado de outras especiarias que conferem aos pratos o habitual colorido e aquele gostinho de comida caseira.

Quem visita as praias, por exemplo, encontra variedades de peixe frito e frutos do mar, como a arraia. Pratos como cará frito acompanhado de arroz vermelho, e itens como queijo coalho, castanhas de caju, sucos, caldo de cana e rapadura são facilmente encontrados em produções caseiras, especialmente nas serras.

Nos roçados sertanejos, encontra-se o chamado “plantio de quintal”, que consiste no cultivo do feijão, do jerimum, do milho, do maxixe, entre outros, são frutos de saberes intergeracionais transformados em sabores pelas mãos de quem escolhe vivenciar, no quintal mesmo de casa, o cio da terra.

Mais recentemente, seguindo a globalização, surgiu também em Itapipoca uma culinária mais urbana, sendo possível encontrar opções como sanduíches, pizzas, açais, crepes, sushis e outros “pratos do mundo”, principalmente na área urbana da cidade.



VARIEDADE DE DAR ÁGUA NA BOCA

Em Itapipoca, distribuídos na sua vasta extensão territorial, podemos encontrar diversos restaurantes, bares, espetarias, lanchonetes, pastelarias, padarias/confeitarias, pizzarias, hamburguerias, churrascarias, *sushi houses*, marmitarias para todos os gostos e bolsos. Contudo, existe no município a permanência e a preferência por algumas iguarias e pratos bem típicos do local, conhecidos e reconhecidos pelos seus habitantes, que têm até um gostinho de gerações.

Alguns dessas delícias **têm nome e sobrenome**, compondo com suas cores, aromas e sabores de um patrimônio culinário e gastronômico regional.

Prepare-se para ficar com água na boca com apenas alguns desses pratos que são feitos pela gente e para a gente.

PASTÉIS

Bem populares, poucos não se rendem ao seu sabor encontrado no Brasil afora nos centros comerciais, em feiras, pastelarias, lanchonetes, carrinhos de rua e/ou quiosques, muitas vezes consumidos como lanche ligeiro ou mesmo como refeição completa.

Feitos tradicionalmente, com recheio de carne, frango e/ou queijo, os pastéis hoje podem ser encontrados no modo salgado ou doce, assim como há uma enorme variedade de recheios ao gosto do freguês.

Em Itapipoca, são famosos os **pastéis da Ana Braga** e os **pastéis do Pitoco** e da **Pitoca**.

A dona Ana produz os seus pastéis em sua casa, na av. Anastácio Braga, próximo à igreja de São Sebastião.

O Pitoco, que se intitula o “Rei do Pastel”, por exemplo, há cerca de 40 anos trabalha com uma variedade grande dessa iguaria tão apreciada. Tem estabelecimento próprio, mas cedo da manhã, a venda dos pastéis acontecem na rua, em pontos, como próximo do Círculo Operário.



Ana Braga



Pitoca

FRANGO ASSADO

O frango assado na brasa é extremamente popular. Além de saboroso e combinar com acompanhamentos diversos, ainda é uma refeição em conta para quem quer se satisfazer sem gastar muito.

No bairro São Sebastião, encontra-se a Churrascaria do Banin. Há quem assegure que o **frango assado do Banin** é “o melhor da cidade”.

TRIPA

Quem vai a Itapipoca, dificilmente não vai ouvir falar na **tripa do Mosar**, encontrada no Bar do Mosar, um ponto que podemos dizer ser histórico na cidade, que durante muitos anos reunia os “seresteiros-raiz”, artistas e boêmios da região. Ainda hoje, seu Mosar, o “Rei da Tripa”, está na ativa, congregando apreciadores desse famoso tira-gosto, assim como também a moela e o torresmo, e, claro, os bebedores oficiais do Mosar.



Mosar

CIGARRETE

Não, isso não tem nada a ver com fumo, drogas legais nem modelo de calça. Para quem não conhece ainda, é apenas um salgado enroladinho frito (textura crocante por fora e macia por dentro) e “cilíndrico”, feito com massa de pastel ou de coxinha, tendo como recheio, originalmente, presunto e queijo, entre outras possibilidades. É famoso em muitas regiões do país, sendo reconhecido até como patrimônio cultural imaterial.

Em Itapipoca, para quem aprecia o quitute, existe um endereço certo: o **cigarrete da Joceli**, da Joceli Lanches. Aprecie, de preferência, com um gostoso suco geladinho...



Joceli

ABACATADA

O abacate, nós sabemos, é uma excelente fonte de energia para o organismo, rico em vitaminas A e C, além de potássio, tem potencial antioxidante e contribui para a redução da fadiga mental.



José Pontes



Por ser rica em nutrientes, a abacatada diminui a saciedade e ajuda a “matar a fome” entre as principais refeições do dia. Pode ser tomada no café da manhã, mas no corre-corre do dia, naquela hora que a fome aperta, e estando em Itapipoca, você não fica na mão: basta dar uma passada no seu estabelecimento, em frente ao Banco do Brasil, e tomar aquela **abacatada do José Pontes**. É revigorante!

COXINHA

E falando em salgado popular, como não trazer para nosso **Almanaque** as coxinhas de frango, estrelas dos balcões de lanchonetes de todo o país e que reinam nas festinhas de aniversário mais animadas?

Apesar de hoje, você já deve ter visto, ela também é ostentada com muito glamour em tamanho *plus size* em bandejas brilhantes de cafés, padarias e confeitarias “bacanas”. Aliás, não apenas as de frango, mas com recheio de carne de sol, presunto e queijo etc.

No bairro São Francisco, em Itapipoca, encontramos a Lanchonete Zé Pezão, onde você encontra a famosa **coxinha do Zé Pezão**, iguaria esta que, dizem, você até chora de tão gostosa que ela é... Também lá, os recheios são variados.



Zé Pezão

TAPIOCA COM ESPETINHO

A tapioca é muito popular em Itapipoca. Pode ser servida com diversos recheios, como queijo, coco e carne do sol. Entretanto, um costume local é servi-la acompanhada de cortes queijo e de carnes (suína, bovina, frango) no formato “espetinho”. É tradição: a maioria das banquinhas de esquina que vendem churrasco, também têm tapioca!

É o caso do **Espetinho do Josemar**, no bairro Fazendinha, que há 10 anos mantém o seu negócio na calçada de casa e atrai uma boa freguesia desde então, acrescentando uma cerveja bem gelada e, por vezes, música ao vivo.



PANELADA E SARRABULHO

A panelada, um cozido de vísceras e de outras partes bovinas, sem dúvida, é um dos pratos mais apreciados e indispensáveis da culinária nordestina.



Fátima

O sarrabulho é outro prato que, mesmo tendo defensores de suas origens portuguesas, adquiriu no Nordeste características bem próprias. No Ceará, por exemplo, muitas vezes o sarrabulho é confundido com outro prato, o sarapatel. A diferença básica é que, enquanto o primeiro é elaborado a partir do carneiro, o segundo se utiliza da carne e do sangue do porco.

Em Itapipoca, no bairro Ladeira, há muitos anos uma senhora comercializa e recebe no quintal de sua casa os aficionados pela **panelada e sarrabulho da dona Fátima**. Uma opção que há tempos se tornou ponto de ótima degustação desses pratos em sua receita tradicional.

Também encontramos boas opções no **Mercado Central Edísio Pacheco**, no centro de Itapipoca. Aliás, quando viajamos, é sempre nos mercados onde nós encontramos os “sabores da terra”, assim como o regionalismo e representações da cultura local. No Mercado Central, não apenas a panelada e o sarrabulho, mas buchada, feijoada, o bom caldinho, todos os temperos e molhos que colore a variedade gastronômica, incluindo os doces caseiros, a rapadura, o pé de moleque (bem característico e diferente dos usuais), os sucos de frutas da época, a cajuína e a cachaça. Enfim, uma diversidade imensa de produtos de Itapipoca, um grande polo regional do comércio, do varejo e de serviços.



RECEITAS TÍPICAS DE CADA CLIMA ITAPIQUENSE

PRAIA	SERRA	SERTÃO
MOQUECA DE ARRAIA Receita de Bete Martins, agricultora e empreendedora de comidas típicas no Assentamento Maceió. Ingredientes: 700g de arraia 1 cebola, 1 tomate e 1 pimentão 2 dentes de alho 1 pitada de colorau e de pimenta 1 pimenta-de-cheiro e cheiro verde 200 ml de leite de coco Sal a gosto 1 caixa de creme de leite 2 colheres de farinha de trigo Modo de Preparo: lave bem a arraia em água corrente. Coloque-a na panela, com água e sal, por 10 min. Depois, retire a arraia, deixe-a escorrer e a desfie bem. Coloque um pouco de azeite ou óleo na panela e a refogue com alho. O pimentão, a cebola, o tomate e o cheiro verde deverão se picados e refogados nela. Coloque a arraia desfiada, uma pitada de colorau e de pimenta, adicione o leite de coco e deixe cozinhar por mais 5 min com a panela tampada e espere ferver. Atingindo a fervura, abra a panela, e, em fogo baixo, adicione o creme de leite, voltando a mexer bem a moqueca. Prove o sal para saber se está a seu gosto e, para engrossar, você pode adicionar um pouco de farinha de trigo dissolvida.	PEIXE FRITO COM BAIÃO Receita de Gerlane Magalhães do Restaurante <i>Brisa da Noite</i>. Ingredientes: 2 xícaras de feijão 2 xícaras de arroz parboilizado Pimentão, cebolinha e coentro picados ½ cebola picada 3 dentes de alho 3 colheres de sopa de óleo 200 gramas de queijo coalho Sal e nata a gosto 1 peixe Modo de Preparo: Aqueça o óleo em uma panela e, nela, refogue o arroz com a cebola picada e o alho. Adicione o feijão e mexa bem para não grudar. Coloque água quente, acima da mistura. Espere secar a água. Quase pronto, adicione a nata (a gosto) e mexa novamente. Tampe a panela e abaixe o fogo e, em seguida, adicione coentro, cebolinha verde, cebola branca e pimentão. Mexa e tampe novamente por alguns minutos. E, por último, coloque queijo em cubinhos. Mexa, tampa a panela e desligue o fogo ainda com um pouco de caldo. O peixe deve ser assado com sal e óleo bem quente para não pregar na frigideira. E só podemos virar o peixe se ele estiver despregado dela, senão ele desmancha.	GALINHA CAIPIRA Receita de Ricardo Araújo do Restaurante <i>Cajueiro Dourado</i>. Ingredientes: 1,5Kg de galinha caipira cortada nas juntas 1 colher (de sopa) de colorau 1 fio de óleo 1 pimentão picado 1 cebola média picada 1 colher de chá de pimenta-do-reino 6 dentes de alho macerados com a pimenta 1 colher de sopa de vinagre Sal a gosto Modo de Preparo: coloque a galinha e todos os temperos na panela de pressão, mas sem pressão, em fogo médio por 15min. Durante esses 15 min, você vai aos poucos adicionando 200ml de água para não deixar grudar com o fundo da panela. Depois, coloque na pressão por 10min em fogo baixo. Retire do fogo, tirando a pressão por uns 10min. Está pronta para servir e se deliciar.

AO FINAL: SABOREIE OS TEMPEROS DOS 3 CLIMAS!



200 ANOS DE GESTÃO

(VILA DA IMPERATRIZ/VILA DE ITAPIPOCA/ITAPIPOCA)

REGIME IMPERIAL/VILA DA IMPERATRIZ

Dr. Miguel Antônio da Rocha Lima - 17.07.1824/31.12.1825
Capitão Luiz Antônio Alves Cordeiro - 01.01.1826/31.12.1826
Capitão Francisco Manoel Alves - 01.01.1827/31.01.1827
Sargento-Mor Manoel Oliveira Dias - 01.01.1828/07.01.1829
Coronel José de Agrela Jardim - 08.01.1829/07.01.1833
Capitão Francisco Manoel Alves - 08.01.1833/07.01.1837
Antônio Ferreira Braga - 08.01.1837/07.01.1840
Francisco Urbano Pessoa Montenegro - 08.01.1840/07.01.1841
Capitão Francisco Manoel Alves - 08.01.1841/07.01.1843
Ten. Cel. Francisco Barroso de Sousa Cordeiro -
08.01.1843/06.01.1845
Coronel Bento Antônio Alves - 07.01.1845/07.01.1849.
Antônio José dos Santos - 08.01.1849/07.01.1853
José de Agrela Jardim (sobrinho) - 08.01.1853/07.01.1854
Antônio Ferreira Braga - 08.01.1854/07.01.1857
Antônio José dos Santos - 08.01.1857/08.01.1873
Coronel Bento Antônio Alves - 09.01.1873/31.12.1875
Raimundo Vóssio Brígido - 01.01.1876/31.12.1876
Capitão Domingos Francisco Braga - 01.01.1877/31.12.1880
Capitão Inocêncio Francisco Braga - 01.01.1881/31.12.1882
Capitão Antônio Tabosa Braga - 01.01.1883/31.12.1883
Inocêncio de Agrela Tabosa - 01.01.1884/31.12.1885
José Ângelo Aguiar - 01.01.1886/31.12.1886
Inocêncio de Agrela Braga - 01.01.1887/31.12.1887
Sabino Furtado Barbosa - 01.01.1888/30.12.1889

CONSELHO DE INTENDÊNCIA

Prismilau Camerino de Souza - 21.01.1890/12.02.1890
Domingos Francisco Braga Filho - 21.01.1890/12.02.1890
Raimundo de Castro Souto - 21.01.1890/12.02.1890
Joaquim Antônio Alves - 21.01.1890/01.08.1890
João Antônio Alves - 21.01.1890/10.03.1891
Domingos da Cunha Braga - 12.12.1890/28.07.1890
Manoel Tabosa Brawga - 12.12.1890/10.02.1892
João Nepomuceno de Carvalho - 12.12.1890/10.02.1892
Antônio Rodrigues Teixeira - 20.07.1890/10.03.1892
Manoel Carlos de Melo Cesar - 01.08.1890/10.03.1892
Manoel Urbano Pessoa Montenegro - 10.03.1891/10.02.1892
Vivente Carlos de Araújo - 10.03.1891/10.02.1892
José Joaquim Rodrigues - 10.03.1891/08.02.1892
Antônio Alves Agrela - 10.02.1892/08.03.1892
Antônio Barroso Valente Neto - 10.02.1892/08.03.1892
Galdino Ferreira de Moraes - 10.02.1892/08.03.1892
João Cordeiro de Almeida - 10.02.1892/08.03.1892
Antônio Joaquim Barroso Braga - 10.02.1892/08.03.1892

INTENDENTES E GESTÃO

João Nepomuceno de Carvalho - 08.03.1892/10.06.1892
Antônio Pontes Franco - 10.06.1892/31.12.1892
Cel. Domingos Francisco Braga Filho - 01.01.1893/31.12.1893
Domingos Pontes Franco - 01.01.1894/31.12.1895

INTENDENTES/NOMEADOS

João Tomé Pires - 31.12.1895/17.04.1897
Antônio Rodrigues Teixeira - 17.04.1897/21.10.1901
Domingos Tabosa Braga - 21.10.1901 a 21.10.1904
Coronel Domingos Francisco Braga Filho - 21.10.1904/14.06.1905
Padre Joaquim Franklin Gondim - 14.06.1905/22.12.1905
Coronel Domingos Francisco Braga Filho - 22.12.1905/13.09.1906
Anastácio Tabosa Braga Sobrinho - 13.09.1906/24.01.1910 *
Antônio Rodrigues Teixeira - 24.01.1910/28.03.1912
João Barroso Valente Sobrinho - 28.03.1912/04.11.1912
Firmino Martins da Silva - 04.11.1912/27.03.1914
Dr. Luiz Braga - 27.03.1914/13.08.1915 *

PREFEITOS NOMEADOS/LEI ORGÂNICA DOS MUNICÍPIOS (1915)

Francisco Nicácio de Moraes - 13.08.1915/26.09.1916 *
Francisco Ribeiro da Cunha - 26.09.1916/22.07.1919
Firmino Martins da Silva - 22.07.1919/01.12.1926
Joaquim Barroso Braga - 01.12.1926/01.12.1930

PREFEITOS/INTERVENTORES

Astolfo Ribeiro da Cunha - 01.12.1930/20.07.1932
Francisco das Chagas Sales - 20.07.1932/05.04.1933
Jefferson de Albuquerque Sousa - 05.04.1933/24.09.1934
Raimundo Teófilo de Castro - 24.09.1934/02.06.1935
Joaquim Rodrigues Teixeira - 02.06.1935/19.03.1943
Porfírio Lima - 19.03.1943/07.03.1945
Jurandir Correia Lima - 07.03.1945/21.11.1945
Francisco Pirineus Montenegro - 21.11.1945/14.12.1946
Antônio Mentros dos Santos - 14.12.1946/24.12.1946
Francisco Filgueiras da Cruz - 24.12.1946/15.02.1947
José Carneiro Soares - 15.02.1947/06.01.1948

REGIME DEMOCRÁTICO/Prefeitos eleitos por ELEIÇÃO DIRETA

José Romero de Barros - 06.01.1948/31.01.1951
José Airton Teixeira - 31.01.1951/25.03.1955
João Idálio Teixeira - 25.03.1955/25.03.1959
Antônio Albuquerque Barroso - 25.03.1959/25.03.1963
Antônio Martins de Carvalho - 25.03.1963/25.03.1967
Geraldo Gomes de Azevedo - 25.03.1967/25.03.1971
Francisco Pinheiro Alves - 25.03.1971/25.03.1973
Gerardo Teixeira Barroso - 25.03.1973/15.03.1977
Geraldo Gomes de Azevedo - 15.03.1977/15.05.1982
Paulo Maciel - 15.05.1982/31.01.1983
Gerardo Teixeira Barroso - 31.01.1983/31.12.1988
José Everardo Barroso - 01.01.1989/31.12.1992
Vicente Antenor Ferreira Gomes Filho - 01.01.1993/31.12.1996
Sávio Sampaio Teixeira - 01.01.1997/31.12.2000
Vicente Antenor Ferreira Gomes Filho - 01.01.2001/31.12.2004
João Ribeiro Barroso - 01.01.2005/31.12.2008
João Ribeiro Barroso - 01.01.2009/31.12.2012
Dagmauro Sousa Bezerra - 01.01.2013/31.12.2016
João Ribeiro Barroso - 01.01.2017/31.12.2020
Felipe Souza Pinheiro - 01.01.2021/31.12.2024

(*) Incluídos a partir da nova pesquisa nos dados existentes no Arquivo Público do Ceará, pesquisados por **Joaquim Pontes Brito/Chico Mesquita**. Há também registros no *Almanak Laemmert*, sobre os três nomes incluídos.



A VOZ ESTUDANTIL

No início dos anos de 1980, últimos anos da Ditadura Civil-Militar, o prof. **Francisco Davino Sousa** recebeu, a contragosto, da Direção da Escola Joaquim Magalhães, a missão de supervisor do Centro Cívico Olavo Bilac. Davino questionava a organização daquele Centro Cívico, criado no período duro do regime, ainda em 1972, sob a orientação da então diretora Terezinha Sampaio e do coordenador José Ivo Paixão, a partir do *Guia do Civismo* elaborado pelo Governo.

Mas já que estava com essa missão, teve uma ideia: criar com os estudantes o informativo *A Voz Estudantil*, rodado em mimeógrafo e distribuído para todo o corpo discente e docente. Dizia que o informativo “deveria ser um porta-voz dos estudantes e não um ‘garoto de recados’ da direção escolar”.

De fato, o informativo trazia, além de outros, questionamentos dos alunos-autores sobre temas políticos e/ou sensíveis à época, causando desentendimentos de Davino com alguns dirigentes incomodados com aquela publicação e que pediam a sua extinção.

Um dos alunos, **Pedro Montenegro de Lima**, filho do Chico Vermelho, que atuou à frente do jornalzinho durante seus quase dois anos de existência, era membro de uma família cujos membros militavam pelo fim da Ditadura. Inclusive, o seu irmão, **José Montenegro de Lima**, o “José Vermelho”, constava na lista de desaparecidos políticos desde 1975.

Os amigos e colegas que conheciam Pedro de perto lhe diziam que ele tinha tudo para ser um futuro político em Itapipoca. Era questionador: vendia leite de porta em porta, inclusive na casa do prefeito, e se o visse, debatia com ele ali

mesmo na calçada. Era generoso: participava de campanhas de auxílio aos pobres e se preocupava com o sofrimento da população pobre. Na Semana Santa, era seu costume arrancar cocos, descascá-los, e entregar para os desvalidos que encontrava pelo caminho.

No entanto, tinha ele um misterioso pressentimento de que não viveria muito, de forma que falou para a dona Maria Braga que havia escrito 3 cartas, caso ele morresse subitamente. A primeira para seus pais, Chico e dona Santa; a segunda para a sua namorada, Maria Cândida; e a terceira seriam os dizeres para a sua missa.

Em 1983, retornava para casa com alguns amigos, pegando carona em cima de um tanque de carro-pipa. No caminho do açude Poço Verde, antes do sangrador, o carro virou, tombando em cima do jovem, que faleceu de imediato. Todos os demais “caronistas” escaparam.

Depois, com o fim do Centro Cívico, fundaram um Grêmio Estudantil e, em reconhecimento à liderança do jovem, deram a ele o nome de **Pedro Montenegro de Lima**.

CURIOSIDADE: Pedro tinha dois cavalos.

Após a morte de seu tutor, todos os dias eles saíam até o cemitério São Miguel e se postavam em torno de sua sepultura, como se cavando com suas patas. Depois, um a um, os animais morreriam atropelados ao cruzar a linha do trem, a caminho do Cemitério.





Cine com Pipoca



Café com Poesia

Fotos da matéria: acervo Biblioteca Rita Aguiar Barbosa Ximenes

ITAPIPOCA LEITORA

Vamos combinar: ler é o maior barato!

Desde que os sumérios desenvolveram uma das primeiras formas de escrita até os dias atuais, muitos(as) foram as leitoras e leitores que se encantaram com esse capital cultural que resiste e é transmitido de geração a geração, contando-nos histórias deste mundo (e de outros), de nossos antepassados, seja por meio da fruição literária, do saudável entretenimento, da busca e construção do conhecimento e da riqueza de informações que permitia, antes mesmo do surgimento de aviões ou foguetes, as maiores e inesquecíveis viagens.

Tal qual esse *Almanaque* que você tem nas mãos, ou que lê por meio de seu *smartphone*, *e-reader*, *notebook*, PC, entre outros suportes que surgem todos os dias, existem muitas obras sendo lançadas por aí nos mais diversos gêneros: poesia, conto, crônica, romance, dramaturgia, ensaio etc. Escrever não é propriamente um dom, nem é algo sagrado destinado apenas a escolhidos, mas é resultado de exercício, de prática, observação e, acima de tudo, de muita leitura. Quem não lê, não escreve... ou escreve mal.

Existe um lugar que, desde a antiguidade, reúne toda essa produção literária, e que recebe esse público de leitoras e leitores, convidado para exercitar a prática da leitura e também da escrita. Esse lugar

é a **biblioteca**, um centro privilegiado daquilo que nós já falamos por aqui: fruição/lazer, conhecimento e informação.

Mas se engana quem ainda pensa que a biblioteca é um mero depósito de livros. Não é mesmo! A biblioteca é viva, dinâmica, e representa um grande centro difusor de cultura. Tem um papel social imenso de democratizar o acesso do conhecimento e de suas práticas às comunidades, em especial, àquelas mais vulneráveis.

Claro, quem não gosta de pão, não vai à padaria. Quem não gosta de livros – ó, que pecado... – também não consegue entender porque existe um prédio inteiro dedicado a eles.

Em Itapipoca, nós encontramos a **Biblioteca Municipal Rita Aguiar Barbosa**, um equipamento cultural vinculado à Secretaria de Cultura do município que, embora tenha sido criada por lei em 7 de outubro de 1957, apenas desde 29 de março de 1971 tem a honra de ser visitada pelas melhores cabeças da região.

A unidade atende como Biblioteca Polo Regional, coordenando 13 municípios: São Luís do Curu, Umirim, Tururu, Paracuru, Trairi, Paraipaba, Pentecostes, Apuiarés, General Sampaio, Tejuçuoca, Itapajé, Amontada e Miraíma.





Diálogos sobre Nós



rita aguiar barbosa

(15.05.1923- 03.01.1984)

Filha de Raimundo Bastos Aguiar e Lídia Alves Bastos, nasceu em Bom Sucesso, Mucambo, Itapipoca. Ainda adolescente passou a residir em Fortaleza para poder estudar. Estudou na Escola Normal, mas formou-se professora pelo Ginásio São João, por volta de 1945.

No ano seguinte, passou a lecionar na escola do distrito de Assunção, no qual atuou apenas um ano. Em 1947, foi transferida para a Escola Anastácio Alves Braga, na sede de Itapipoca, onde lecionou até 1948, ano em que casou-se com o dentista Urbano Teixeira Barbosa.

A partir de 1949, ingressou na condição de professora na Escola Normal Rural de Itapipoca, atual Escola Estadual de Ensino Médio Joaquim Magalhães, onde exerceria também a função de diretora em 1966, ali permanecendo como professora de algumas disciplinas, principalmente a de História, até aposentar-se.

Ingressou na Campanha de Difusão do Ensino Secundário (Cades) que, durante as décadas de 1950 e 60, tinha o objetivo de formar professores para o curso secundário (atual ensino médio).

Consta ter deixado uma grande contribuição ao município no quesito Educação, inclusive atuando de forma voluntária na educação de crianças carentes, assim como colaborava com idosos e doentes diante de necessidades.

Faleceu aos 61 anos, vitimada por um câncer de pâncreas. Era espírita e deixou uma mensagem como epitáfio: “Para o meu corpo, tudo terminou; para minha alma, tudo começou”.

Como homenagem, nomeia a Biblioteca Municipal de Itapipoca, assim como a Escola Estadual de Educação Profissional situada no bairro da Fazendinha.

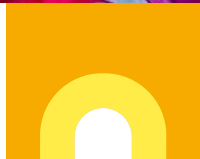
Com uma estrutura moderna, para facilitar a busca de seus usuários e consulentes, conta com um acervo de cerca de 15 mil exemplares distribuídos em setores, como: Acervo Geral, Infantojuvenil e Braille.

A Biblioteca, além de ser muito acessível, localiza-se ao lado da praça Perilo Teixeira (a da Matriz), é preparada para receber a públicos com os mais diversos interesses e, daí, presta serviços de grande utilidade: espaços para estudos, pesquisa individual e coletiva; acesso à internet; orientação aos usuários sobre pesquisas; empréstimo de livros (mediante cadastro), visita guiada, disponibilização de espaço para palestras, encontros, lançamentos de livros etc.

Mas apenas isso não configura a Biblioteca como esse centro de difusão cultural. É preciso que ela tenha um papel de **protagonista**, de formação de leitores, de fomento e incentivo à leitura. Para tal, conta com atividades e projetos específicos, como “Caminhos Literários”, “Sarau Literário”, “Café com Poesia”, “Cine com Pipoca”, “Contação de Histórias”, “Concurso Literário Infantil”, “Se essa Rua Fosse Minha”, entre outros que podem surgir, inclusive por sugestão e contribuição de seus usuários.



OLHA PARA O CÉU DE ITAPIPOCA, MEU AM R!



*Pedra Lascada, você chegou para
encantar esta nação
E fazer desta vida Noite de São João
Uma das noites mais bonitas da minha vida.*

Uma das festas populares mais queridas e aguardadas do Brasil é o São João. É a temporada das bandeirinhas, balões e vestidos coloridos, do chapéu de palha, das calças com remendos e da culinária que reúne pratinhos de baião com paçoca, churrasquinho e pé de moleque. É também a temporada de puxar o par para o centro do salão e dançar a quadrilha.

De origem europeia, a **quadrilha** veio para o Brasil junto com os portugueses. Embora tenha ganhado características próprias ao chegar aqui, não perdeu o título (derivado de “le quadrille”, dança típica francesa) e passos com nomes como **Anavan** (“en avant”, para a frente), **Alavantú** (“en avant tous”, todos para a frente) e **Anarriê** (“en arrièr”, para trás).

Mas como isso tudo começou? O prof. **Júlio César Cordeiro** nos ajudou a entender como é a história das quadrilhas em Itapipoca...

ANAVAN

A cultura junina de Itapipoca remonta da década de 1930, conforme as memórias de José Frota Neto. Havia, na zona rural, dois fazendeiros que promoviam as festas no mês de junho. Eram eles: Aprígio Tibúrcio de Castro Alves, o “Doza” Alves, da Fazenda Lagoa do Mucambo, próximo à ponte do rio Sororô, e o coronel José Bruno, da Fazenda Embira. Os festejos anuais, denominados “Festa do Chitão”, celebravam santo Antônio ou São João, nunca os dois no mesmo ano, e eram realizados em um espaço com piso de barro batido e cercado por uma latada de palha. No intervalo da festa, aguavam o barro, então ressecado. Terminando esse intervalo, o festejo voltava com uma quadrilha improvisada ao

modelo francês, homens de um lado, mulheres de outro, formavam os pares, e alguém, o gritador ou puxador, “gritava/puxava” a dança com seus conhecidos passos.

A cada ano, Doza e José Bruno não repetiam o santo, revezando entre si qual santo seria comemorado em seu espaço. Esse movimento perdurou até a década de 1940.

ANARRIÊ

Na década seguinte, essa tradição foi esquecida e deixou de fazer parte da agenda da cidade. Nas décadas de 50 a 60, as quadrilhas juninas se restringiram basicamente a espaços escolares.

PASSEIO DE DOIS

Em 1979, o cabeleireiro Sebastião, conhecido como “Tiola”, retornou de Fortaleza e organizou uma quadrilha no bairro Estação, recebendo assim a denominação de Quadrilha da Estação. Logo em seguida, na década de 1980, **Elaine Abreu** montou a Quadrilha da Fazendinha. Nesse período, a profa. Eubia Barroso introduziu na Promoção Social os festejos juninos. Desde então, se tornou tradição da Itapipoca a realização desses festejos, independentemente de maior ou menor apoio da Prefeitura, que não deixaram de acontecer, embora com mudança de denominações. No período do prefeito Sávio Sampaio Teixeira, os festejos saíram do Centro Social Urbano (CSU) e passaram a ser realizados na praça da matriz, a Perilo Teixeira, o que acontece até hoje.

Um dos episódios mais marcantes dessa retomada da tradição junina foi o “Trem da Folia”, que partiu de Fortaleza até Itapipoca com música puxada por sanfoneiro dentro dos vagões. Júlio César lembra que foi Chico Vermelho quem tocou o sino anunciando a chegada da composição. Da chegada, os passageiros foram recep-





Quadrilha dos Tamancos

cionados pela quadrilha Maestro Frota e seguiram dançando pelas ruas Hildeberto Barroso e Anastácio Braga, acompanhando uma charrete enfeitada de flores, com um casal de noivos, até chegar à praça onde acontecia o Festival Regional de Quadrilhas Juninas.

GRANDE RODA

É um movimento de grande força dentro do município, seja nas escolas, nas associações de moradores na zona rural. Destaque para as quadrilhas regionais, assim denominadas, pois elas chegam ao profissionalismo de competir com grupos de outros municípios do estado do Ceará.

Este ano de 2023, foi recriada a **Quadrilha dos Tamancos**, com a sensibilidade de manter as características tradicionais da música, passos e figurino, abrindo mão das inovações que são assistidas hoje no país e que se afastam bastante das

originais, e criado o Grupo Folclórico de Itapipoca ou Grupo Folclórico Elaine Abreu.

Pelo exposto, observamos que os grupos de quadrilhas nascem e morrem. Umas duram décadas, como a Fogo Jovem, a Festa na Roça, entre outros, mas, felizmente, nascem outras de diversos locais da cidade, seja na área urbana como na rural, como é o caso da quadrilha do assentamento do Escalvado, do Arapari, da Lagoa da Cruz, do Deserto, da região praiana etc., geralmente movidas por grupos de jovens.

A questão financeira é sempre muito importante para o fomento do movimento quadrilheiro, que certamente embeleza e aviva os festejos juninos, o que tem melhorado com a política de editais proporcionada pela Prefeitura e pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, democratizando o acesso de recursos a esses grupos.





QUERMESSE ITAJUNINA 2023

Desde 2021, a festa chama-se **Quermesse Ita-Junina**. Com esse título, a primeira edição aconteceu em formato virtual, devido à pandemia de covid-19. Já presencial, a segunda aconteceu na praça dos Três Climas e a terceira na praça da Matriz, com três ambientes, dois palcos e o **Quadrilhódromo Elaine Abreu**, em homenagem à mestra da cultura quadrilheira e junina de Itapipoca.

A edição de 2023 da Quermesse ItaJunina, a maior festa da cultura popular da cidade, teve foco nos grupos de tradição popular.

FESTA NA ROÇA

A quadrilha junina **Festa na Roça** foi fundada em 2012 com o intuito de promover o movimento Junino e cultural no município de Itapipoca e região, acolhendo os grupos de jovens e ensinando os valores e aprendizados da cultura do São João e das quadrilhas juninas.

Desde o primeiro ano, obteve excelentes resultados nas competições, participando de festivais e campeonatos, ganhando experiência e força no município e em outras regiões do estado. Em 2016, com o tema “força da mulher brasileira” foi campeã do Itapipoca Junino, o maior festival do litoral Oeste, vice-campeã do Ceará junino, entre outros festivais, e estava no TOP 10 Quadrilhas do Estado do Ceará. Nos anos seguintes, com temas distintos, como Nossa Senhora Aparecida, as Lendas do Rio São Francisco, as Relíquias do Ceará, entre outros, expandiu o seu nome. Em 2020, com a pandemia, criou um programa junino, o “TBT Festa na Roça”, onde entrevistava pessoas que fizeram e marcaram história no grupo e na sua quadrilha, além de realizar, por meio das redes sociais, o “São João da Saudade”, uma homenagem aos grupos juninos de Itapipoca.

Todos esses feitos, além de outros que foram realizados quando saímos do período pandêmico, fizeram com que o Festa na Roça se tornasse um dos grupos mais destacados, com a temática, casamento e repertório mais trabalhados e reconhecido como um dos mais premiados em todo o estado do Ceará.

FOGO JOVEM

Em 2003, foi criada em Itapipoca a quadrilha **Fogo Jovem**, que ganhou esse nome por reunir um grupo de dançantes mais jovens, renovando o público dessa tradição. Um dos fundadores do grupo é o quadrilheiro **Ricardo Magalhães**, 43 anos, natural de Itapipoca, professor do ensino fundamental e coordenador de projetos. “O município sempre foi muito forte em quadrilha. A Elaine Abreu tinha a “Quadrilha dos Tamancos”. E foi a partir daí que todos os jovens daqui passaram pelos movimentos juninos. Fiz parte brevemente da Quadrilha dos Tamancos, mas saí para fundar um novo grupo”, conta ele que se dedica à parte estrutural e organizacional do grupo.

Hoje contando com 80 pessoas, entre dançarinos, banda e equipe de apoio, a Fogo Jovem acompanhou a evolução dessa manifestação cultural.

O quadrilheiro conta que muita coisa mudou ao longo das duas décadas em que ele participa do ItaJunina. Os grupos ficaram mais profissionais, acrescentaram efeitos especiais, elaboraram mais o espetáculo, investiram mais em produção, e isso tem atraído cada vez mais público para as arquibancadas. “Ver as pessoas nos aplaudindo é muito emocionante”, finaliza.



A MESTRA DAS QUADRILHAS JUNINAS

*Se você cortar uma veia minha,
vai tirar muitas bandeirinhas,
porque meu coração é feito de São João.*
(Elaine Abreu)

Maria Elaine de Abreu (21.09.1953), a Elaine Abreu, filha do casal José Alves de Abreu e Tereza Matias de Abreu, desde os 5 anos aprendeu e tomou gosto pelas quadrilhas dançadas nas escolas por onde passou, sendo algumas vezes eleita “Rainha Caipira”.

Na Escola Normal Rural Joaquim Magalhães, com a aproximação do **maestro Silva Novo**, adquiriu também o gosto pela música, sendo ela também uma ótima cantora.

Na década de 1970, migrou temporariamente para Fortaleza, atuando em algumas escolas como professora e organizando, entre os alunos, quadrilhas em período junino, e assim teve a oportunidade de conhecer e se aproximar mais do movimento quadrilheiro daquela cidade. Porém, uma coisa que a incomodava era que as pessoas, de forma geral, só entendiam quadrilha como atividade de crianças em escolas. Isso tinha que mudar.

Retornando a Itapipoca, na década de 1980, organizou a Quadrilha da Fazendinha, um trabalho junto aos jovens da Pastoral da Juventude da Paróquia de São Francisco de Assis. Em 1987, a Quadrilha dos Tamancos. Com ela, tornou-se mais reconhecida pelo público, conquistou diversos prêmios, e passou a ser convidada para dançar quadrilha em outros municípios. Muitas vezes,



os seus quadrilheiros viajavam em utilitários, caminhonetes e já chegaram a viajar de carona em cima de tijolos de um caminhão.

Muito ligada às raízes das festas juninas, Elaine não queria saber de luxo, mas de criatividade e dedicação, sendo rigorosa na execução dos passos e na disciplina dos quadrilheiros. O figurino era feito pelos próprios brincantes, a partir de sua orientação, com tecidos, rendas e adereços muitas vezes comprados “fiado” (a crédito).

Em 1990, ela fundou o **Centro Educacional O Amanhecer**, no bairro Fazendinha, em Itapipoca, dedicada ao Ensino Fundamental.

No início dessa década, o grupo que pertencia à Quadrilha da Fazendinha ampliou as suas atividades e daí nasceu o Grupo Folclórico de Itapipoca, o **Grufi**, tendo Elaine à frente como presidente de honra e marcadora da quadrilha durante 20 anos. Dentro do Grufi, permanecia a Quadrilha dos Tamancos, recordando os primeiros brincantes juninos de Itapipoca que calçavam tamancos, em vez de sapatos. Às vezes, Elaine era surpreendida com pessoas que, zombeteiras, ao ouvir o som dos tamancos no solo, gritavam: “Lá se vem a cavalaria...”





Quermesse ItaJunina 2023 na praça da Matriz

Brincando ou não, a sua Quadrilha dos Tamancos foi campeã do VI Festival Junino do Sesi (1992).

Nos anos 2000, Elaine criou a Quadrilha Pedra Lascada, que teve bastante destaque na região.

Em 2015, por meio da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult/CE), a União Junina do Ceará conquistou o reconhecimento do primeiro Tesouro Vivo de Cultura do Ceará: Elaine Abreu.

O historiador Júlio César Cordeiro, também brincante, afirma: “Não tem quem fale de movimento junino em Itapipoca e não faça referência à profa. Elaine Abreu.”

Em reconhecimento à trajetória e a imensa contribuição de mais de 30 anos à cultura junina e de preservação dessa tradição, em 2016, a União Junina do Ceará produziu um breve documentário sobre Elaine Abreu.

Em 2021, a Prefeitura Municipal de Itapipoca criou o **Prêmio ItaJunina Elaine Abreu**, destinado ao fomento e incentivo aos grupos e coletivos culturais juninos. Da mesma forma, em 2023, a **Quermesse ItaJunina** conferiu o nome Elaine Abreu ao seu Quadrilhódromo, reconhecendo a importância da mestra Elaine Abreu não apenas à cultura, mas aos bens e saberes das manifestações tradicionais populares da cultura.

E, quando perguntada sobre um desejo seu, ela suplica: “Só não deixem o São João acabar!”



QUADRILHAS DE ITAPIPOCA (EM 2023)

Explosão Jovem, Fogo Jovem, Renascer Junina, Lumiar do Sertão, Lua de Prata, Xodó Junina, Festa na Roça, Quadrilha dos Tamancos (Grupo Folclórico Elaine Braga/Grufi), Chama Ardente, Brilho da Estrela, Grupo Pedra Lascada, Cumade Maria, Imperatriz Junina, Arraiá do Cumpade Tomé, Cumade Neta, Estrela Jovem, Explode Coração, Flor da Serra, Fulô Nordestina, Harmonia Jovem, Junina Asa Branca, Mandacaru, Quadrilha do Liceu, Renascer Junina, Arraiá das Cumades e Arraiá dos Antônioos.



GERARDO TEODÓSIO: UM POETA DE FÉ

Gerardo Teodósio dos Santos assim se apresenta: “Eu sou um poeta nato / Inspirado na natureza / Meu professor foi Jesus / Que só ensina a realeza / O meu livro é o universo / E o mundo a minha empresa”.

Nascido em Arapari, distrito de Itapipoca, no primeiro dia de janeiro, de 1945, Teodósio costumava iniciar os poemas com demonstrações de sua fé, e, atendendo ao chamado do poeta, a providência divina se fez tanto nas rimas quanto nas graças alcançadas por meio delas. Com seus versos, conheceu Maria Ramos, com quem se casou, teve oito filhos e dividiu mais de meio século de vida. Foi com eles também que conseguiu um emprego na RFFSA, uma casa, onde morou até os últimos dias, uma carta do papa João Paulo II, um cartão do Pelé, duas comunicações oficiais dos então presidentes Lula da Silva e Dilma Rousseff e incontáveis certificados, homenagens e honrarias.

Sua jornada como poeta começou aos 12 anos, quando vendeu uma bezerra e comprou, além dos alimentos para a família e presentes para seus pais, o seu primeiro violão. Depois disso, saiu de casa para acompanhar o improviso dos cantadores que se apresentavam pelas redondezas e só parou com as apresentações aos 28 anos. Esse afastamento, no entanto, não diminuiu sua paixão pelas cantorias, que persistiu na forma de uma notável coleção de vinis. Trabalhou com agricultura, em linhas ferroviárias e, entre uma e outra obrigação, fazia seus versos.

Morreu aos 78 anos, em janeiro de 2023, deixando como legado uma obra poética muito variada em temas e em estruturas de versos e de rimas. Entre os motes, é comum encontrar referências sobre sua terra natal, como nesses versos, de 1971, extraídos do folheto em homenagem ao bispo dom Paulo Eduardo Andrade Ponte:



Foto: acervo da família

A origem de Itapipoca
É bastante conhecida.
Escrita em língua tupi,
Em duas palavras divididas.
Ita quer dizer: pedra.
Pipoca: pedra partida.

A superfície de Itapipoca,
Neste quadro eu represento:
Três mil cento e vinte quatro
Km em quadramento.
Noventa e seis mil habitantes*
Deu no recenseamento.

Tem trinta e nove ruas.
Dez é bem monumentada.
Nove distritos e oito bairros
Nela está localizada.
Vou citar os seus limites
Que faz ela limitada.

Ao norte, o oceano atlântico.
Leste, Trairi e Arraial.
Sul, Irauçuba e Itapajé,
E para o lado ocidental
Santana do Acaraú,
Acaraú e Sobral.

Os distritos de Itapipoca:
Amontada e Arapari.
Assunção e Aracatiara.
Marinheiro, Cruxati.
Barrento e Miraíma.
Deserto, Bela Vista, Icarai.

“Itapipoca é a terra da acolhida, que vem se desenvolvendo a cada dia, preservando a sua história e diversidade. Nestes 200 anos de Itapipoca, desejo que nosso município possa continuar crescendo, valorizando seu povo e cuidando de quem mais precisa!”

Cristina Nascimento,
secretária-chefe do
Gabinete de Itapipoca.

“200 anos! Mesmo com dificuldades, consigo traduzir a representatividade dessa data em 5 palavras que têm imenso significado: família, amor, orgulho, fé e esperança. E o que eu desejo para a Itapipoca? Desejo toda paz e felicidade a esse povo batalhador e apaixonado pela nossa Terra dos três climas.”

Júlio César Rodrigues de Freitas,
da Agência Cafita Viagens.

“Fico imaginando uma pessoa, na época da fundação de Itapipoca, se perguntando: ‘Como será essa cidade daqui a 200 anos?’, portanto, assim, me sinto no futuro, e desejo que todos nós, munícipes no presente, reconheçamos cada vez mais a riqueza cultural e ambiental da querida Terra dos Três Climas.”

Alcio Barroso, músico e desenhista.

“Além de ser a Terra dos Três Climas, também é de ilustres moradores. E como neto do saudoso João Rurik, desejo que você, Itapipoca, continue dando carinho e inspiração pros seus artistas em seus vários campos culturais, inclusive os seus nerds ou geeks.”

Wesley Eduardo de Sousa,
liderança do movimento ItaGeek

“Falar sobre ti, minha cidade amada, sendo a mais linda e a mais bela que já vi. Quando mais te olho, mais orgulhosa eu fico, mais te admiro. Itapipoca, terra dos amores, aqui nasci e aqui viverei para sempre, até meu último suspiro. Sou louca por ti, Itapipoca. Agradeço a Deus, por ser uma itapipoquense. Itapipoca, avante! Parabéns.”

Elaine Abreu, professora
e mestra quadrilheira.

“Festejar 200 anos de emancipação política de Itapipoca representa celebrar a nossa história, identidade, cultura e ancestralidade. Como é maravilhoso viver em uma terra tão extraordinária, com tanta diversidade e riqueza. Desejo a nossa cidade muito desenvolvimento, progresso e reafirmação da nossa identidade. Parabéns a nossa linda e majestosa Itapipoca.”

Shirley Lavor, atriz, pedagoga
e secretária executiva da Cultura.





ANASTÁCIO BRAGA:

O CRIME QUE COMOVEU ITAPIPOCA

Em 10 de janeiro de 1928, o jornal *O Ceará* noticiava: “O assassinato do chefe democrata de Itapipoca”. Três dias antes, na manhã de 7 de janeiro de 1928, o coronel **Anastácio Alves Braga**, uma das lideranças políticas de Itapipoca, foi assassinado com cinco tiros – por um revólver colt, calibre 38, duplo – pelas costas, na rua Municipal, hoje, rua Anastácio Braga. Tinha apenas 55 anos de idade. O autor dos disparos foi Joaquim Jerônimo Sousa, mais conhecido como **Quincoló**.



Conforme relatos do jornal, Anastácio Braga tinha por hábito sair de casa todas as manhãs, em visita à usina, ao mercado, e a outras localidades da cidade. Naquela manhã de sábado, às 10h, estava se dirigindo ao prédio da Câmara para acompanhar um serviço, quando parou para conversar com a senhora Isolnia Romero, esposa do cel. José Romero, que estava na janela de sua casa, quando foi alvejado pelas costas. Caiu de bruços, exclamando: “Veja!”.

O criminoso disparou mais dois tiros. Um dos projéteis alojou-se na parede da casa dos Romero. Depois disso, o criminoso aproximou-se da vítima desfechando-lhe o quarto tiro na cabeça, pouco acima da nuca.

Conta a matéria que, após cometer o crime, “Quincoló, de revólver em punho, foge, e, encontrando no caminho uma mulher de nome Maria Silvestre, diz-lhe: ‘Ora, matei um homem!’”.

O crime nunca foi oficialmente elucidado: Quincoló fugiu para Sobral e depois para Fortaleza, chegando, ao fim, ao Rio de Janeiro. Lá, estabeleceu-se, mandou buscar a família, e fez a vida. Nunca mais voltou à Itapipoca.

Anastácio Braga, por sua vez, deixou viúva a esposa Sílvia Braga, com quem casou-se em 9 de fevereiro de 1907, e dez filhos menores de idade. O crime comoveu Itapipoca: foram dez dias de luto. Anastácio Braga foi enterrado no sétimo dia, em cerimônia oficiada pelo monsenhor Antônio Tabosa Braga, com os padres Aureliano Matos e Manoel Pinto.

DISPUTAS POLÍTICAS

Outra versão para o crime aprofunda as relações e inimizades políticas de Anastácio Braga. Líder dos **democratas**, o político tinha uma rixa com os **conservadores**, liderados por Domingos Braga Filho, o **coronel Migueira**, primo legítimo de Anastácio.

A briga entre os dois primos e desafetos políticos marcou uma fase violenta para a história de Itapipoca. A chegada de jagunços e cangaceiros de outras localidades, em conflito com os soldados, transformou a cidade em um verdadeiro cenário de filme de **bang-bang**. As disputas de poder entre os dois grupos políticos eram resolvidas na base da bala.

Na manhã do crime, Anastácio Braga e Quincoló teriam se encontrado e trocado farpas, culminando na morte do primeiro.

Uma terceira versão diz que o assassinato teria sido encomendado pelo coronel Migueira, a quem Quincoló devia favores.

Migueira era farmacêutico e uma espécie de médico da cidade naquela época. A ele eram atribuídos “milagres”, devido à eficácia dos tratamentos à população, que ainda não contava com um adequado acesso à saúde. Um dos “milagres” do cel. Migueira teria acontecido na ocasião de um parto difícil da esposa de Quincoló.

As parteiras da cidade já não sabiam o que fazer, quando o farmacêutico foi chamado. A mãe e o recém-nascido ficaram bem, sem nenhuma sequela do parto, e a Migueira foi atribuído mais um milagre. Quincoló, por sua vez, ficou eternamente agradecido. Esta seria uma das hipóteses para a motivação do crime.

LÍDER CARISMÁTICO

Descendente de família tradicional política do município de Itapipoca (Barroso-Braga-Tabosa), Anastácio Alves Braga era conhecido como Anastácio “Sanharão”. Foi um dos líderes políticos mais carismáticos e que fez grandes benfeitorias em Itapipoca, a partir de 1910, quando “tomou” o poder político que, até então, era controlado pelo coronel Migueira. Entre seus benefícios: instalou a energia elétrica (1925), montou “Usina de Itapipoca”, que seria a primeira fábrica de prensar algodão e pilar milho, café e arroz. Foi responsável pela construção



do primeiro cemitério no bairro da Fazendinha, pela reconstrução do açude da Nação, pela estruturação da estrada carroçável até o extremo do, hoje, município de Uruburetama, e empregava funcionários no engenho de aguardente que tinha no seu sítio Sanharão, entre outros feitos.

Anastácio era filho do capitão Inocência Francisco Braga e Ignez Florença Alves. O pai foi deputado provincial e prefeito de Itapipoca (1881-1882). O avô, Bento Antônio Alves, exerceu o governo de Itapipoca por duas vezes como presidente da Câmara Municipal Imperial e foi chefe dos liberais na época do Império e deputado provincial.

Inserido na política, foi deputado estadual por duas vezes, quando da administração de Justiniano de Serpa, presidente da província (o governador, na época) do Ceará. Anastácio Braga mantinha boas relações com Justiniano, o que propiciou um período de muitas conquistas para a cidade de Itapipoca.

Na eleição de 1924, já sob a presidência de José Moreira da Rocha, as relações não foram tão boas para Anastácio Braga, favorecendo o seu grupo adversário. Assim, ele sofreu a primeira derrota política ao não ter o seu nome indicado para uma vaga de deputado estadual.

No entanto, continuou como principal liderança política da cidade. E, até hoje, Anastácio Alves Braga é lembrado como uma das personalidades mais importantes de sua querida Itapipoca.

Em tempo: em 3 de março daquele ano, o coronel Mingueira estava em um bonde em Fortaleza quando foi apunhalado 3 vezes por um sobrinho da viúva de Anastácio Braga. O rapaz foi preso e confessou o crime, argumentando ser uma promessa. O Mingueira só escapou, porque foi imediatamente conduzido para a Santa Casa de Misericórdia, onde se recuperaria do ataque.

A TAMAREIRA DE ITAPIPOCA

Itapipoca... A serra, como uma concha rasa, abre o seio fecundo e projeta a cidade numa perspectiva de contrastes palpitantes.

Pedras fendidas, na encosta rendilham a paisagem verde e diáfana das quebradas sinusais onde se ostenta a inquietude do homem indígena, de espírito

chocante e aveludado num contraste impressionante de altivez e bondade.

[...] Ali num ângulo da praça da Matriz, ergue-se uma palmeira solitária. [...] Em diagonal geodésica, coordena-se com a “pedra quebrada”, símbolo selvagem do batismo toponímico. Ali está plantado o destino da cidade soberba.

Uma excursão memorável de educação cívica, deu-me a oportunidade de conhecer Itapipoca. E logo ao penetrar na praça nobre, Nair Teixeira, expressão cativante de hospitalidade nativa, mostrou-me, como primeira referência histórica de sua terra natal, a solitária palmeira, com a expressão natural de quem revive a emoção indelével de um momento dramático: “Ali, ao pé daquela tamareira, tombou varado de balas, Anastácio Braga!”

Senti o arrepio de uma visão estranha...

Baixei o olhar numa concentração espiritual de choque e reverência. Levantei-o, a seguir, já blindado de emoção, e contemplei a árvore amiga para jamais esquecê-la!

Vi o próprio Anastácio, nela transfigurado: alto, espadaúdo, andando, tossindo, firme no seu prestígio político inquebrantável, balançando ao vento das condições humanas como sentinela atenta aos destinos de sua terra...

Vi-o, em seguida, como balanço fatal da copa sussurrante, tombando a golpes impiedosos de ódio e intolerância, veneno que se gera e se adensa no bojo das competições políticas, explosão catastrófica das paixões humanas, recalcadas pelo bem que se pratica e pela incapacidade de vencê-lo com a nobreza espiritual do homem cristãmente personalizado!

Tamareira de Itapipoca!... Escondeste na trama química de sua seiva a vida de teu amigo, porque és símbolo da terra que absorveu o sangue e as energias morais daquele que se integrou aos seus destinos.

Na gravidade de teu caule, ostentas a justiça que Deus distribui, aos bons e aos maus na dies irae de sua voz redentora através da história, no tempo e no espaço. Na tua copa, espalmada e louçã, contemplam-se a bondade e o perdão, os efeitos dessa justiça divina que acalenta a alma humana num balanço de fé, de esperança e de caridade, a caminho da paz e da felicidade dos povos.

Leite Maranhão, dedicado a Nair Teixeira, para a revista **Valor**, vol. 3, nº 16, dezembro de 1940.



“Quanto mais anos vivendo, mais se tem oportunidade para caminharmos juntos. E foi assim que chegamos a essa data que, hoje, festejamos. Nesse período, todos deram a sua contribuição: agricultores, criadores de animais, chefes políticos, comerciantes, religiosos, os artistas, trabalhadores de diversos segmentos, todos fizeram parte desta grande caminhada rumo aos 200 anos dessa história de nossa Itapipoca. Parabéns, aos que nela residem, aos que dela desfrutam e aos que ela, a cada dia, constroem.”

Zé Ivo Magalhães, radialista.

“Embora os 200 anos seja um marco, penso na sua história escrita há milênios e milênios, aquela que temos acesso percorrendo os caminhos já encobertos. Escavando o mesmo solo, é possível encontrar tanto as ossadas dos meus antepassados, quanto as da megafauna, unindo a história da vida sobre a Terra com a trajetória da minha família. Sobre esse chão, caminharam todos, cada um em seu tempo, construindo o nosso presente. À Itapipoca, eu desejo outras centenas de milhares de anos e que o teu futuro seja tão gigantesco quanto foi o teu passado.”

Hortência Siebra, escritora e graduada em Letras.

“Poderia eu falar sobre tantas coisas pelas quais se faz necessário festejarmos esse Bicentenário de Itapipoca, mas falarei dessa gente que traz uma alegria em pertencer a esta terra. Essa gente que conta as suas histórias, suas lendas, que dança seus ritmos, faz das palavras rimas e versos, que tem orgulho de ser Itapipoquenses. Que nós, filhos da Terra dos Três Climas, nativos ou vindos de tantos outros lugares e aqui feito morada, possamos ser os grandes guardiões das memórias desta cidade tão querida.”

Nazaré Rocha Cosmo, funcionária pública, arte educadora e coordenadora do Livro, Literatura e Biblioteca (Colíbi)



E.E.F.M. ANASTÁCIO ALVES BRAGA

A primeira Escola Estadual de Itapipoca foi fundada em 5 de fevereiro de 1938, pelo então interventor Francisco Meneses Pimentel, com incentivo da secretária de Educação do Estado do Ceará, a itapipoquense **Nair de Sousa Teixeira**. A escola recebeu o nome de Grupo Escolar Anastácio Alves Braga, uma homenagem ao político benfeitor do município.

Em 1975, por força do Decreto Estadual nº 11.493, os grupos escolares foram transformados em Escolas de 1º Grau e, no ano 2000, por força de outro Decreto de nº 6.016, é criado o Ensino Médio. Desde então é denominada Escola de Ensino Fundamental e Médio Anastácio Alves Braga.



ALMANAQUE
ITAPIPOCA
200 ANOS



COLÉGIO ESTADUAL JOAQUIM MAGALHÃES

Fundado pelo padre Edilson Silva, Geraldo Bairton Barreto, Ducla Barroso Braga e Gersy Barroso Braga, em 6 de dezembro de 1944 e inaugurado no dia 19 de março de 1945, recebeu, primeiramente, o nome de Escola Normal Rural. A escola chegou a Itapipoca com a articulação e o apoio do deputado federal Perilo Teixeira e do presidente do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep), Murilo Braga.

O objetivo inicial da Escola partia do contexto do ruralismo educacional, ou seja, a formação de professores para atuar no meio rural. Esta seria a primeira instituição de professores da região de Itapipoca.

A denominação de Escola Normal Rural Joaquim Magalhães se deu em 10 de junho de 1952, e ela seria acolhida oficialmente à rede estadual em

2 de setembro de 1963, pela Lei nº 6454, na gestão do governador Virgílio Távora.

Assim, em 28 de maio de 1968, passaria a denominar-se Colégio Estadual Joaquim Magalhães e, posteriormente, Escola de Ensino Fundamental e Médio Joaquim Magalhães.

Entre os seus(uas) históricos(as) diretores(as): Maria Cleide Soares, Raimunda Gonçalves da Cruz, Valmir Peixoto, Sinésio Cabral Sobrinho, Francisco Mamede de Brito, José Martinho Leal, Geraldo de Azevedo, Rita Aguiar Barbosa (que hoje empresta o seu nome à Biblioteca de Itapipoca), Francisco Valmir do Carmo, Terezinha Sampaio Menezes Teixeira, José Rodrigues Neto, Raimunda de Sousa Teixeira, João de Sousa Teixeira, Altonia Azevedo Rogério Primo, José Itamar Marques Araújo e Elis Regina Eufrásio Barbosa Marques.



QUEM FOI JOAQUIM MAGALHÃES

Joaquim Magalhães era Itapipoquense, nascido na Vila de Assunção, em 15.03.1873 e falecido em 28.04.1934. No governo de Carvalho Mota (1912), atuou como secretário da Fazenda.

Foi guarda-livros (como se chamava na época o “contador”) no Banco do Ceará e um dos principais construtores da importante Sociedade Phenix Caixeiral de Fortaleza, em seu período de ascensão e consolidação, sendo presidente da entidade justamente nos períodos de construção de suas duas grandes sedes (1901-1902 | 1905-1907 | 1910-1919).



Maestro Frota e alunas do colégio

O HINO DO COLÉGIO ESTADUAL JOAQUIM MAGALHÃES

O Hino do Colégio Estadual Joaquim Magalhães é de autoria do maestro José Frota Neto em parceria com **Rogaciano Leite** (01.07.1920-07.10.1969), brilhante e versátil poeta, jornalista (ganhador de 3 Prêmios Esso de Jornalismo), locutor, cronista, cantor, cantador, cor- delista, repórter e pesquisador pernambucano.

Rogaciano, que na época era bastante conhecido em suas diversas áreas de atuação, em especial por algumas de suas composições cantadas por grandes vozes da música popular brasileira, como Sílvio Caldas e Aracy de Almeida, recebeu o convite de Perilo Teixeira, para estar em Itapipoca justamente no período do aniversário do Colégio, ficando hospedado no hotel de dona Ana Barroso, mais conhecida como dona Nana.

A escola não tinha ainda um hino, e Perilo perguntou se Rogaciano poderia fazer um poema para a escola. Ele aceitou o desafio e fez. Perilo,

com o poema nas mãos, o ofertou ao maestro José Frota e pediu que o musicasse. Aquele seria o Hino do Colégio. E assim, na festa de aniversário do Colégio Joaquim Magalhães, seu hino foi cantado e acompanhado pelo seu corpo docente e discente, autoridades e convidados.



Foto: reprodução

Rogaciano Leite

HINO DA ESCOLA NORMAL JOAQUIM MAGALHÃES

(Rogaciano Leite – José Frota Neto)

Mocidade, este teto divino
É o abrigo do amor e da paz
Estaleiro onde o sábio se forma
No trabalho da luta tenaz.

(CORO)

Companheiros, campesinos,
Esta casa é o nosso lar
Sairemos dela um dia
Preparados pra lutar. **(bis)**

O solar deste abrigo sagrado
Nos garante um destino seguro.
É o fanal da nossa esperança
Acenando através do futuro.

Nossos livros são nossos “Nirvana”
Ideal que nos prende e seduz
São as asas da nossa esperança
Voejando nas asas da luz.

Companheiros, o nosso dilema
É somente estudar e aprender.
Aprendendo é que os homens produzem.
Produzindo é que podem vencer.





UM SABIÁ CHAMADO DAVINO

Os sabiás, considerados aves-símbolo do Brasil, são reconhecidos pela beleza de seu canto. Popularmente, diz-se que sabiá significa “aquele que reza muito”, devido à sua melodia. Na língua tupi, vem de *sawi’a*, que significa “pintado”.

No alto do bairro de Picos, na casa amarela de jardim florido, o sabiá fez o seu ninho. Lá, *alegra com a sua canção o nascer do Sol toda manhã*. Um sabiá chamado Davino: músico, professor, filósofo, comunicador, devoto, visionário. De menino pobre da Gameleira à personalidade ilustre da sua adorada Itapipoca: esta é a epopeia de Francisco Davino de Sousa.

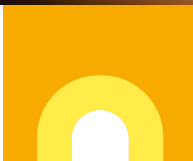
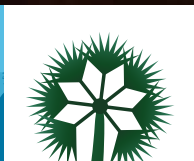
SABIÁ, TU QUE ERAS O REI DO SERTÃO...

“Sou caboclo do interior, e faço questão de conservar as minhas raízes, porque são puras, são autênticas”. Assim se define Davino Sousa, com a emoção que lhe é peculiar. Nascido nas terras onde hoje é o

açude da Gameleira, filho de família humilde, desde cedo sabia que o sertão era pequeno demais para o seu canto. Amava a família e a natureza de sua terra, mas sonhava em estudar e conhecer mais sobre o mundo.

O agricultor Aristeu Marques de Sousa, seu pai, não consentiu. Achava que o filho precisava aprender somente o suficiente para ler, escrever e realizar as quatro operações matemáticas. Porém, Davino queria mais. Aos 10 anos de idade, fugiu para Itapipoca.

Era início dos anos de 1960. Uma professora, prima de seu pai, disse que “o menino tinha futuro”. Para estudar e viver na sede, teve que morar de favor de casa em casa. Trabalhava e estudava. “Fui comerciante, vendedor ambulante, cambista. Trabalhei com o jogo do bicho, fui auxiliar de mecânico”, recorda. Passou fome. Adoeceu. Até que foi acolhido pelos padres da cidade.



**SABIÁ, O TEU CANTO ALEGRAVA O SERTÃO./
TU VOAVAS PELA AMPLIDÃO./ ERAS LIVRE,
SENHOR DO TEU CÉU.**

Por volta dos 15 anos de idade, com sua personalidade única, Davino logo angariou a simpatia dos itapipoquenses e do padre Abelardo Ferreira Lima. Em 1963, foi estudar na Escola Preparatória de Itapipoca, instituição particular fundada pelo padre Abelardo, exclusiva para meninos, que os preparava para os exames do Seminário.

“Os padres foram fundamentais para me dar um suporte”, diz. Para retribuir a oportunidade de estudo, desenhava cartazes para a Igreja. Com empenho nos estudos, já havia concluído o ginasial quando passou no exame para o Seminário da Prainha, em Fortaleza: “Topei o desafio, e a minha menor nota lá foi um sete. Fiquei morto de feliz quando o padre disse assim: ‘Francisco Davino de Sousa, aprovado!’ Estou dentro!”

Mas adoeceu. E retornou à casa dos pais, Aristeu e Alsira Pires da Mota, na Gameleira.

SABIÁ, E HOJE VIVES TÃO PRESO A CANTAR,/ SONHANDO EM QUERER SE SOLTAR /E VOLTAR PARA TUDO QUE ERA TEU

Enfermo, aos cuidados dos pais, o jovem Davino sonhava em voltar a Itapipoca. Mais uma vez sem a permissão dos pais. Foi então que, em 1965, conquistou uma bolsa para estudar no tradicional Colégio Pio XII.

Seu Aristeu, já mais conformado, desta vez ajudou o filho da maneira que podia: “O pai fez um sacrifício e me deu uma bicicleta de presente. De segunda mão, é claro”. A bicicleta dava trabalho, vivia no prego. Mas teve uma importância simbólica: significava que agora o pai aprovava a vida que o filho havia decidido seguir. E lhe deu as asas para que Davino, tal qual um sabiá, pudesse voar – e voltar para casa quando assim o desejasse.



Foto: acervo de Davino Souza

UM NOVO CAPÍTULO

Os anos de 1970 foram de grande importância para Itapipoca, assim como iniciou um capítulo especial na história de Davino. O dia 13 de março de 1971 marcou a criação da primeira Diocese de Itapipoca, tendo como primeiro bispo **Paulo Eduardo de Andrade Ponte**. Nascia ali uma grande amizade.

“Dom Paulo, para mim, foi uma grande inspiração. Era filho de pessoas ricas, mas bebeu da fonte da Teologia da Libertação, e aprendeu a ser pobre. Comia nas casas, andava a pé, nas brenhas, até de cavalo ele andava”, recorda Davino, com admiração.

Na época, Antônio Bezerra de Menezes, o padre Bezerra, sugeriu a dom Paulo que Davino fosse morar com ele, como seu pupilo, ajudando nas missas e em outras atividades da Igreja: “Fui morar com dom Paulo. Mas disse que não gostaria de morar de graça, de **flozô**, que eu gostava de trabalhar. Eu disse ‘quero que o senhor me arranje um trabalho’”.

Assim, Davino passou a trabalhar na Cúria, na época em que a Igreja fornecia o batistério como documento para que idosos, que não tinham registro em cartório, pudessem usar como comprovante para o pedido de aposentadoria.



UM COMUNICADOR CONSCIENTIZADO E CONSCIENTIZADOR

Em 1973, dom Paulo trouxe para Itapipoca um projeto chamado **Movimento de Educação de Base (MEB)**. Era um projeto de educação e de catequese criado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em convênio com o Ministério da Educação (MEC). O Brasil estava em meio à Ditadura Militar.

Para ser educador do MEB, precisava prestar um concurso de grande procura. Dom Paulo o incentivou, e Davino passou entre os cinco primeiros colocados, de uma concorrência de 202 pessoas: “Virei supervisor do MEB aos 20 anos de idade”.

Com o salário do MEB, a situação financeira de Davino melhorou consideravelmente. Resolveu trazer os irmãos que moravam na Gameleira para estudar em Itapipoca. “Dom Paulo me deu sermão: ‘Padre não pode assumir família!’”.

Percebeu, então, que a sua vocação para o sacerdócio “não era muito convicta”. “Eu, um menino reprimido, que nunca tinha namorado por que não tinha tido tempo, entrei logo num seminário com a promessa de fazer castidade, pobreza e obediência. Mas deu tudo certo, porque fui obediente... Não confundir com subserviente!”. Desistiu da batina.

O Movimento de Educação de Base (MEB) tinha a proposta de Escolas Radiofônicas, com o objetivo de alfabetizar jovens e adultos entre as populações mais carentes. Para executar o projeto, Davino, que participava da equipe de Comunicação do MEB, foi à Recife fazer curso de radialista.

A princípio, o programa do MEB de Itapipoca era transmitido pela Rádio Assunção Cearense, sediada em Fortaleza. Nesta época, a rádio ainda não havia chegado em Itapipoca, o que ocorreria em 1980, com a chegada da Rádio Uirapuru.

“Escrevia o programa aqui e mandava para a Rádio Assunção, em Fortaleza. O programa tinha que chegar 24h antes na Polícia Federal para receber o carimbo. Eu sempre fui esquerdista. O meu progra-

ma foi censurado pela Ditadura, porque usei quatro vezes a palavra ‘conscientização’ na Rádio Assunção. Eu só não fui preso não sei por quê”.

Posteriormente, o programa passou a ser transmitido pela Rádio Uirapuru. Na emissora, passou a apresentar o programa “A Voz da Diocese”.

TALENTO DA MÚSICA

Recentemente, a ciência descobriu que o chamado “ouvido absoluto” não é apenas um dom, mas uma característica que pode ser aprendida desde a infância. Independentemente de onde vem o talento musical, uma coisa é certa: o dom não garante criatividade. E a perfeição técnica não significa, necessariamente, expressividade.

Do chorinho aos cânticos católicos, da seresta ao samba-enredo: Davino é um músico que enveredou por variados estilos musicais, sempre registrando a sua marca pessoal em suas canções. Um autodidata da música.

“Eu comecei com violão. Sou canhoto, canhoto de virar o instrumento, e eu tinha essa dificuldade. Um colega de colégio comprou um violão e não conseguiu aprender a tocar, e, então, eu pedi o seu violão para que eu aprendesse a tocá-lo”. Teve dificuldades, até que soube da existência do músico Canhoto da Paraíba, “que tocava feito a peste”, e foi um incentivo para continuar tentando. Quando fala sobre violão, um modesto Davino diz que ainda está “aprendendo”.

Sob influência musical do padre Zezinho, levou o seu dom para a Igreja. Quando começou a **I Campanha da Fraternidade**, pegou um violão e começou a associar os acordes. Quando fez a primeira associação de acordes, mostrou o feito para o vigário geral, José Sinval Facundo, o padre Sinval. Ao mesmo tempo, participava de serestas e tocava no famoso **Bar do Ecildo**.

Em 1978, criaria um grupo de chorinho chamado **Vibrações**, que se apresentava na noite itapipoquense, no Restaurante e Churrascaria Casa Branca e, posteriormente, no Hotel Municipal.





Grupo Veredas

FESTIVAIS

Em meio à efervescência de sua vida musical, adentrou o mundo dos festivais. O **II Encontro de Artistas Itapipoquenses**, em 1974, aconteceu em Fortaleza, na Emcetur (Centro de Turismo do Ceará), à época um polo cultural da juventude.

O **Grupo Veredas** tocou duas canções de Davino: “Sabiá” e “Sertão”. O público adorou. Davino se emocionou, a ponto de chorar no camarim. E mais: o sucesso motivou os artistas a se inscreverem em outros festivais.

Em 1980, o grupo participou do **Festival Credimus da Canção**, na Praia de Iracema, em Fortaleza. “Passamos na primeira fase do Festival Credimus da Canção. No encontro de artistas, foi a primeira vez que tive contato com a TV. Foi também a primeira vez que vi uma câmera de televisão”, recorda.

O evento era uma realização da Caderneta de Poupança Credimus, com o patrocínio da TV Verdes Mares/Canal 10, Rádio Verdes Mares AM e FM, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará e Fundação do Serviço Social do Estado do Ceará.

Mais tarde, em 1994, fez a primeira gravação de “Sabiá” para o disco **Coquetel de Canções**, produzido por Rita Barreto e Helena do Vale, o LP reuniu músicos notáveis de Itapipoca. Teve outra faixa gravada no mesmo disco: “Casa de Farinha”, de autoria de Amaury Benevides. Posteriormente, “Sabiá” seria gravada mais duas vezes: nos discos “Davino Eternamente Romântico” e “Davino Autoral”.

SERESTEIRO E COMPOSITOR DE SAMBA-ENREDO

Fez carreira no Hotel Municipal, onde trabalhou por 12 anos cantando à noite, sempre às quintas-feiras, violão e teclado. “Estava bombando depois de um ano de projeto”, lembra. Logo ficou famoso também em cidades vizinhas, sendo contratado para shows na região. Paralelo a isso, foi figurinha carimbada nos blocos de rua do Carnaval de Itapipoca.

Desfilou por anos no bloco PTA, “Partido Tocado à Álcool”, que depois mudou o nome para “Partido Tocado a Amor”: “O PTA era um grupo de foliões de mesa de bar”, lembra. Com as cores verde, branco e vermelho, em 1989, o PTA desfilou com um samba-enredo composto por Davino.

200 ANOS...

Na década de 1980, Davino passou no vestibular e foi estudar Filosofia em Sobral. Havia recém-casado com a sua primeira esposa, Socorrinha, que conheceu no grupo de Juventude do MEB. Retornou em 1984, e logo iniciou os trabalhos como professor do Colégio Pio XII e na Estadual. Sem nunca deixar de estudar, concluiu a pós-graduação em Didática.

Foi professor de gerações de itapipoquenses que guardam com carinho as memórias de seu inquieto professor: “O reconhecimento dos 200 anos de Itapipoca é sonhado há tempos. Eu dava aula no Pio XII e já fazia as minhas apostilas contando a verdadeira história de Itapipoca. Era muito criticado”.



SABIÁ

Temos a certeza de que você, leitor(a) deste Almanaque, deve estar curioso(a) para conhecer a letra desta canção de Davino Sousa que em poesia cantada fala de amor e de liberdade. Confira!

Sabiá, tu que eras o rei do sertão
e alegrava com tua canção
o nascer do Sol toda manhã.

Sabiá, e viestes parar por aqui,
só porque se deixou iludir
por aquele xerém no alcapão.

Sabiá, eu também uma vez me iludi
E dentro de um alcapão caí
E nunca mais pude me soltar.

Tu caíste no alcapão que o menino te armou.
E eu caí no alcapão do amor
Da cabocla que eu quis adorar.

Sabiá, o teu canto alegrava o sertão.
Tu voavas pela amplidão.
Eras livre, senhor do teu céu.

Sabiá, e hoje vives tão preso a cantar,
Sonhando em querer se soltar
E voltar pra tudo que era teu.

Sabiá, o teu ninho já se estragou.
A chuva e o vento derrubou
E não tens mais onde morar.

Sabiá, eu sou preso, mas tenho o que quis.
Me desculpa se eu sou mais feliz,
Porque tenho um amor e o meu lar.

Mas se alguém deixastes por lá no abandono,
Me conta que eu peço pra teu dono
Abrir a gaiola e te soltar.

DECLAMAÇÃO:

Sabiá, tu voavas pela amplidão.
Era livre, senhor dos teus céus.
Que pena estar nesta gaiola.
Que triste que tem gaiola pra prender você.

PERSONALIDADE MUSICAL



José Silva Novo nasceu no Trairi, Ceará, em 28 de outubro de 1935, e faleceu em 23 de junho 1986. Era maestro, músico, letrista, arranjador, professor, folclorista, poeta, além de criador e regente de diversos corais em Itapipoca. Professor de educação artística e música no Colégio Estadual Joaquim Magalhães e Colégio Pio XII entre as décadas de 1960 e 1980.

Foi presidente da Comissão Municipal do Mobral em Itapipoca, coordenador do Ensino Supletivo da 13ª Região do Ensino do Estado e da Casa do Estudante. Na década de 1960, participou de uma Comissão liderada pelo professor Filgueiras Lima, fundador do Colégio Lourenço Filho, para conhecer os hábitos e costumes dos tremembé de Almofala e acabou se encantando com os costumes dos remanescentes indígenas.

Assim, em 1965, foi um dos principais incentivadores da participação dos “torenzeiros” no **1º Festival Nacional de Folclore na UFC**. Ele conseguiu, juntamente com a Prefeitura de Itapipoca e com Perilo Teixeira, ajuda financeira para o transporte dos indígenas e para a compra dos materiais utilizados nos adornos como tecidos, penas, entre outros. Novo tinha a intenção de mostrar a Fortaleza e aos outros estados a beleza da cultura dos tremembé, e, para sua alegria, os torenzeiros alcançaram o primeiro lugar do Festival.

Em 1977 publicou *Almofala dos Tremembés*, sobre o seu estudo do Torém e da cultura do povo Tremembé.

“Os 200 anos de Itapipoca representam para mim uma história de lutas e triunfos e, sem dúvida, um povo unido, que chama esta cidade de lar. Ao comemorar essa data, olho para trás agradecida pelos nossos antepassados que moldaram o que somos hoje, mas também olho para frente com esperança. Desejo que Deus continue protegendo nossa Itapipoca Bicentenária, e que o bem-estar da cidade seja compartilhado por todos os residentes ao longo dos próximos anos. VIVA NOSSA ITAPIPOCA!”

Enilda Magalhães Frota,
professora de Português da
rede pública municipal de Itapipoca.

“200 anos é um marco simbólico para o exercício de construção de uma identidade local, em uma terra que agrega praia, serra e sertão, habitada por um povo que se orgulha muito disso. O meu desejo é que o povo se torne protagonista da sua própria História e que valorize cada vez mais a cultura, as manifestações populares e, principalmente, a sua trajetória.”

Robson Oliveira,
historiador e pesquisador.

“Itapipoca, município privilegiado por ter sido criado através de alvará imperial. Desejo sucesso em sua trajetória com atenção às suas raízes históricas.”

Júlio César Cordeiro,
professor, pesquisador e historiador.

“Parabéns, Itapipoca, Terra dos Três Climats, por seus 200 anos! Vivência maior entre lutas, conquistas, desafios sob a égide de padroeiros divinos e de uma parcela significativa de tantos e tantos filhos amados que alicerçaram e construíram o teu desenvolver, o teu crescer. Um feliz e abençoado aniversário, Itapipoca...muito te amamos, terra adorada.”

Amaury Benevides,
poeta, professor e compositor.

“O Bicentenário de Itapipoca representa para mim uma conexão com um momento da história do município há muito esquecido e pouco valorizado nos dias de hoje, e uma oportunidade para aprender sobre os eventos que fizeram de Itapipoca um dos primeiros municípios brasileiros criados no começo do Período Imperial do Brasil. Eu desejo que Itapipoca resgate essa bonita memória e seja reconhecida e valorizada por suas nobres raízes.”

Celso Ximenes, paleontólogo

“Itapipoca, em seus 200 anos eu desejo uma cidade consciente de sua história crescendo e evoluindo, mas que a memória seja sempre uma bússola de vida para seguir em frente.”

Marcos Braga, artista, memorialista,
pesquisador e coordenador de Patrimônio e
Memória da Secretaria de
Cultura de Itapipoca.



CORREIO ELEGANTE

ITAPIPOCA

Eu sou de Itapipoca! A terra da Megafauna!
Dos três climas! Das três regiões distintas,
Praia, serra e sertão.
Onde há muita vegetação, mangue, floresta e caatinga,
Onde o cavalo corre no prado
E o valente vaqueiro derruba o gado!

Tem a serra do Arapari bem ao lado,
Onde se encontra a Bica da Canoa,
Boca da Loca, o Açude Quandú,
Tudo bem movimentado!
Dá pra ouvir a melodia das cachoeiras,
Ver o verde das bananeiras,
Paisagens maneiras!

Lá no litoral tem a praia da Baleia, é bem legal!
Homem anda de sunga e mulher só de fio dental!
Tem água de coco, salgada e nas lagoas água doce natural.
De cima dos morros a visão do mar é em alto astral,
Dá pra ver o pescador em sua jangada
Vindo de sua longa jornada, trazendo a pescada,
Para dar de comer a meninada.

Essa é nossa Itapipoca, "Pedra Lascada!"
Que estala no ritmo do maracatu, torém, e da embolada!
i-t-a-ta-p-i-pi-p-o-po-c-a-ca.
Itapipoca!

Adson Soares Benevides

À ITAPIPOCA



Ita sagrada, profusão de vida
Entre o humano e o divino te reparte,
Gerada inteira foste e, após, partida
Tal um paleolítico standarte.

Eternamente o mar a engalanar-te
Canta ao sertão, à serra... e a amar convida.
Dos teus encantos nos sentimos parte,
Ó pedra amada, que se fez polida!

Sangue tupi nesse teu seio expande
O resplendor de seres bela e grande
Ao balançar dos anos, que se vão...

Da mãe imperial que em ti se encerra
O mais sublime que te marca, terra,
É repartires esse coração!

Salomão Lopes Teixeira

COLINAS VERDEJANTES

Sou terra das colinas verdejantes,
Dos mares verdes da cor de esmeralda,
De céu azul e estrelas mais brilhantes,
De raios fúlgidos da lua prateada.

Itapipoca cidade dos três climas,
Privilegiada pela natureza,
Tuas riquezas são bênçãos que vem de cima,
Praia, serra, sertão tem mais beleza.

Dos ventos que sopram brisa fresca,
Do mar sereno com jangadas multicores,
Dos arrebóis com cores carnavalescas.

Terra onde a lua surge de dentro do mar,
Deslumbrante inspirando mil amores,
Na imensidão do espelho d'água a brilhar.

Chico Mesquita



EXORTAÇÃO A ITAPIPOCA

A tua bela pracinha
A velha igreja matriz
As brincadeiras de rua
Lá no velho chafariz
Domingo no cineminha,
Ah, como eu era feliz.

As tuas serras gigantes
No alto se descortina
Com seus regatos ligeiros
De água pura, cristalina,
Descendo nas cachoeiras
É uma beleza divina.

A bela Escola Normal
O velho Grupo Escolar
O Ginásio Pio XII
Todos de ensino exemplar.
Os meus primeiros mestres,
Ah, como é bom relembrar.

José Edilson Pires

TRIBUTO A ITAPIPOCA

À minha terra, tão amada
Seus 200 anos de história
Guardados, nossa memória
Uma terra tão encantada

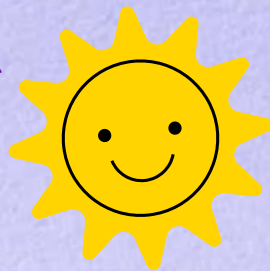
Com seus mitos e lendas
Do livro de Marcos Braga
A sua cultura é tão larga
Maior que as contendidas

Três climas, especialidade
A praia, a serra e o sertão
Mais um clima, a produção
De cultura com diversidade

Teu povo, marca de fortaleza
E na luta fez a transformação
Mãos na massa em construção
Garra, força, ternura e beleza

Veroni Martins

ODE À ITAPIPOCA



Itapipoca, terra querida,
Cidade dos meus amores,
Nunca serás esquecida.
Para ti faço louvores.

Eu te amo, Itapipoca,
Como os filhos amam as mães.
És para mim a luz que foca,
Protegendo vida de cães.

És terra que me viu nascer,
Por quem tenho grande amor.
Em teu solo pude crescer
Com as bênçãos do Criador.

O teu solo é sagrado,
Berço dos meus ancestrais.
No peito ficas guardado
Como graças angelicais.

Tua serra é um celeiro,
Verdes campos no sertão,
Na praia, belos coqueiros
Embelezam o meu torrão.

Poema musicado

Letra: Chico Mesquita

Música: Mamede Gilford Meneses

ITAPIPOCA

Itapipoca, foi contigo que conheci
A liberdade de caminhar
Pelas tuas ruas amar
Andar de bicicleta
E o ar puro respirar

Itapipoca, foi contigo que aprendi
A amar o cheiro da chuva
Molhando a terra seca
Tomar banho no rio
Sentir nos pés a areia ranger.

Ednéa Teixeira Magalhães

(fragmento do poema original)



EU SOU ITAPIPOCA

Eu sou o riacho das Almas na cheia do inverno,
O campo do Escorrego nas tardes alegres de sol;
As serras azuladas que rodeiam Itapipoca;
O açude Poço Verde com água e banho o ano inteiro.

Eu sou o Arapari (antiga Vila Velha) amado;
A serra de Santa Rita, o Santo Amaro, os Picos.
Minha alma está impregnada da água límpida
Do Garapa, dos ventos noturnos e cortantes de lá.

Eu sou o rio Sororô empanzinado até a margem;
O gado pastando no Arrodeador e nos arredores;
O alto da Maritacaca vislumbrando o azul do mar;
O Barrento em procissão querendo reza e oração.

Sou o cemitério do Guarani e seus mortos à luz da lua;
O Ipu e suas águas que banham árvores e gente;
O Deserto, sua feira semanal que põe pão na mesa;
Eu sou o caminho da divisa vazia desse município.

Eu sou a serra de Nossa Senhora de Assunção,
Com sua história e estórias mil, contadas boca a boca,
Nas bocas de noites banhadas pela lua,
Sob as asas do vento frio e congelante.

Eu sou Agrela, Braga, Tabosa, Tomé;
Sousa, Teixeira, Pereira, Barroso, Ribeiro, Moura.
Sou Matias, sou Muniz, sou Alves, sou Barbosa, sou
Azevedo,
Um pedaço do mundo inteiro que habita “os três
climas”.

Sou Cordeiro, sou Silva, sou Brito, sou sobrenomes
desse lugar.
Sou as dores, as alegrias, as tristezas, as feiuras e as
belezas.
Sou amor, sou a decepção, sou o desamor. Sou a
liberdade,
Sou a prisão, sou a alforria, sou o dia todo, sou todo dia.

Sou a manhã, a tarde e a noite de um lindo dia de paz;
Sou nascimento, vida e morte de um ser filho de Deus;
Sou os pontos cardeais: leste, oeste, sul e norte e mais,
Sou a serra, o sertão e a praia dos amores teus e meus.

Joaquim Pontes Brito

ITAPIPOCA

Querida Itapipoca, sou teu cativo
Tu és o quinhão que me toca
És a primeira página do meu livro
Nascer em ti foi a minha grande glória
E vivo por aqui
Construindo tua história

Teu passado guardo na memória
Só isto, não me satisfaz
Escrevo tudo na tua história
Para quem vem mais atrás
Não só sonho, mais realidade
Não fantasia, ou quimera
És tu, minha linda princesa,
Minha eterna paquera

Cidade de três climas
Praia, sertão e serra
Eu nasci ali mais em cima
Onde toda natureza se encerra
De longe tu és linda
De perto és uma beleza
E eu espero ainda
Que se amplie tua grandeza

Respeito teu sagrado vulto
Teu passado, a tua história
Há todo momento escuto
E os guardo na memória
Dormita ao divino sereno
És a expiração do meu poema
Sou teu guerreiro moreno
Tu és minha meiga Iracema

Nascestes de um santo destino
Banhada pelas águas cristalinas
Sem dúvida um sopro divino
És meu refúgio, minha alma refina
Cidade de três climas
És a única que conheço
E para completar minha rima
O meu mais afetuoso apreço.

Pedro Pontes

(Fragmento do poema original)



ITAPIPOCA

Só duas palavras, duas expressões
Do Tupi morto te deixaram vida:
Ita e **pipoca** das erupções
Pedra lascada, rocha dividida.

Brisas das praias, clima dos sertões,
Lascada rocha, pedra bipartida,
Prenhe de serras, filha dos vulcões
Te fez Deus criador a Preferida

Itapipoca, a tua lasca - dura
Tem feito bem a tanta criatura,
Que todo mundo te deseja bem

Não sei qual dos venenos te bebi...
Te ameí, quis bem e nunca te esqueci?
Pois não te troco jamais por ninguém.

Silva Novo

RAINHA DA URUBURETAMA

Entre as plumas de ouro branco
Imerge a Itapipoca irradiante!
Cavalgando o "corcel" garbo gigante
Que é o porvir de um povo audaz e franco

Da serra abrangendo todo um flanco
Descortina um cenário fascinante
Onde as dunas de areia esvoaçante
Põem aos pés da rainha um alvo branco

Rainha é o teu título, é quem tu és?
A posteridade não a esqueça
Ornando-te em teu trono soberano

O Atlântico, de amor beija-te os pés
À montanha agrinalda-te a cabeça
E o sertão dar-te um vestido todo ano

Cândido Teixeira

POEMA À PEDRA LASCADA

Homenagem aos 200 anos de emancipação política, de Itapipoca, Ceará

Ita-pipoca
do dialeto tupinambá – pedra rebentada,
cascalho ou estalada...
Tornou-se popular a minha pedra – lascada.
Itapipoca do português imigrante,
do afrodescendente, do índio suplicante
de onde surgiu tua história.
Itapipoca amada,
do culto religioso à lusa tradição de denominar os sítios
serranos com santos de sua devoção.
Vila São José da Serra de Uruburetama,
Vila da Imperatriz e Itapipoca.
Adorada por mil corações,
banhada pelos mares,
protegidas pelas serras,
acolhida pelos sertões.
Terra de cultura diversificada,
teu nome é poesia que se fez canção.
Itapipoca dos engenhos de açúcar de outrora,
dos tangues de purgação.
Das descobertas arqueológicas
do sítio de João Cativo, tudo é pura emoção!
Terra abençoada por Nossa Senhora das Mercês
e São Sebastião.
Lendas e mitos em teu louvor:
Do cangaceiro Cunduru, o bandido
mais temido da praia, serra e sertão.
Terra dos guerreiros valentes,
da sereia encantada, da lenda da pedra – lascada.
Da pedra fantasma da Itaquatara,
são coisas do meu torrão.

Genésio Meneses





Foto: acervo pessoal de Natalício Barroso

Natalício Barroso revisando **O Centenário** no pátio da “Casa Branca”.

NATALÍCIO BARROSO: LITERATURA BRASILEIRA DE ITAPIPOCA

Natalício Barroso nasceu em Itapipoca, em 19 de dezembro de 1957.

Em Itapipoca, cursou o Patronato Nossa Senhora das Mercês e o Colégio Pio XII.

Em 1977, ingressou na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Trabalhou no Instituto Municipal de Arte e Cultura (RioArte) e na Fundação Biblioteca Nacional, ambos no Rio de Janeiro, e, de volta a Fortaleza, na Fundação de Cultura, Esporte e Turismo de Fortaleza (Funcet), similar atuação da hoje SecultFOR.

Em 14 de julho de 1979, entre outros grandes nomes da literatura naquele período, assinou o manifesto do **Grupo Siriará**. Como ele, assinou o manifesto, **Fernanda Teixeira Gurgel do Amaral**, filha do deputado Perilo Teixeira.

Poeta, jornalista, biógrafo e romancista, foi presidente do Centro Cultural Adolfo Caminha, responsável pela Feira do Sebo de Fortaleza, realiza-

da na praça do Ferreira com grande visibilidade, e pelo Feira do Livro de Cabo Verde no Ceará, ambas as ações patrocinadas pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará.

É autor de diversas obras, inclusive obras que contemplam conhecimentos da literatura grega e a latina, como *Tralha Grega e Outras Tralhas* publicado pela Editora Smile, *O Livro dos Clássicos*, editado pelas Edições Demócrito Rocha, *O Capacete de Aquiles* e *As Pirâmides do Egito e o Palpite do Ceará*, editado pelo Instituto Episteme de Saúde, Educação e Cultura (1ª Edição) e pela Editora Chiado Books – Portugal (2ª Edição).

Outras de suas obras: *Poemas de Abril* (coleção Cavalo Azul), *Sintonia*, *O Livro de Lucien*, *O Velho Marinheiro*, *a Baía da Guanabara* e *a Triste Sina do Imperial*, *Guanadeiro: a cidade desconhecida*, *A Vida Amorosa de Marco Polo*, *Os Alunos da Professora Dulce*, *A Casa de Circe*, além de colaborar



com diversos artigos em jornais e revistas nacionais e do exterior.

Curioso o romance *O Bibliotecário dos Deuses*, uma obra ficcional – com notas autobiográficas – cujo cenário traz ao leitor a Itapipoca. Da mesma forma, deixou, com o irmão Alcio Barroso, um romance inédito e completo: *A Biografia de uma Cidade*, que trata da história de sua terra natal.

Em 2015, por ocasião do Centenário da elevação de Itapipoca à condição de cidade, elaborou o jornal *O Centenário*, publicado pelo Instituto Epísteme, uma ótima referência para saber mais sobre a Itapipoca e ouvir as bem-humoradas histórias de Ito Liberato Barroso.

Natalício faleceu em 26 de abril de 2022. Itapipoca e o Ceará agradecem pelo seu vasto legado cultural.

Trecho inicial do romance *O Bibliotecário dos Deuses*, de Natalício Barroso:

As origens daquele menino se perdiam na noite dos tempos. Falavam de Assunção, em cima das Serras de Uruburetama, da Vila Velha, que já fora sede do município, e de lugares ainda mais distantes. Ninguém poderia saber de onde vieram seus ancestrais. Talvez tenham vindo de Portugal, mas podem ter chegado do Caribe ou da Espanha. Deram-lhe o nome de Emanuel porque “Emanuel” significa “o enviado de Deus” e, como a mãe era muito religiosa, quis homenagear o filho com este nome.

Itapipoca, a cidade onde nasceu Emanuel, fica a cento e trinta quilômetros de Fortaleza. A sede do município possui uma população de oitenta mil habitantes hoje em dia, mas, quando aquele menino nasceu, não tinha mais de cinquenta mil. Pequeno e ossudo, o pai, quando olhou para ele, pensou: “É muito feio!”, mas, quando olhou para a mulher e esta sorria quase sem parar, mudou de ideia.

A maternidade na qual havia nascido se denominava Martagão Gesteira e tinha sido levada para Itapipoca por um político chamado Perilo Teixeira que brigara com Sobral para que aquela maternidade fosse construída em Itapipoca e não no outro município.

PERSONALIDADE ARTÍSTICA



Foto: reprodução

Francisco Everardo Oliveira Silva, o palhaço “Tiririca”, nasceu em Itapipoca, no dia 1º de maio de 1965. Ingressou no circo em 1973, apenas aos 8 anos, encantado com a magia que transforma todas as coisas quando estamos embaixo da lona estrelada. Em 1981, passou a trabalhar em um circo mineiro. Nele, apaixonou-se pela acrobata, filha do dono do circo, que não gostou do caso, numa espécie de adaptação de *O Circo* de Chaplin, só que desta vez a acrobata ficou com o palhaço.

Mais tarde, o casal abria sua própria companhia circense, viajando por diversos estados, até que um dia um macaco-prego do seu circo mordeu o filho de um chefe político em uma cidade. Inconformado, o político mandou incendiar o circo do Tiririca. Assim, todo o empreendimento deles foi por fogo abaixo. Desculpe o trocadilho... Mas nada é por acaso, pois, com isso, Tiririca voltaria ao Ceará e tentaria outro canal de promoção: a música. Ele encorajou-se, com ajuda de amigos, a nos apresentar a canção-chiclete “Florentina”. O CD *Tiririca*, na época, vendeu mais de 1 milhão e meio de cópias, trazendo de arrasto os demais CDs de sua carreira.

Com sua popularidade, trabalhou para várias emissoras importantes de televisão: SBT, Record, Manchete e Bandeirantes.

Decidiu entrar para a política, sendo eleito para deputado federal em 2010, com votação expressiva de São Paulo, na época, o segundo deputado mais votado na história do país. Em 2014, 2018 e 2022 seria reeleito ainda por São Paulo.

É coautor da obra *As Piadas Fantárgicas do Tiririca*, pela Matrix de São Paulo (2006).





ZÉ IVO MAGALHÃES: A VOZ DE ITAPIPOCA

A sala do diretor da Rádio Uirapuru de Itapipoca, **José Ivo Magalhães** (24.07.1947) – ou, simplesmente, Zé Ivo – está cheia de relíquias. Do alto de uma prateleira, fixada na parede que fica atrás da cadeira do radialista, um raro gramofone parece consagrar o local.

Muitos livros, LPs, CDs, fitas cassetes, agendas e papéis por toda parte. Imagens de Luiz Gonzaga, o “Rei do Baião”, dividem o espaço com símbolos de sua fé católica.

Na parede à frente da mesa, está a placa de ferro fundido que data da inauguração da emissora:

“Rádio Uirapuru de Itapipoca, Org. José Pessoa de Araújo, 9-5-1980”.

Entretanto, a sua história na radiofonia começa muito antes da inauguração da emissora. “São 54 anos de microfone. De rádio, tenho 44 anos”, interrompe na sala a voz mais conhecida de Itapipoca.

“Quando falam em rádio, lembram-se do meu nome. Acho que é a generosidade do povo que é muito grande, e a proteção de Deus, que tem me ajudado muito. Porque não justifica”, diz, inacreditavelmente, com um sorriso encaulado no rosto.





PROPAGADORA DE ITAPIPOCA

“Às vezes, fico pensando: a comunicação me cercou desde o início”, reflete. Em 1960, ainda era um adolescente de 13 anos quando conquistou o seu primeiro emprego no Departamento de Correios e Telégrafos. Ali, aprenderia telegrafia, o código Morse. Mesmo assim, não interromperia os estudos: Escola Anastácio Braga, Colégio Joaquim Magalhães e Centro Educacional Pio XII. No último, foi presidente do Grêmio Estudantil José de Alencar e concluiu o curso técnico de contabilidade.

Em 1964, estourou o golpe que abriu as portas para a Ditadura Militar no país, e Zé Ivo começou a trabalhar como locutor nas *Casas Pernambucanas* – à época, loja *A Pernambucana*. Com microfone na mão, um jovem Zé Ivo clamava o slogan: “Loja *A Pernambucana*: preço fixo e cores firmes!”.

Com a sua irradiadora, a **Propagadora de Itapipoca**, de alto-falantes móveis, fez publicidade para o comércio, foi narrador de futebol e apresentou comícios em época de eleições. Acompanhava os padres para chamar os fiéis aos atos religiosos, e, todos os anos, narrava os desfiles carnavalescos de Itapipoca.

“Vai haver o desfile carnavalesco? Lá estava eu com a minha radiadora! E, então, eu narrava: ‘Aí vem o **Bloco da Tesoura**!’. Houve um tempo aqui, que tivemos a maior competição do Carnaval. Tinha o Bloco da Tesoura, que foi feito de propósito para ‘cortar as asas do **Bloco do Besouro**’, que reinava na época”, recorda.



Rádio Uirapuru de Itapipoca: ontem e hoje

Certa vez, foi estabelecida uma disputa oficial entre os blocos, que desfilavam pela avenida Anastácio Braga. Zé Ivo, ao mesmo tempo em que narrava, jogava as suas tiradas que virariam bordões em Itapipoca: “Aí vem o **Bloco do Sujo**, que parece mais uma população do que um bloco carnavalesco!” – referia-se à multidão que ingressava no animado Bloco.

Nos anos de 1960, também foi locutor do primeiro cinema da cidade, dirigido pelo Cafita: o **Cine Itapipoca**. “Hoje, mais uma sensacional película cinematográfica! E hoje é em **CinemaScop**! É em cores!”. Diverte-se ao lembrar as antigas inovações tecnológicas.

Da política, tem muitas histórias para contar. “Dr. Perilo me apresentou ao senador Mauro Benvides, dizendo: ‘Este aqui é o dono da BBC de Londres’”. O radialista lembra o episódio e arranca gargalhadas dos presentes.

Diplomático, diz que esteve nos palanques de Itapipoca desde 1960 até hoje. Manteve relações de amizade e respeito com os prefeitos da cidade; recepcionou governadores, deputados e senadores, e teve o seu próprio palanque: foi vice-prefeito de Itapipoca na gestão de 1989 a 1992.



ARRIBANDO O CHAPÉU DE COURO NA RÁDIO UIRAPURU

Em 1979, o grupo Uirapuru ganhou a concorrência para a concessão da primeira rádio em Itapipoca. Assim, em 9 de maio de 1980, foi inaugurada a **Rádio Uirapuru de Itapipoca**, prefixo ZYH-614-570Khz AM.

Zé Ivo, à época concursado da Empresa Teleceará, assumiu a direção da emissora.

Apresentou o primeiro programa da Rádio Uirapuru: “Arribando o Chapéu de Couro”, dedicado a músicas sertanejas e com maior dedicação as de Luiz Gonzaga. O programa está no ar até hoje, no mesmo horário, com as mesmas músicas, sob a condução de Zé Ivo. “Eu não sei como o pessoal ainda me tolera”, brinca.

O encontro com o “Rei do Baião” aconteceu anos antes, quando o radialista o encontrou em um restaurante. O músico havia feito um show na região. Ali, Zé Ivo teve o impulso de convidá-lo a se apresentar em Itapipoca. Deu certo: o convite foi aceito! Luiz Gonzaga hospedou-se em um hotel do Geraldo Muniz, e se apresentou em Itapipoca, numa quinta-feira, em 20 de novembro de 1969.

Como prova, Zé Ivo mostra a quem duvidar o autógrafo de Luiz Gonzaga no livro *O Sanfoneiro do Riacho da Brígida: vida e andanças do Rei do Baião*.

Em homenagem ao ídolo, construiu, em seu sítio, uma estátua de 6 metros desta que é uma das maiores lendas da música popular brasileira.

Paulo Maciel, em sua *História de Itapipoca*, relata: “O programa do Zé Ivo passou a ser uma obrigação de audiência todas as manhãs pelos itapipoquenses, principalmente pelos trabalhadores rurais que residem mais distante dos acontecimentos na sede do município, gerando notícias, das quais ficam informados através da voz amiga, imparcial, que dá informes matutinos com inteligência e amor, sensibilidade e respeito ao ouvinte [...]”.

O LOCUTOR

Em homenagem ao radialista, o compositor e músico Davino Sousa compôs e gravou em seu CD a música “O Locutor”:

De manhã cedo depois da minha oração,
Ligo meu rádio procurando informação.
Uma voz forte, bem postada vem chegando,
Acordando e animando
A praia, serra e sertão.

O locutor vai arribando o seu chapéu
E sua fala, porta-voz desse povão,
Acorda a todos dando o seu recado ao vivo.
Tô falando de Zé Ivo, improvisado e diversão.
No voo da onda potente da Uirapuru
Zé Ivo, assim que nem tu, não existe outro não.

Fala, Zé, que o povo gosta de escutar.
Tua voz é inconfundível, meu irmão.
Se deu no rádio e foi Zé Ivo quem falou
É verdade, sim, senhor, Zé Ivo não mente, não.
Brinca, Zé, bota o forró bom pra tocar,
Gonzagão, Zé Calixto ou Zé do X,
Enxuga o rato, faz dançar a Mariquinha, teu programa é a meizinha
Pro povo ficar feliz.





Círculo Operário



O PADRE EMPREENDEDOR

Francisco Abelardo Ferreira Lima (03.02.1914 - 25.06.1997), o conhecidíssimo padre Abelardo, nasceu em Pacoti.

Chegou a Itapipoca em 20 de fevereiro de 1949, na condição de pároco da matriz da paróquia de Nossa Senhora das Mercês, após ter assumido a Paróquia de São Francisco em Fortaleza (Jacarecanga) e de São Sebastião em Pedra Branca.

Em Fortaleza, nos primeiros anos de exercício pastoral, a cavalo, visitava os centros catequéticos à sombra de cajueiros “nas areias” do bairro do Pirambu. Da mesma forma, visitava os enfermos, mesmo quando em localidades distantes, e as capelas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e de Santo Antônio, ambas em bairros da cidade: Jacarecanga e Carlito Pamplona, respectivamente.

Estava em Pedra Branca há 3 anos, quando solicitou a dom Antônio de Almeida Lustosa, arcebispo de Fortaleza, que o transferisse “para uma paróquia pequena à margem da via-férrea, ante a facilidade de melhor comunicação com seus pais

idosos. Atendeu. Porém lhe mandou para a grande Paróquia de Itapipoca.”

Aliás, a contribuição do padre Abelardo não se deu apenas no aspecto religioso, mas com grande vulto no que se refere às ações sociais, educacionais e de assistência, sendo nos dias atuais um dos nomes mais lembrados pelos habitantes do município.

O CÍRCULO OPERÁRIO

Padre Aureliano Matos, vigário da paróquia de Nossa Senhora das Mercês, criou em 1937 a sociedade operária União Beneficente Monsenhor Tabosa. Pouco tempo depois, este padre assumiria a função de primeiro bispo da Diocese de Limoeiro do Norte.

Após 5 anos, o novo pároco José Edilson Silva, sabendo da criação e da existência dos Círculos de Trabalhadores Cristão (Círculos Operários), com o auxílio do padre Aluísio Ferreira Lima – fundador e primeiro assistente eclesiástico da Federação de Círculos Operários



do Ceará – e o apoio de alguns municípios, decide transformar aquela Sociedade no **Círculo Operário Monsenhor Tabosa**. Assim, entre as décadas de 1940 e, principalmente, na década de 1950, a entidade teve um papel bastante relevante para toda aquela região.

Jovelina Silva Santos, em *Círculos Operários no Ceará: “instruindo, educando, orientando, moralizando” (1915-1963)*, afirma que “embora, para a Igreja Católica, o Círculo Operário não fosse a única via para sua inserção no mundo do trabalho no Brasil, obteve a preferência da hierarquia eclesástica, tornando-se um dos principais instrumentos da Ação Católica na organização dos trabalhadores. A singularidade dos Círculos Operários para o projeto de cristianização do mundo do trabalho é que estes estatuíram em sua doutrina, uma ação voltada para a assistência material e moral e espiritual: ‘instruindo, educando, orientando, moralizando’. Elaboraram uma proposta que visava combater os propósitos dos socialistas e comunistas, apontando outros caminhos a serem trilhados para melhorar a sorte material dos trabalhadores, sem contudo, abandonar as necessidades espirituais, como salientavam constantemente. Legitimavam sua ação fundamentando-se no apostolado de Jesus Cristo que: ‘[...] primeiro remediava os males corporais e temporais, para conquistar a simpatia, os corações. Depois ensinava a doutrina do reino dos céus.’”

O padre Abelardo tinha inclinação para a justiça social, no auxílio das classes menos favorecidas, e dessa forma abraçou o papel de secretário-geral do Círculo Operário Monsenhor Tabosa.

Segundo nos informa o historiador Júlio César Cordeiro, em 1951, por exemplo, o Círculo Operário “tinha 276 associados, uma quadra com terreno e uma pequena construção e a Casa de Saúde Dom Aureliano Matos, local onde hoje encontramos o Colégio Joaquim Magalhães.”

Na época, houve a proposição e a criação dos primeiros núcleos rurais do Círculo Operário, distribuídos em algumas regiões do município, oferecendo escolas de alfabetização para crianças e adultos, uma forma eficaz de reduzir o analfabetismo, quase geral, da população, principalmente, rural. Ao mesmo tempo, levava a catequese infantil para todas essas comunidades.

Em 16 de agosto de 1953, foi inaugurada a sede própria do Círculo Operário de Itapipoca, ainda hoje situada na av. Duque de Caxias, provavelmente, na época, a maior sede de um Círculo Operário no estado do Ceará.

O movimento circulista deu certo e só crescia. Em 1955, o Círculo tinha 11 núcleos no interior, com 1.124

associados. No ano seguinte, 1.820 associados, com 22 escolas distribuídas no interior de Itapipoca. Em 1962, teria 64 escolas funcionando em diversos distritos, compostas de 2.604 alunos.

Mais tarde, o Círculo Operário disponibilizava, sendo a iniciativa original muito bem recebida, um Centro de Iniciação Profissional que ofertava, para jovens, os cursos de Datilografia, Corte e Costura, Arte e Culinária, Sapataria, Bordado à Máquina e Bordado à Mão, dispondo também de ambulatório médico e dentário, e oferecendo um pecúlio para a assistência a parturientes.

Em uma época em que os automóveis eram ainda coisa rara na região, o Círculo adquiriu um jipe, logo carinhosamente denominado “Brioso 59”. E não é à toa, pois esse jipe heroicamente e a qualquer tempo desbravava veredas e estradas rudes no interior do município para oferecer auxílio a quem dele necessitasse. Trazia doentes, levava recursos, assistência médica, profissionais que visitavam as escolas ou núcleos rurais, e o que mais fosse preciso.

Em 1967, localizado atrás da sede do Círculo, instalou-se o Hospital e Maternidade São Vicente de Paulo, de grande auxílio à população em geral. Até 1971, o Hospital ficaria sob o controle do Círculo Operário.

A Vila São Vicente de Paulo, criada no início dos anos de 1950, outra de suas obras, acolhia idosas que não tinham onde morar ou quem tomasse conta delas. A construção e a manutenção da Vila se davam por contribuições regulares da iniciativa privada e de famílias, como a de Pautília Barroso e de Colombo de Souza.

Na gestão do padre Abelardo, criou-se o Patronato Nossa Senhora das Mercês e o Ginásio Pio XII. Além desses benefícios, a Casa da Juventude e pelo menos 8 novas capelas na região.

Em 17 de março de 1965, após 16 anos de atuação, com o falecimento de sua mãe, padre Abelardo solicita sua transferência para a Paróquia de Nossa Senhora da Penha, em Maranguape, de maneira que pudesse estar mais próximo de seu pai que, aos 80 anos de idade, residia em Fortaleza. Teve como substituto o itapipoquense padre Luís Gonzaga Xavier.

A inserção do padre Abelardo no movimento circulista em Itapipoca foi bastante significativa para o desenvolvimento do município, tendo seu impacto observado ainda hoje. Inclusive, por consequência, na criação, por meio do papa Paulo VI, em 13 de março de 1971, da Diocese de Itapipoca. A Diocese, porém, seria instalada apenas em 21 de agosto daquele ano, e, em 21 de novembro, haveria a sagração e a posse do 1º bispo de

Itapipoca, dom **Paulo Eduardo de Andrade Ponte**, um dos auxiliares de padre Abelardo. A Diocese, assim, se desmembrava de Sobral e de Fortaleza, sendo composta de 10 municípios com 13 paróquias.

HOSPITAL E MATERNIDADE SÃO VICENTE DE PAULO

Em 1978, dom Paulo Eduardo de Andrade Ponte articulou-se com o Governo estadual com o objetivo de construir uma unidade ampliada do Hospital e Maternidade São Vicente de Paulo, que tivesse condição de atender as necessidades da comunidade que naturalmente crescia. Essa articulação só foi possível devido ao apoio e recursos de uma ONG alemã. Enfim, o prédio foi inaugurado em 20 de janeiro de 1980 e doado à Sociedade Beneficente São Camilo, que o mantém e administra até os dias atuais.



Hospital Maternidade S. Vicente de Paulo



Patronato Nossa Senhora das Mercês

DESPEDIDA DO PADRE

“Com a mente e o coração ainda inteiramente voltados para a Paróquia de Nossa Senhora das Mercês, peço à Virgem Padroeira, à guisa de despedida, uma larga bênção para cada paroquiano em particular, sem a ninguém excetuar, e muito especialmente para as diversas instituições e seus beneméritos diretores, braços dedicados de minha ação paroquial. Nesta súplica, a Nossa Senhora das Mercês, não esqueço as Associações Pias, guardiãs do fervor religioso da Paróquia; a incipiente Liga Feminina da Fraternidade e das Conferências Vicentinas no seu amor para com os pobres desvalidos; o Círculo Operário, com seu novo Hospital Maternidade, com suas escolas e núcleos; O Patronato Nossa Senhora das Mercês, agora em nova fase administrativa; o Ginásio Pio XII, congregando uma juventude cheia de esperanças; a Cooperativa Operária, sempre na defesa da promoção econômica dos menos favorecidos de fortuna; a Casa da Juventude, de alegria sã; as capelas de Barrento, Bastiões, Coelho, Deserto, Guarani, Ipu, Lagoinha e Nova Assis, todas de povo dócil e acatador. Que Nossa Senhora das Mercês a todos abençoe.”

Pe. Abelardo F. Lima, Rio de Janeiro, 6 de abril de 1965.

NA PRECISÃO...

Uma historieta é bastante contada de forma diversa por também uma diversidade de itapipoquenses: um dia, um agricultor se dirigiu à sede do Círculo Operário anunciando que a esposa estava grávida e prestes a ganhar um bebê. Estava ali o seu marido na missão de solicitar da entidade, já que era um associado, auxílio de um carro para trazê-la do campo para a sede. Precisava também de auxílio de custos para essa transferência e para alimentação, não apenas para o casal, mas também para uma pessoa que deveria ser contratada para acompanhá-la durante o tempo necessário. Naturalmente, pediu a condução para levá-la, assim como a auxiliar e o bebê, após o parto, para casa.

Concluiu o seu pedido com a solene justificativa: “Sou sócio e nunca pedi nada!”

O responsável, que estava listando a solicitação do camponês, de imediato, retrucou: “Nunca pede, mas quando pede **é pra lascar!**”





Perilo Teixeira e Jânio Quadros em campanha



O jovem Perilo Teixeira

PERILO TEIXEIRA:

ALÉM DE UM NOME DE PRAÇA...

Formado em Direito pela Universidade Federal do Ceará em 1933, sempre que perguntavam ao deputado estadual e, depois, federal, Perilo Teixeira, o que achava de sua profissão de advogado, ele respondia imediatamente. Dizia que era uma profissão muito ingrata “porque os inimigos não o procuravam e os amigos não o pagavam”.

Nascido em Itapipoca no dia 24 de maio de 1913, **Antônio Perilo de Sousa Teixeira**, ou simplesmente Perilo Teixeira, foi prefeito de Aracati quando tinha apenas 18 anos, permanecendo no cargo até 1933. Depois deste primeiro contato com a política, não abandonou mais a prática. Eleito Deputado Estadual Constituinte em 1947 e Federal em 1955, o filho de seu Antônio Rodrigues Teixeira, mais conhecido como major Teixeira, e de Maria Amélia, a dona Maroquinha, fez, por Itapipoca, o que ninguém tinha feito até então.

Perilo nasceu dois anos antes da elevação de Itapipoca à condição de cidade em 1915, no sítio Sororô, um vilarejo localizado aos pés das serras de Uruburetama. Foi ali que os catadores de algodão, durante a Guerra de Secessão, nos Estados Unidos (1861-1865), construíram imensos galpões para, com eles, depositar o algodão que, em seguida, era levado para Fortaleza e, depois, para as indústrias têxteis da Inglaterra.

BENEFÍCIOS

O surgimento e o desenvolvimento de Itapipoca, deve muito a esta guerra americana e à escassez de algodão na Inglaterra. Perilo Teixeira, naturalmente, não é desta época. Mas foi ele quem primeiro tirou Itapipoca de seu isolamento quando a fase do algodão inglês passou e Itapipoca voltou a ser o que



era antes: um simples povoado perdido ao pé das serras de Uruburetama. Afinal, foi ele quem primeiro asfaltou o trecho que vai de Itapipoca a Umirim em meados do século XX e o primeiro a inaugurar uma agência dos correios e uma outra do Banco do Brasil.

Foi ele também quem levou, para os descendentes daqueles que colhiam o “ouro branco” no século XIX, a primeira Escola Normal e a primeira escola de tratoristas que, assim como a Assistência Rural implantada por ele, beneficiava a população menos favorecida da região.

Para uma cidade que havia descido as serras de Uruburetama e havia se formado em torno daqueles galpões carregados de algodão, todas estas benfeitorias promovidas por aquele homem, que mal tinha saído da adolescência, era um avanço considerável.

Perilo era um homem determinado e tinha uma verdadeira paixão pela cidade onde havia nascido.

A POLÍTICA E O POVO

A vida de Perilo Teixeira, portanto, foi toda dedicada à política. Como se elegeu deputado estadual com apenas 34 anos e federal com 42, é natural que este homem que era venerado pelos itapipoquenses de sua época, tenha acompanhado, de perto, a política nacional. A morte de Getúlio Vargas, um ano antes de se eleger deputado federal, a eleição de Juscelino Kubitschek em 1956 para primeiro mandatário do país e, em seguida, a inauguração de Brasília, em 1961.

Em Brasília, quando ali estava, sempre pronunciava seus discursos, e quando eram transmitidos pelo rádio, a população de Itapipoca ouvia e, em seguida, comentava. De volta à cidade onde havia nascido, era recebido com festa por todos e ovacionado na “Casa Branca”, nome da casa onde morava, em Itapipoca, porque, como era branca, tal como aquela dos Estados Unidos, passou a ter este nome.

O “HOMEM DA VASSOURA”

Jânio Quadros, em sua campanha eleitoral, em 1960, denominava-se o “homem da vassoura”, ou seja, aquele que iria “varrer” a corrupção no Brasil. Claro que nem com muito rodo, baldes e baldes de água e aspirador de pó, ele conseguiria, né?

Pois bem, veio o Jânio fazer campanha em Itapipoca, convidado pelo Perilo Teixeira, que sempre pensando grande, montou um enorme palanque na praça que hoje leva o seu nome e, ao fundo, mandou colocar uma vassoura gigante, cujo cabo tinha 10 metros de altura. Coincidentemente, era o período da festa da padroeira. O padre Abelardo, vendo aquela arrumação, anunciou pela sua irradiadora instalada na Matriz, às 18h, horário da festa de Perilo: “Hoje, lamentavelmente, não teremos a noite de novenas, porque o cabo da vassoura na praça é maior do que o mastro da bandeira de Nossa Senhora das Mercês...”

Documento de Perilo (abaixo) e a Maternidade Martagão Gesteira (ao lado)





“Casa Branca” de Perilo Teixeira

A DESPEDIDA

Cassado na década de 1970, um pouco depois do AI-5, Perilo Teixeira morreu em 17 de abril de 1977. Bateu o carro nas pilastras de uma pequena ponte do rio Itacolomi, no Tururu, quando viajava de Itapipoca para Fortaleza, deixando uma viúva, Inês Zilda Teixeira, e 10 filhos.

Um dos grandes méritos de Perilo em sua vida pública, aliás, era esse. O filho de seu Antônio Rodrigues e Maria Amélia, nunca deixava de visitar a cidade natal. Bastava ter um tempo livre para, imediatamente, voltar a ela e manter contato com o povo. Por isso, o aniversário do homem forte de Itapipoca, a quem todos recorriam quando era necessário, sempre era festejado pela população.

Anualmente, em 24 de maio, o que acordava a população da cidade não eram os sinos da igreja nem os feirantes (se por acaso caísse em um sábado) quando chegavam de caminhão para o mercado central. Eram os fogos de artifício que subiam para o céu acompanhados pela bandinha de música do município que tocava o Hino Nacional, o Hino de Itapipoca e outras músicas da época.

A cidade, como sabia do que se tratava, se dirigia para a atual praça Perilo Teixeira, diante da Casa Branca, e ali via a bandinha e os fogos de artifício que continuavam troando enquanto Perilo descia as escadas de sua casa e vinha cumprimentar o povo na calçada. Mais tarde vinha o almoço com os chefes políticos da região. Itapipoca, no tempo de Perilo, tinha esta e outras virtudes.

Dentre elas, a de ser a terra do maestro Silva Novo, do João Pretinho e do Cafita. Todos seus contemporâneos que o reverenciavam com suas músicas, seus poemas e, no caso do Cafita, com seu autofalante tocando os “parabéns” o dia todo, enquanto a bandinha de música de vez em quando tocava seus dobrados no coreto da praça, acompanhada pelos fogos que, como as cornetas e os trombones daquela bandinha regida pelo maestro Frota, voltavam a pipocar.

Redação original: Natalício Barroso

(*in memoriam*) | **Colaboração:** Ito Liberato Barroso e Mauro

Gurgel (neto de Perilo) | **Adaptação:** Raymundo Netto

A MATERNIDADE MARTAGÃO GESTEIRA

Um dos casos interessantes da articulação política de Perilo, foi quando o Ministério da Saúde iria levar para Sobral a **Maternidade Martagão Gesteira**. Como Perilo soube que o acordo ainda não tinha sido concluído, levou a representante do ministério para Itapipoca e provou a ela que a sua terra precisava muito mais daquele serviço do que Sobral. E assim aconteceu. Itapipoca, finalmente, conquistava uma maternidade, que até então não possuía.

"A VOZ DA COMUNIDADE" vs. "A VOZ DO CAMPANÁRIO"

Perilo Teixeira, ao saber da vinda do novo pároco, o padre Abelardo, quis fazer uma grande recepção, como geralmente o fazia quando da chegada de autoridades, políticos e outras visitas ilustres a Itapipoca. Porém, ao contrário do que esperava, o padre Abelardo recusou-se, não queria "manifestações em praça pública", bastando a ele o ritual de posse na Matriz. Perilo não gostou do que ouviu e insistiu: "É o primeiro pedido de seus novos paroquianos." Não convencido, o padre retornou: "Diga-lhes que este é o primeiro pedido do novo vigário."

Acredita-se, só Deus sabe e não conta, talvez para não tomar partido, ser daí a origem do, digamos assim, "estranhamento" entre essas duas figuras de grande importância para o desenvolvimento do município itapipoquense, culminando em debates calorosos, fomentados pela intriga de opositores ferrenhos que viam, naqueles desentendimentos, oportunidades de sustentação no campo político bastante espinhoso na época.

O padre Abelardo tinha uma irradiadora, "A Voz do Campanário", instalada no alto da Matriz. Assim como ele, o seu inimigo político Perilo Teixeira, teria a sua, "A Voz da Comunidade", instalada no alto de uma palmeira que ficava em sua casa, que, não por acaso, era ao lado da Matriz. Naquele tempo sem internet, rádio ou televisão, as irradiadoras eram a forma mais rápida e eficiente de levar informação ao povo da cidade.

O padre usava sua irradiadora para criticar ou às vezes até para debochar de Perilo. Da mesma forma, Perilo não perdia a oportunidade de ironizar ou criticar o padre. Um detalhe interessante: a pessoa que tomava conta da irradiadora de Perilo era conhecido por "Diabo Louro". Coincidência?

Conta Natalício Barroso: "Assim, os dois brigavam, quase que cotidianamente, e o que diziam



Igreja Matriz de Itapipoca

um contra o outro, se tornou assunto para uma vida inteira. Afinal, não há itapipoquense vivo hoje em dia que tenha acompanhado aquelas disputas na praça da Matriz – hoje, Perilo Teixeira –, que não se lembre daqueles dias e daquelas palavras duras de um lado e do outro, que soavam pelas serras de Uruburetama a qualquer hora do dia ou da noite”.

ALGUMAS PERILICES

Perilo Teixeira, sabendo que o governador Faustino de Albuquerque estava fazendo uma grande obra utilizando canos, e precisando deles, solicitou a ele se poderia passar na obra e pegar os canos “furados”. O governador não viu problema algum. Dias depois, recebeu um telefonema de um supervisor de obra reclamando que o dr. Perilo Teixeira havia ido à obra e recolhido diversos canos novinhos. Faustino estranhou e ligou para Perilo lhe cobrando uma explicação, afinal, não iria utilizar-se apenas dos canos furados? Perilo respondeu: “Mas, doutor, você já viu cano que não seja ‘furado’?”

Zé Porfírio era rábula em Tururu, mas estava defendendo uma causa em Uruburetama. No meio do julgamento, após uma exposição de Zé Porfírio, o advogado Perilo protestou. E assim protestaria, enquanto o opositor continuasse firme em sua defesa. Impaciente, Porfírio exclamou solenemente estar “montado” na lei, no que Perilo retrucou: “Eu tenho muito medo de quem monta em um animal que não conhece!”





Amaury Benevides na Praça da Matriz de Itapipoca

O CANTOR DE ITAPIPOCA

João Amaury Benevides Albuquerque (16.11.1945) é filho de José Ibiapina de Albuquerque e Mirian Benevides Aderaldo Albuquerque.

Na padaria Albanir, de seu avô Gaspar Rodrigues de Albuquerque, com apenas 4 anos já lia folhetos de cordel aos empregados do estabelecimento.

No final da década de 1950, por influência do padre José Alberto Castelo, seu primo, e devido à afinidade religiosa, decidiu cursar o Seminário da Prainha em Fortaleza. Porém, apesar de ter aprendido muito – “mais do que em todas as escolas juntas em que estive” – e gostar das atividades de coral do Seminário, percebeu que não queria seguir a carreira sacerdotal, retornando a Itapipoca.

Ingressou no Colégio Pio XII, em tenra adolescência, mas devido aos conhecimentos adquiridos no Seminário, logo seria convidado, assim

como outros, a lecionar no curso preparatório à admissão do ginásio.

Para cumprir o científico, voltou a Fortaleza, estudando na escola João Pontes. Com a música e muita curiosidade na veia, passou a frequentar programas de auditório que aconteciam nas rádios de Fortaleza, como nos da Rádio Iracema, para conhecer os artistas e conhecer outros amantes da música.

Retornaria a Itapipoca para cursar Pedagogia na Escola Normal Rural Joaquim Magalhães.

JOVEM GUARDA SHOW

Amaury achava que a cidade andava muito parada, sem atrativos culturais, sem o frenesi do iê-iê-iê que fazia estalar os joelhos no sudeste do país. Assim, juntamente com alguns colegas, criou o jornal-mural *É uma granada, mora!* – uma alusão ao bordão





Amaury jovem

do Roberto Carlos em seu programa no Teatro Record – e o programa de auditório “Jovem Guarda Show”, realizado aos domingos pela manhã, após a missa da Matriz. Era um sucesso. Ele e os amigos elaboravam os ingressos e os vendiam na escola e na “bilheteria” do auditório, principalmente do **Círculo Operário** – quando não conseguiam o espaço, buscavam o palco do Clube Social Imperatriz, do qual hoje integra a Diretoria.

Os alunos lotavam o auditório para ouvir os jovens artistas locais. Como apresentadores do show, o Amaury e José Milson Teixeira e Pinho. No palco, José Ivo Magalhães anunciava ao microfone os seus comerciais.

Na abertura, mais uma composição de Amaury Benevides. Também ali, Davino Sousa, Genésio Meneses, o conjunto “Os Milionários” e muitos outros.

Na época, os organizadores receberam convites para apresentar o “show” em municípios do entorno. Porém, após um ano, Amaury, encerraria o “Jo-



Círculo Operário

vem Guarda Show” e criaria o “Show é do BOM”. “O Bom” era uma composição de Carlos Imperial que estourou na voz de Eduardo Araújo, aquele que tinha um carro vermelho e não usava espelho para se pentear... mas que tinha um programa, também denominado “O Bom”, na TV Excelsior. Entretanto, não durou muito esse novo empreendimento de Amaury. Tinha outros planos...

A “CANÇÃO DE ITAPIÓCA”

1967: ano de formatura do curso de Pedagogia da Escola Normal Rural Joaquim Magalhães. Novembro. Amaury, aos 22 anos, estava com seus colegas em uma despedida de fechamento de ano letivo. Conversa vai, conversa vem, eles o convidam para apresentar um número musical na programação da solenidade de Colação de Grau da turma. Souberam que estaria ali, além do prefeito Geraldo Azevedo, o governador Plácido Aderaldo Castello. Empolgado, Amaury imediatamente aceitou... mas se esqueceu!

No dia da cerimônia, recebeu um telefonema da colega Reni Farias cobrando o prometido número musical que, afirmava, já constava na programação.



Amaury apavorou-se. Pegou seu gravador, caderno e caneta e se dirigiu ao sítio Sanharão e, à sombra de uma grande oiticica, pediu orientação ao Espírito Santo – um hábito desde criança – e compôs, em 45min, a letra e a melodia da “Canção de Itapipoca”.

Tinha a música prometida. Buscou o amigo e violonista Nenca para juntos ensaiarem a apresentação que aconteceria em poucas horas. Assim, em um espaço destinado a lavadeiras de roupas, surgiram os primeiros acordes da “Canção de Itapipoca”, cantada por Amaury, acompanhado pelo violão de Nenca e o pandeiro de Piticão.

Após o ensaio, Amaury advertiu que os colegas chegassem com uma hora de antecedência: “O negócio é sério, gente!” Piticão o confortou: “Não se preocupe, eu levo ele.” Levaria mesmo?

Amaury já estava agoniado, chegando a hora de sua apresentação e nem sinal de seus companheiros. Aperreado, falou com a irmã Gema Galgani, sua madrinha de Colação, sobre a razão de sua aflição, e ela lhe disse: “Deus proverá, não se preocupe.” Nesse exato instante, ouviu-se gritar do lado de fora, para surpresa de todos, a voz grave do Piticão: “Amaury, trouxe o ‘nêgo’. Pode cantar!”

Assim, às 20h, como constava no programa, lá estava o Amaury, juntamente com Francisco Pinto de Mesquita (Nenca) e o José Valmir Paiva (Piticão), cantando, pela primeira vez, ao som das palmeiras belas balançadas ao vento, numa noite de lua tão meiga ofertando o luar, a “Canção de Itapipoca”, maior sucesso popular autóctone de Itapipoca por várias gerações.

Um fato demais interessante: apesar de ter mais de 400 composições, Amaury Benevides não toca nenhum instrumento musical, nem tem leitura de cifras ou partituras. Como é possível? Só Deus e o Amaury sabem!

EM VINIL

Em 1977, Mariazinha Barroso, que era dirigente da LBA e trabalhava com assistência a idosos, conhecendo a versatilidade de Amaury, solicitou dele a composição de um hino para os idosos. Amaury o fez e cantou para ela por telefone.



O compacto “Canção de Itapipoca”



Amaury Benevides no lançamento do seu compacto

Mariazinha gostou tanto, que conversou com o empresário José de Pontes Neto, na época residindo no Rio de Janeiro, sobre a possibilidade de gravar aquele hino em disco. Assim, numa visita sua a Fortaleza, Pontes Neto foi recebido com toda a pompa por Amaury e Cafita: o carro do Amaury enguiçou, sendo devidamente empurrado pelo Cafita e o convidado Pontes Neto.

Enfim, passado o susto, Pontes Neto assegurou a gravação do disco em formato compacto, que teria duas faixas: “Canção de Itapipoca” (lado A) e “Hino do Idoso” (lado B). Para isso, primeiro, deveriam conseguir a partitura das músicas – naquele tempo, precisava apresentar ao DOPS para a sua aprovação ou censura –, o que foi feito pelo maestro José Frota Neto.

Pontes Neto, então patrocinador da ação, disponibilizou para o Amaury 3 microfones, 1 digital áudio tape (Dat) – uma fita cassete eletrônica de

gravação de alta qualidade, que possuía recursos de última geração, na época – e 1 gravador.

Amaury convidou para essa gravação Davino Sousa e Antônio Barros, que tocariam os violões. Trancados em um quarto, gravaram os 2 violões e as 3 vozes. Feito isso, a solicitada gravação chegou ao estúdio Caravelle do Rio de Janeiro, caindo nas mãos de Franko Xavier (conhecido pelo sucesso “Maria, Mariazinha”), que retirou os violões e adicionou outros instrumentos, finalizando a montagem da música.

Finalmente, os discos chegaram a Itapipoca, na casa de dona Otília Barroso. Além de Amaury, muitos se dirigiram para lá, curiosos com o resultado. No selo amarelo, ali estava a “Canção de Itapipoca” cantada pelo... Coral de Itapipoca?

O certo é que o compacto seria lançado com grande visibilidade e público em Itapipoca no dia 20 de maio de 1978, no Clube Social Imperatriz.

Em 2023, Amaury foi um dos ganhadores do **Troféu Maestro Frota**.



Foto: acervo da Ascom da PMI

CANÇÃO DE ITAPIPOCA (CIFRA)*

A D
 Neste instante de grande alegria,
C#m F#m
 De mil fantasias, eu venho lembrar.
C# C#7 F#m
 A verdade não foi revelada.
B7 E
 Porém, a canção, a vocês, vai mostrar.
A D
 Necessário se faz que se tenha
C#m F#m
 Atento os sentidos, muita meditação.
C# C#7 F#m
 O que lhes digo, alegre o espírito,

B7 E
 Devolve a esperança, ressurge afeição.
C# C#7 F#m
 O que lhes digo, alegre o espírito,
B7 A Am
 Devolve a esperança, ressurge afeição.

Am
 Olhando esse céu tão lindo que existe,
E
 Tendo a saudade a pulsar no coração,
 Revendo essas belezas, quem resiste?
Am
 Chorar de alegria, a verter emoção.

Terra tão grande de amor tão sincero,
A A7 Dm
 Terra do sol, sereno, sempre a brilhar.

Am
 No céu, um sonho real de uma estrelinha.
E Am A7
 A lua tão meiga, ofertando o luar.
Dm Am
 No céu, um sonho real de uma estrelinha.
E Am
 A lua tão meiga, ofertando o luar.

[Refrão]

E Am
 Itapipoca, sem você eu não vivo.
E Am
 Não esqueço as belezas que nascem em ti.
Dm Am
 Itapipoca, minha terra adorada,
F E Am
 És tu minha amada, tu és meu viver.

Am
 Palmeiras belas balançando ao vento.
E
 Sertão agreste, chovendo faz chorar.
E7
 Um grande torrão de areia rodeia
Am
 As águas azuis radiantes do mar.
 No infinito a esperança divina.
A A7 Dm
 Num lindo céu a estrela d'alva a brilhar,
Am
 Agradecendo majestosas montanhas,
E E7 Am
 Belezas a um Deus que se deu, que se dá.

(*) letra cotejada a partir do registro de 18.05.1975.





ITAPIPOCA NOS TRILHOS

ANTES DO CAVALO DE FERRO

Na segunda metade do século 19, Itapipoca, ainda denominada Vila da Imperatriz, tinha uma boa produção, em especial de bananas, cana-de-açúcar e derivados, fumo, farinha, algodão, café, cereais, cera de carnaúba, mamona, charque etc. Os produtores e comerciantes, não apenas dali, mas de toda a produção comercial da serra de Uruburetama, visavam o escoamento desses produtos para o litoral, mais especificamente ao Porto de Mundaú, um dos mais importantes entrepostos de gêneros agrícolas de Uruburetama e de mercadorias estrangeiras da província, por meio dos vapores da Companhia Maranhense (“Maranhão” e “Costeiro”).

A partir do alto da serra, por veredas e estradas rústicas, toda essa mercadoria passava por um ca-



Estação da RFFSA





Foto: arquivo pessoal de Camocim Ribeiro

Profissionais de manutenção de linha

minho tortuoso em lombo de animais em comboio guiados por tropeiros ou em pequenas carroças, que não apenas eram destinados ao porto, mas que, no caminho, abasteciam povoados e arraiais.

Em dezembro de 1849, Fausto Augusto de Aguiar, presidente da província do Ceará, anunciou uma licitação para a construção da estrada Itapipoca-Mundaú. No dia 24 de outubro do ano seguinte a Câmara de Imperatriz destinou recursos para a essa execução, visando melhorar a condição do tráfego dos comboios e de carros de bois, que carregavam um maior volume de produtos do arraial de Itapipoca, no sopé da serra, ao Porto de Mundaú. À frente da obra, o capitão José Joaquim Carneiro, português, construtor, administrador do porto do Mundaú e proprietário de embarcações.

Contudo, ao mesmo tempo que alguns elogiavam a iniciativa, outros reclamavam da demora e da eficiência dessa estrada. De forma que, em 1860, o engenheiro Adolpho Hebster foi a Itapipoca para verificar a obra e apontou que, sim, necessitava de melhoramentos, como pontes e aterros.

Em 1864, o presidente Lafayette Rodrigues Pereira dizia que a estrada estava intransitável, carecendo de melhoramentos ou de se fazer outra. Também em sessão da Assembleia Provincial, houve um debate sobre a estrada Itapipoca-Mundaú, no qual o deputado Joaquim Antônio Alves Cordeiro dizia que a “mesma não prestava”, que o responsável era para ter concluído duas pontes e só havia feito uma. Não foram elaborados aterros e, assim, com as chuvas, a estrada estava coberta de mato, além de ela ter sido construída até o Retiro e não

pelas várzeas, por onde chegaria mais rapidamente à praia. Os liberais também criticaram a qualidade da obra, referindo-se a elas como “de má qualidade e muito aquém das despesas despendidas, não servindo aos misteres que se tinha em vista”.

Até 1854, eram essas as estradas que havia na região: Imperatriz a Fortaleza, Imperatriz a Acaraú, Imperatriz a Mundaú, Imperatriz a Sobral e Imperatriz a Santa Cruz. Nas duas últimas, só se trafegava em lombo de animais.

Em 1861, teria início a Guerra da Secessão, a maior guerra civil dos Estados Unidos, grande exportador de algodão para as indústrias têxteis europeias, em especial, as inglesas. Com a guerra, a Europa teve que procurar outros fornecedores, os encontrando no Ceará, cujo algodão era de excelente qualidade.

O Império, com intenção de favorecer essa exportação, recebeu quatro projetos de ferrovias para o Ceará, uma delas seria a Imperatriz-Mundaú, que não foi aprovada.

Os comerciantes, produtores e políticos se uniram e sugeriram alterações no plano inicial, mas mesmo assim não conseguiram êxito. A partir dali, passaram a chamar o seu plano de “a ferrovia de papel”, pois a única estação que deu certo foi a da gaveta.

A ferrovia só viria acontecer na quarta década do século 20, sendo veículo de grande importância para o desenvolvimento de Itapipoca, desde então, relevante centro comercial da região.



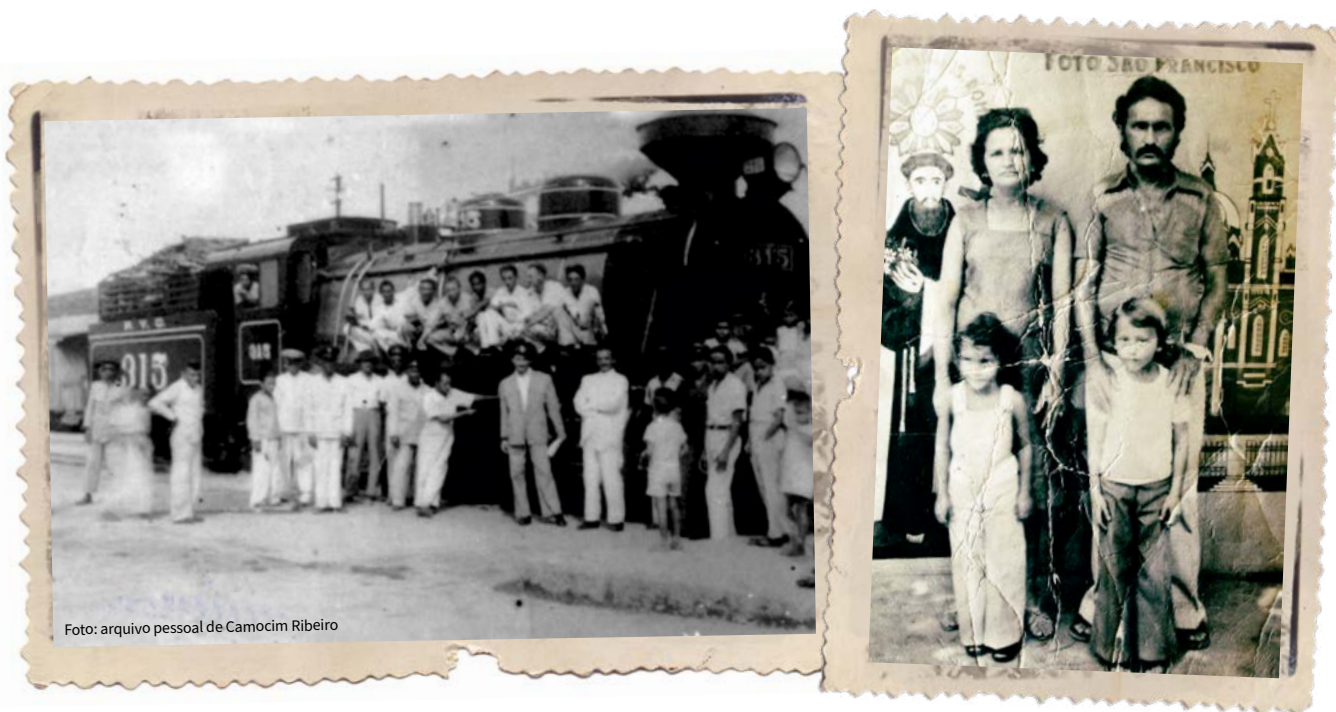


Foto: arquivo pessoal de Camocim Ribeiro

À esquerda: inauguração da estação de Itapipoca. **À direita:** João Bonfim de Lavor e família

INAUGURAÇÃO DA ESTAÇÃO DE ITAPIPOCA

Pelas mãos dos maquinistas Abílio Guimarães Costa e Dagoberto Aquino, a locomotiva americana da **Baldwin Locomotive Works**, tipo Mikado, fabricada em 1927, de número 315, chegava em 4 de julho de 1940, às 16h, à Estação de Itapipoca.

No seu interior, para inauguração da nova estação, vinha Hugo Rocha, diretor da Rede Viária Cearense (RVC), Humberto Monte, engenheiro e chefe de tráfego, e Francisco Carlos Oliveira, engenheiro e chefe da via permanente.

Durante aproximadamente dez anos, Itapipoca continuaria sendo terminal, mas, oito anos depois, seria construída mais uma estação no rumo de Sobral, recebendo o nome de Estação Anário Braga.

Em 5 de março de 1950, o distrito de construção do Departamento Nacional de Estradas de Ferro (DNEF) do Ministério da Viação e Obras públicas inaugurou o trecho ferroviário Itapipoca-Sobral, destituindo a nomenclatura Estrada de Ferro Fortaleza-Itapipoca e passando a ser denominada Via Férrea de Sobral/Linha Norte.

UM MESTRE DE LINHA DA RFFSA

João Bonfim de Lavor (21.02.1944) nasceu no sítio Várzea de Fora, distrito de Alencar, em Iguatu, filho de Manoel Cândido de Lavor e Maria Afra de Lavor.

Desde criança até os 20 anos, trabalhou ao lado de seu pai, como agricultor, “na roça”, como diz.

Seu irmão trabalhava, naquela época, na Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima, a RFFSA, popularmente denominada “Refesa”, empresa criada em 1957, durante o governo de Juscelino Kubitschek. Apareceu uma oportunidade de contratação na empresa e ele convidou o Bonfim, que, a partir de 29 de junho de 1964, passou a trabalhar na conservação de linha, ainda em Iguatu.

Cinco anos depois, prestou concurso para supervisor de via permanente, função mais conhecida como “mestre de linha”, no caso, da Linha Sul, cargo que exerceu durante quase 17 anos.

Em setembro de 1986, foi transferido para assumir o cargo em Itapipoca. Havia a opção de escolha, mas optou por Itapipoca devido a ter relação

de afinidade com São Sebastião e com Nossa Senhora das Mercês.

A princípio, veio sozinho, trabalhando e dormindo na sede da Estação. O único conhecido na equipe de, então, 57 pessoas, foi José Caboclo do Nascimento, também originário de Alencar, Iguatu.

Durante um mês, mantinha contato com sua família por meio de telégrafo. Não demoraria muito e traria para morar com ele em Itapipoca: a esposa Rita Salvino de Lavor e os três filhos, Rubnildo, Róbéria e Sidiana – mais tarde, em 1993, acresceria à família Rubens, um filho de coração.

Engana-se quem acredita ser o seu trabalho algo monótono. Há alguns eventos que passavam quase que invisíveis ao olhar dos inúmeros passageiros e clientes das vias ferroviárias. Muitas vezes os trilhos empenavam, os dormentes quebravam, apodreciam ou se incendiavam – por ser de madeira, os dormentes recebiam algumas brasas que escapavam das locomotivas a vapor –, e todas essas coisas poderiam causar danos ou interrupção nas viagens. O trabalho da equipe de Bonfim era contínuo, não apenas na correção dessas linhas, na sua manutenção, mas também na prevenção de problemas que poderiam causar a obstrução das vias, o descarrilamento de trens ou, simplesmente, como aqui citado, a queima dos dormentes pelas brasas das locomotivas. Neste caso, a equipe tinha que sempre colocar areia sobre eles.

Quando avisado pelo maquinista, foguista, guarda-freio ou outro profissional do trem, ou mesmo quando solicitado pelo engenheiro responsável em inspeções constantes das vias, a equipe dirigida pelo Bonfim, por meio de troles, veículos ferroviários utilizados na manutenção dos trilhos, saía para realizar a sua operação, trazendo no reboque, quando preciso e conforme a extensão do dano, material para acampamento: lona, mantas, colchonetes, ferramentas diversas, lampiões, água, comida, entre outros.



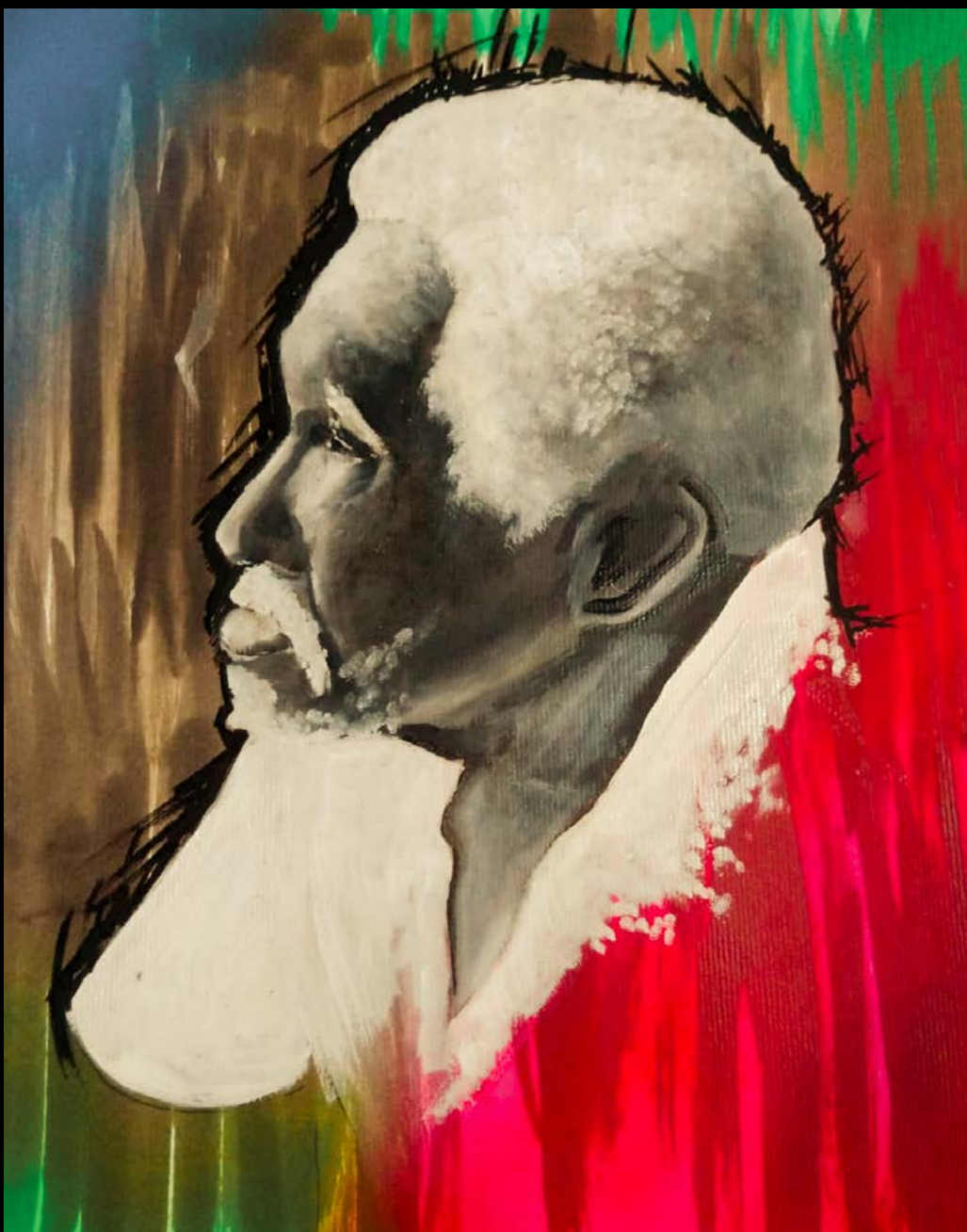
João Bonfim de Lavor

A equipe era munida de um telefone portátil. Não, não era um **smartphone** ou o famoso **walkie-talkie**, mas um aparelho que era ligado nos fios telefônicos e com ele entrava em contato com a estação, solicitando a licença para iniciar o serviço ou para liberar a via para a condução normal dos roteiros ferroviários.

Essa equipe, como outras espalhadas pelo Brasil, muitas vezes prestavam serviços relevantes a populações isoladas do meio urbano, especialmente em momentos de seca ou de grande estiagem, nos quais ofereciam parte de sua alimentação – carne, toucinho, rapadura e ovos – para saciar um pouco a sua fome, ou mesmo conduzir pessoas doentes, gestantes ou outras pessoas em necessidade para a cidade.

Todas essas histórias foram vividas por João Bonfim de Lavor, hoje aposentado, vivendo a tranquilidade no bairro Boa Vista, em Itapipoca.





Luciano Cacau é artista visual (autodidata) e pedagogo formado pela Uece. Com vinte anos de produção artística, transita por várias técnicas e, atualmente, se dedica ao universo da arte urbana, através do graffiti e do muralismo.

Na tela, figura **Benedito Colorinda de Sousa** (23 .06.1940 - 10.04.2023), conhecido como “Prefeito”, um homem de muita simpatia e que recebia a todas e a todos visitantes em sua residência em taipa na **Comunidade Quilombola de Nazaré**, especialmente estudantes que ali visitavam para conhecer mais histórias da comunidade.



A COMUNIDADE QUILOMBOLA NAZARÉ

Nos muros da Escola Quilombola de Nazaré estão estampados os rostos de Dandara, Zumbi dos Palmares, Dragão do Mar, Raimundo Virgínio, João Cativo. As referências de personalidades históricas da resistência negra são inspiração para as cerca de 50 famílias da **Comunidade Quilombola de Nazaré**, localizada no distrito de Arapari, região serrana de Itapipoca.

A produção do artista **Luciano Cacau** faz parte do projeto “FACES da História”. Foi realizada por meio da Lei Aldir Blanc, em 2022, ano de inauguração desta que é a primeira escola da comunidade. Em meio a figuras históricas, está o rosto da professora **Aurila Souza**, liderança nacional do movimento negro. E logo se entende o motivo pelo qual ela foi escolhida pelos moradores de Nazaré para ser representada.

Primeira professora formada e concursada da Comunidade Quilombola Nazaré, Aurila, há 30 anos, tem se dedicado às melhorias para o seu povo. Junto à irmã e também professora concursada **Ana Carla Souza**, conquistou para o território o certificado de identificação de comunidade quilombola.

O processo teve início em 2003, com as pesquisas necessárias para dar entrada nos processos. A documentação com o pedido de certificação foi enviada em 2007 para a Fundação Cultural Palmares, em Brasília.

Em meio à luta pela certificação, uma grande vitória foi conquistada para a comunidade: em 2010 chegou a luz elétrica para a Comunidade Quilombo Nazaré, por meio do programa “Luz para Todos”.

Enfim, em 2011, o documento de identificação como Quilombo Nazaré foi publicado no Diário Oficial da União. Eleita coordenadora nacional da Coordenação Nacional e Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq), Aurila teve a oportunidade de conferir de perto, na Fundação Cultural Palmares, o documento tão esperado.



Ana Carla e Aurila Souza

Foto: Renata Wirtzbiki



Escola da Comunidade Quilombola de Nazaré

Foto: Renata Wirtzbiki

O art. 2º do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, diz: “consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.”

“OS NÊGOS DO NAZARÉ”

Conta-se que os negros da região chegaram como escravizados das famílias que se fizeram donas das terras em Arapari. Porém, um incêndio no cartório do distrito teria apagado os registros documentais sobre o seu povo, dificultando o resgate da história.



Nem por isso a história se perdeu. Afinal, como nos ensinou o fotógrafo Januário Garcia (1943-2021): “Existe uma história do povo negro sem o Brasil; mas não existe uma história do Brasil sem o povo negro”.

A trajetória dos chamados “nêgos do Nazaré” foi contada oralmente, de geração a geração. Benedito, o “Paizinho” – bisavô de Aurila e Ana Carla –, foi um dos guardiões desta ancestralidade. Os mais velhos da comunidade contam que Paizinho foi uma grande liderança: frequentou o Círculo Operário de Itapipoca, sendo um entusiasta da cultura e defensor da identidade negra.

As memórias foram de grande importância para que a comunidade se reconhecesse quilombola. Até pouco tempo ainda conhecidos como “nêgos do Nazaré”, eram vistos de forma preconceituosa por toda a região, segundo contam as irmãs professoras.

O racismo estrutural fazia com que se sentissem envergonhados por morar em Nazaré, um lugar que não tinha acesso a políticas públicas, e que ainda dependia da permissão dos “donos da terra” para trabalhar.

QUEM SÃO OS “DONOS DA TERRA”?

O território é reconhecido como uma comunidade quilombola. Mas a propriedade das terras está no nome de três famílias, com muitos herdeiros envolvidos.

Devido à burocracia (e intimidação), a comunidade ainda não conseguiu dar entrada no pedido de regularização fundiária ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), autarquia competente, na esfera federal, pela titulação dos territórios quilombolas.

Por não serem os donos de suas terras, enfrentam muitas dificuldades, especialmente relacionadas ao trabalho e à moradia.



Fotos: acervo Comunidade Quilombola Nazaré



SUBSISTÊNCIA E RESISTÊNCIA

No período de escravidão no Arapari, os negros trabalhavam nos canaviais, plantando cana para dar metade da rapadura, e plantando mandioca, para dar metade da farinha. As mulheres faziam a colheita do café, mas não recebiam pagamento.

Hoje, na serra, planta-se milho, feijão, banana. Mas a colheita dos quilombolas continua a ser dividida entre os proprietários da terra. Por isso, muitos dos moradores de Nazaré vão trabalhar em comunidades longínquas para fazer os roçados.

No terreiro, as famílias criam galinhas e porcos para o consumo. Algumas também criam cabras nas proximidades de suas casas. As famílias carentes adquirem a maior parte de sua renda por meio de programas sociais do Governo, como o Bolsa Família.



FESTEJOS

A **Festa da Padroeira Nossa Senhora de Nazaré** é realizada há 20 anos na Comunidade Quilombola Nazaré, no mês de agosto. São dez dias de festejos, que envolvem ritos católicos, instrumentos de percussão e cânticos afro.

Nossa Senhora de Nazaré surgiu em Portugal. A sua famosa aparição e relatos de milagres espalhou-se nas colônias portuguesas, e, entre elas, no Brasil. Também conhecida como uma das “virgens marias negras”, devido à cor escurizada de suas imagens, Nossa Senhora de Nazaré é Oxum no sincretismo religioso, em várias regiões do país.

O **Dia da Consciência Negra** também é comemorado na Comunidade Quilombola Nazaré. Porém, ao invés da data oficial de 20 de novembro, a comunidade festeja no dia 18. A antecipação da data foi uma maneira de participar das comemorações realizadas em outras comunidades, a fim de promover uma maior integração entre quilombolas.



ASSOCIAÇÃO DOS REMANESCENTES DE QUILOMBO DE NAZARÉ (ARQNA)

Fundada em 2010, a **Associação dos Remanescentes do Quilombo de Nazaré (ARQNA)** é uma importante organização em busca de melhorias para a comunidade. O trabalho é feito em parceria dentro e fora do território, com o intercâmbio de conhecimentos com outras comunidades quilombolas.

Para além de conseguir recursos e projetos para o Quilombo de Nazaré, hoje, um dos desafios da Associação é inserir a juventude nas lutas da comunidade. E já está acontecendo: o atual presidente é **Lucas Ribeiro**, jovem liderança do local.

Com ele, espera-se que mais jovens juntem-se ao compromisso de continuar o legado de seus antepassados, preservando a cultura e a identidade do povo negro, e avançando nas conquistas de seus direitos.





Foto: acervo Ascom da PMI

ABRAM ALAS: O CARNAVAL CHEGOU

Asabedoria popular diz que amor de Carnaval não sobe a serra. Mas só diz isso quem não conhece Itapipoca, onde encontramos a serra, praia e sertão unidos por um só amor: **o Carnaval!** Aqui tem confete, serpentina e mela-mela; samba-enredo e maracatu; homem vestido de mulher e mulher vestida de homem.

No período momino, a alegria invade a avenida Anastácio Braga com espetáculos de maracatus, escolas de samba e blocos de rua.

Pegue a fantasia, abra alas e venha desfilar pela **história do Carnaval de Itapipoca!**

MARACATU

Os ritmos e danças de matriz africana, com junção das culturas africana, portuguesa e indígena, característicos do maracatu cearense – como o negrume e a louvação aos orixás –, fazem o espetáculo no Carnaval de Itapipoca.

Oficialmente, tudo começou com a criação do grupo **Maracatu Az de Espada**, em 1963 (há **60 anos**), por João de Andrade (João Pretinho), Francisco Montenegro (Chico Vermelho) e João Tomaz Félix, todos carnavalescos e boêmios identificados com a cultura popular. **João Pretinho**, a maior representação do maracatu de Itapipoca, desfilou até depois dos 90 anos de idade!

Segundo Niciana Ponte Feijão, em “Por Meio da Dança do Maracatu (2000-2018)”, “o nome do grupo ‘Az de Espada’ faz referência à carta de baralho que possui esse nome, por ser caracterizada como uma carta poderosa, e vem destacar no grupo a beleza da raça negra, que no passado, era vista como escrava, hoje se destaca como peça principal nas ruas nos desfiles do Maracatu. Outra característica do Maracatu AZ de Espada bem marcante é a cor preta e branca, que representa as misturas das etnias africanas e europeias. O figurino do grupo e adereços das alas destacam as cores pretas e brancas.”



Também destaca a diversidade do grupo, na época, composto por estudantes de escolas públicas, familiares, dançarinos da Cia Balé Baião, membros da comunidade quilombola e indígenas.

Hoje, o Az de Espada faz parte do **patrimônio imaterial de Itapipoca**. Ademais, a cidade também conta com outros grupos que surgiram para fortalecer a cultura negra e indígena e a tradição carnavalesca do maracatu.

Em 1998, foi criado o grupo **Maracatu Rei de Ouro**, pelo Pai Mesquita de Ogum. Hoje, o **Maracatu Nação Beija-Flor** mantém a tradição na avenida, sob a orientação de Ednaldo Andrade, o “Pelado”, neto de João Pretinho.

ESCOLAS DE SAMBA

A cidade de Itapipoca tem a tradição das escolas de samba. Ao longo dos anos, a cidade já viu desfilar pela avenida o Grêmio Recreativo Escola de Samba (Gres) Aquarela, Vila da Imperatriz, União das Estrelas, Unidos da Fazendinha e Eclipse do Sol.

A escola de samba Partido Tocado a Álcool, o “PTA”, surgiu nos anos de 1960, mas foi reativada nos anos de 1980, época em que fez muito sucesso na cidade. Em 1989, alguns dos integrantes do PTA, se reuniram e decidiram fundar o Grêmio Recreativo Escola de Samba (Gres) Aquarela, sob a liderança de **Genésio Meneses**.

Nos anos de 1970, o carnaval era restrito ao Clube Social Imperatriz. Naquele tempo, os blocos que se apresentavam era o bloco PTA, Turma do Besouro, Turma da Tesoura (“corta essa de zum-zum”), Odaliscas, As Formigas, Tubarão de Fortaleza etc.

Posteriormente, a partir de integrantes do Gres Aquarela, como a porta-bandeira Socorro Andrade, surgiu a **Escola de Samba Vila da Imperatriz**. Genésio conta que a divisão entre os integrantes em duas escolas de samba tinha apenas o intuito de “não deixar o Carnaval acabar”. Não havia competição entre as duas. Aliás, Genésio criou o samba-enredo “Deu Águia na Cabeça” e o logo do estandarte da nova escola, em homenagem à primeira vereadora de Itapipoca: **Leida Soares**.



Foto: acervo Genésio Meneses

Os desfiles, com samba-enredo, alas e carro alegórico, têm como temas desde questões mundiais, como a preservação do meio ambiente, como homenagens a personalidades de Itapipoca. Cafita e Tiririca foram algumas das personalidades já celebradas na avenida.

BLOCOS DE CARNAVAL DE CLUBE

A irreverência é o enredo dos Blocos de Carnaval de Itapipoca desde sempre. Contam os mais velhos que o **Bloco do Besouro**, formado pela Turma do Besouro, era muito famoso na cidade, tendo iniciado a sua participação como bloco em 1971, no Carnaval do **Clube Social Imperatriz**. O traje dos participantes do bloco já causava estranhamento, como nos informa Eloi de Brito, liderança da turma: “uma jaqueta vermelha, imitando blusão de motoqueiro, com um besouro desenhado nas costas, a pincel atômico, e uma calça preta”. O estandarte de flanela também trazia a figura do besouro. A música de guerra, “Bloco II”, foi composta pelo Eloi e apresentada à turma na praça da Matriz. A cada ano, mais pessoas faziam questão de entrar no bloco, de maneira que logo teriam que sair para as ruas, por meio da **Escola de Samba da Turma do Besouro** que, em seu primeiro desfile, surgiu com um carro alegórico criado pelo artista plástico **Descartes Gadelha**.

Até que outro grupo teve a ideia de criar o “Bloco da Tesoura”, nascido com a intenção de “cortar





Cafita e Leida Soares e os estandartes do Bloco da Tesoura

as asas do besouro”. Nem precisou, pois como boa parte dos integrantes da turma estudava em Fortaleza, cada vez mais se ausentava dos preparativos do Carnaval e, assim, o Bloco e a Escola de Samba “cerraram as suas asas”.

BLOCOS DE CARNAVAL DE RUA

Mas se tem um bloco que é tradição em Itapipoca é o **Bloco do Sujo da Fazendinha**! Originalmente, surgiu na década de 1960, por meio de jovens daquele bairro que, espontaneamente, seguiam o Maracatu do Chico Vermelho, munidos de pedaços de pau e latas velhas fazendo a sua batucada. Com o crescimento dessa turma, o Chico pediu que não o seguissem mais, pois estavam atrapalhando a cadência de seu bloco. Então, em 1973, Paulo Camelo, Pedro Bezerra e Ivan, liderança do

grupo, pediu ao prefeito autorização para desfilar como bloco individual e ainda receberam alguns instrumentos musicais.

Daí, há **50 anos**, oficialmente, o Bloco do Sujo levou às ruas itapipoquenses cerca de 6 mil foliões, ao som de “Colerina 1973”, composição de Paulo com os irmãos Zé Antônio e Marcílio, muita cachaça, jumentos adornados, carroça com o rei sujo e a rainha suja sentados em vasos sanitários (“os tronos”), a TV Sujeira (câmeras de TV feitas de papelão e canos), caixão com “defunto vivo” (confeccionado pelo Zé Major e o filho Raimundo), entre outras alegorias.

O Bloco do Sujo foi inspiração para a concepção de outro bloco, em 1998: o **das Fuampas**. O Bloco das Fuampas foi uma ideia de **Ednardo Bezerra Júnior**, presidente do bloco, **Arlex**, à época, vereador de Itapipoca, e de **Orlângelo Leal**, do grupo Dona Zefinha. A proposta é um clássico do Carnaval cearense: homens vestidos de mulher, mulheres vestidas de homem.

No passado, também surgiram os blocos Bola Preta, Odaliscas e Formigas. Ao longo dos anos, a tradição dos blocos continuou com o Urtiga, Jacaré, Me Leva, Monas, Traça-Tudo, Barril, Tô Nem Aí, Amigo do Pagode, Afro Baião, O Safadinho, Bloquinho das Malandras, Birutas, Fura Olho, Bloco do Caranguejo, FBI, Trupica mas não cai, entre outros.

Em 2023, uma conquista importante: o Carnaval de rua voltou com tudo ao centro da cidade de Itapipoca. Vida longa ao Carnaval!

“FOLIAS, BATUQUES E MEMÓRIAS”

Para saber mais sobre o Carnaval de Itapipoca a dica é assistir ao minidocumentário “Folias, Batuques e Memórias” (2022). É composto de duas partes, com entrevistas de carnavalescos e imagens raras da folia na cidade.

O minidocumentário é uma realização da Prefeitura de Itapipoca, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult-CE) e Coordenadoria de Conhecimento e Formação, e está disponível gratuitamente no **YouTube**.



Foto: acervo de Natalício Barroso

A Turma do Besouro

A TURMA DO BESOURO

Eloi de Brito conta que fazia parte de um grupo de rapazes que, por volta de 1969, se reunia, próximo a um chafariz da Boa Vista, para tocar violão e aprender novas músicas. Entre esses rapazes, ele, Flaviano Pinho (Neném), Valmar, Paulo Ednardo (Lalado), Edilson Pires, Paulo Ferro, Jarbas Tabosa e Hamilton Viana (Bolinha).

Certa vez, Manuel Cláudio, baixista do conjunto “Os Milionários”, os convidou para ouvir discos em sua casa. A turma gostou tanto, que continuou a frequentar a casa do “seu Manel”, explorando os seus vinis e tocando violão. Manuel lhe diria: “Vocês fazem muita zoada e gostam dos Beatles que, em inglês, é uma corruptela de ‘besouros’. Vou chamar vocês de ‘besouros’” E assim nascia a **Turma do Besouro**.

A partir dali os inquietos “besouros” traçariam um histórico de atividades artísticas e culturais que movimentaram Itapipoca na década de 1970, mantendo alguns integrantes da formação original, mas sempre abrindo espaço para outros que viriam e partiriam em grande circulação.

A Turma participaria de gincana do Colégio Joaquim Magalhães, sendo ganhadores com uma composição de Eloi e a encenação de uma peça escrita por Jarbas Tabosa. Venceria um concurso da melhor música da Exposição Agropecuária: “Exposição II”, uma composição de Eloi de Brito, Jarbas Tabosa, Flaviano Pinho e Paulo Ferro. Participou e encenou peças, sob a direção de Ed-

milson Kocken, no Círculo Operário de Itapipoca. Criou um bloco de Carnaval. Montou um grupo de batucada, intitulada “Bizabatuk”, composta por Eloi, Flaviano, Hamilton, Lalado, Franck Ferro, Ednardo Praciano, Ademir, Wellington Braga (Kecha), Wilton Braga, Cloves Neto, Marquim do Jota, Zé Afrânio (Mamão), Giovani Aguiar (Dr. Pote) e, às vezes, Heloilson Pelúcio.

Nos sábados, a batucada tomava conta do “Toin do Bar”, “Churrascaria do Edgar” e “Bar da Mazé”, e, no domingo, no “Poço Verde”, sempre contando com o transporte de Geraldinho Pelúcio, o padrinho do Bizabatuk. Mas o Bizabatuk não se restringiu em Itapipoca, tocando em municípios vizinhos e em Fortaleza, em bares e no BNB Clube.

Não satisfeitos, decidiram criar um grupo musical: o **Veredas**, composto, em sua formação final: Eloi (violão e voz), Flaviano (vocal e viola de dez cordas), Hamilton (vocal, escaleta e flauta transversal), Pedrinho Marks (vocal e violão de 12 cordas), Ednardo Praciano (tubadora e surdo) e Lalado (vocal e percussão).

O grupo Veredas fez sucesso. De início tocando em barzinhos, depois em praças de Fortaleza, integrando o projeto Luís Assunção, no Theatro José de Alencar e no Universitário, na Concha Acústica da UFC, em programas locais de TV, chegando a ser convidado para participar do programa “Som Brasil”, da Globo, dirigido e apresentado por Rolando Boldrin. Por falta de um consenso no grupo, entre uns que queriam tentar carreira no Rio de Janeiro e outros que queriam seguir suas profissões, a turma se dissolveu.



A TURMA/BLOCO DA TESOURA

Entre os anos 1970 e 1980, existiu na cidade de Itapipoca o **Bloco da Tesoura**.

O seu primeiro “grito” ocorreu no carnaval de 1971, no Clube Social Imperatriz, quando entrou a numerosa família Alves, vestida de blusa branca, com uma tesoura estampada, e uma bermuda, com uma perna dourada e outra preta. A ideia, a princípio surgida na casa do senhor Mitonho, foi abraçada pela população itapipoquense, que gostou de ter um bloco tão animado e bem mais acessível que pudesse se opor ao bloco dos “besouros”. Aliás, a “Tesoura” surgiu para “cortar as asas dos Besouros”.

Com as músicas escritas por Amaury Benevides, os “tesouras” saíam na avenida sob a coordenação de Cafita, Leida Soares, Manoel Ribeiro e Raimunda Teixeira. Para eles, o Carnaval começava já em outubro, período em que se reuniam, por trás da igreja Matriz, com o intuito de organizar os ensaios da bateria e de decidir os modelos das fantasias do bloco. Cada integrante ficava responsável por encontrar uma costureira que fizesse sua vestimenta, salvo a comissão de frente, que saía com as roupas padronizadas, feitas no mesmo local.

Ao longo de sua existência, conseguiu alguns títulos do Carnaval, sendo o mais memorável o da comemoração de 10 anos do bloco. Nesse desfile, os tesouras saíram atrás de um carro alegórico em formato de bolo de aniversário, onde um dos integrantes ia escondido, acendendo e apagando as luzes da alegoria. Quando o surdo tocava, Cafita e Leida Soares surgiam na Dom Aureliano Matos, com o estandarte nas mãos e seus trajes imponentes, e eram seguidos ao longo da Anastácio Braga, pelos foliões que tingiam a avenida com o preto, o dourado e a alegria que até hoje arrebatava aqueles que escutam suas histórias.



Foto: acervo de Lúcia Siebra

VAMOS PICOTAR

(De **Genésio Meneses**, para a Turma da Tesoura no Carnaval do Clube Social Imperatriz, nos anos de 1980 a 1990)

Você que está pulando/No meio do salão/
Venha brincar com a gente/ Chegou à turma da
curtição.// Carnaval é sempre alegria/Mil confetes, calor
e fantasia/ Se você está por fora/Fique por dentro com
a Turma da Tesoura// Corta essa de zum-zum/ Fique
conosco e seja mais um/Essa turma mais falada/ Não
passa de conversa fiada.

(refrão)

Vamos picotar, vamos picotar/ A tesoura tá certa/
A tesoura vai ganhar!



Foto: acervo Ascom da PMI



Foto: acervo Ascom da PMI

Carnaval de Rua no centro de Itapipoca (2023)



PERSONALIDADES DO CARNAVAL

JOÃO ANDRADE (JOÃO PRETINHO)

(09.06.1913 – 22.02.2009)

Conhecido a vida inteira como “João Pretinho”, ainda criança era amigo do político Perilo Teixeira, fator que seria decisivo na sua história. Seu curso primário se deu com a profa. Alice Ribeiro Cunha. Contudo, devido às suas condições financeiras, não conseguiu levar adiante seus estudos, atuando como carroceiro, carreteiro, entre outras funções possíveis.

Na década de 1950, Perilo, deputado estadual, o recrutou como guarda de endemias rurais, logo se tornando enfermeiro prático, ao lado dos médicos Rigoberto Romero e Geraldo Azevedo. Diante de sua atenção à população carente, em serviços como aplicações de injeções, curativos e a realização de pequenas cirurgias, era chamado de “dr. Braga Pelon”.

Em 1958, também a convite de Perilo, apresentou-se à candidatura a vereador, sendo o mais bem votado na época e cumprindo mais 3 mandatos.

Em 1963, fundou, juntamente com Francisco Montenegro (Chico Vermelho) e José Tomaz Félix, o **maracatu Az de Espada**.

Casou-se com Maria Edna Bezerra e, posteriormente, com Maria Viana de Andrade. Ao todo, teve 17 filhos. Sua filha, **Socorro Andrade**, deu continuidade ao Az de Espada, assim como o filho da Socorro, seu neto, **Antônio Fernandes Freires de Andrade**, o “Biêga”. Em 2015, após a passagem de Biêga, sua filha, **Sânzia Mariana**, assumiu o seu posto no Az de Espada. Contudo, o atual diretor do bloco Maracatu Az de Espada é **José Wilson Moura Patrício**, o “Wilsinho”.

Em 2022, a Prefeitura Municipal de Itapipoca criou o **I Prêmio Socorro Andrade de Carnaval**, em homenagem à sua luta na manutenção do Maracatu e do Carnaval, atuando com o Az de Espada e a **Escola de Samba Vila da Imperatriz**, respectivamente.



Em 2023, a Prefeitura abriu a segunda edição do Prêmio para a seleção de 20 projetos culturais a serem executados no carnaval de 2024, contemplando agentes culturais de Escolas de Samba, Blocos de Rua, Blocos Afro e Maracatus.

ANTÔNIO FERNANDES FREIRES DE ANDRADE

(06.08.1970-16.08.2015)

Conhecido popularmente como Biêga, é filho de Francisco Edimar Freires e Maria Socorro Andrade Santos. Foi jogador de vôlei da seleção juvenil de Itapipoca, ocupação que garantiu diversos títulos para o município.

Ainda aos 15 anos, aprendeu e passou a exercer a profissão de cabeleireiro em seu salão com sede em sua própria casa no Boa Vista. Com o talento reconhecido pelo seu público, passou a ser convidado para ministrar aulas sobre o ofício para ações da Prefeitura e do Governo Estadual.

Esteve à frente do Maracatu Az de Espada durante mais de 25 anos, recebendo da secretaria da Cultura do Estado do Ceará, em 2012, o prêmio de **Melhor Maracatu do Estado do Ceará**.

Ao lado de sua mãe, **Socorro Andrade**, coordenava a Escola de Samba Vila da Imperatriz, uma das mais animadas no carnaval de rua da cidade.





Maestro José Frota Neto e a Orquestra de Itapipoca

Foto: acervo da família do maestro Frota

O MAESTRO POLIFÔNICO DE ITAPIPOCA

UMA HISTÓRIA: OUTRAS VIDAS

José Frota Neto (16.07.1903 - 26.03.2004) nasceu em Itapipoca, filho de Francisco Gomes da Frota e de Teodolinda das Mercês Magalhães, contudo, seus pais partiram durante o ciclo da borracha com a promessa de tempos melhores, sendo ele criado pelos avós paternos, José Gomes da Frota e Lúcia Ferreira de Sousa, fazendeiros, proprietários da fazenda “Violete”.

Cursou o primário em escolas públicas, na época denominadas “Escolas Reunidas”, concluindo-o em 1917, aos 14 anos. Na sua infância, além da convivência com músicos e maestros, havia diversos movimentos musicais nos festejos religiosos ou sociais da região, como corais, bandas, fanfarras e cantos orfeônicos, o que despertou o gosto e o seu interesse musical, de maneira que

fez a sua primeira composição, a música “Pirulito”, ainda adolescente.

Desde cedo, também aprendeu a trabalhar na fazenda de seu avô, ajudando no cuidado com o gado e vendendo o leite produzido, um costume da época, enfrentando a seca de 1919.

Casou-se com a jovem Josefa Souza Frota na Igreja do Carmo, em Fortaleza, em 1920. A cerimônia foi oficializada pelo também itapipoquense monsenhor Tabosa.

O casal determinou-se a morar em Fortaleza, inscrevendo-se numa seleção da grande firma importadora e exportadora, a Boris Frères & Cia, assumindo o cargo de técnico da seção de algodão. Lá mesmo, em 1923, assumiria um cargo no governo referente a obras públicas.





Compacto “Hino de Itapipoca” e o famoso piston do maestro José Frota Neto

Por volta de 1926, sendo exonerado por motivos políticos e a pedido da esposa Josefa, retornou definitivamente para Itapipoca e ingressou na escola de música do sobralense Francisco Mourão Uchôa, na tentativa de alargar seus conhecimentos e se dedicar à sua vocação. Nesse período, aprendeu a tocar piston (ou pistão/trompete), embora fosse logo, por toda a região de Uruburetama, reconhecido por dominar todos os instrumentos musicais que compunham as bandas que dirigiria. Nesse período, passou a trabalhar com o coronel **Anastácio Alves Braga**.

Em 1927, ao mesmo tempo que ingressaria na banda de música de Itapipoca como primeiro pistonista e escrevente, passou a trabalhar como marchante, matando gado, profissão que exerceu até setembro de 1937.

Na banda de música do então maestro **Sebastião de Paula Rodrigues** ficou até 1932 e, em seguida, passou a tocar por conta própria nas festas religiosas e nos bairros, sendo nomeado regente da banda da Prefeitura pelo interventor de Itapipoca, assumindo-a até 1935. Nesse tempo, estudou, por correspondência, harmonia e contraponto com o musicólogo e também maestro Silva Novo.

Em 1934, fundou, ao lado de Rurik de Souza e de Edgar Santos a **Orquestra Itapipoca**, de muito reconhecimento público na época, dirigindo-a até 1964.

Ao mesmo tempo, de 1939 a 1947, ciente de que era preciso valorizar e promover os corais e ministérios de canto litúrgico, também dirigiria a orquestra de coro da Matriz e a banda de música paroquial, passando a ministrar aulas de canto no Grupo Escolar Anastácio Braga.

Foi convidado para lecionar música e canto orfeônico na Escola Normal Rural Joaquim Magalhães, assumindo no dia 2 de maio de 1947 a cadeira de Música e Canto, permanecendo ali até 1973, quando completou 70 anos e aposentou-se compulsoriamente.

Em 1952, no mesmo ano que desenvolvia um trabalho de modernização do xote, em 21 de abril, Josefa, a sua esposa, faleceu, exigindo muita coragem e a união da família.

O ensino de Canto Orfeônico foi oficialmente extinto no Brasil com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e por isso, em 1966, o maestro foi transferido para o cargo de inspetor de alunos na Escola Normal Rural Joaquim Magalhães.



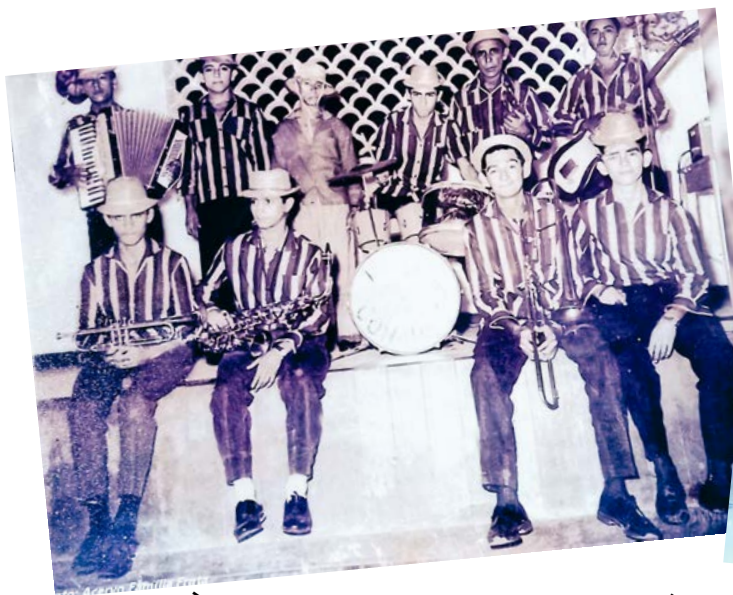


Foto: acervo da família do maestro Frota

À esquerda: José Frota Neto e conjunto Ita Som. À direita: o maestro José Frota Neto

José Frota Neto, em janeiro de 1958, conheceu Lucila Magalhães Frota (16.03.1937) em uma novena de São Sebastião, casando-se com ela em 11 de março daquele ano, na catedral Nossa Senhora das Mercês, cerimônia realizada pelo padre Alberto. Para ela compôs, como pedido de casamento, “Linda Morena”, e, posteriormente, “Lar Reconstruído”.

Em 1973, juntamente com o maestro Marcos Ademar dos Santos (Marquinho), fundou a Banda Municipal de Itapipoca.

Em 1976, após ingressar na Igreja Presbiteriana de Itapipoca, atuou como maestro-regente do **Coro Maranata**, que fazia apresentações musicais em reuniões evangélicas e em eventos na cidade de Itapipoca.

Em outubro de 1997, no estádio Perilo Teixeira, o maestro foi homenageado pela Prefeitura com o **Troféu Maestro Frota**.

É compositor de mais de 400 músicas entre populares, hinos e dobrados. Entre as suas composições mais conhecidas: “Meu Violete” (homenagem à fazenda em que cresceu) e “Bamba do Sertão” (homenagem a seu avô), gravados no Rio de Janeiro em 1978, “Morena Salomé” (música muito conhecida nas festas de clubes), “Um gênio eu quero ser” e “Meu Bem” (carnavalescas), “Linda Morena” (para a então namorada, depois esposa, Lucila), “Hino de Itapipoca”, “Hino do Colégio Estadual Joaquim Magalhães” (em parce-

ria com o poeta **Rogaciano Leite**), “Sete de Setembro” (marcha patriótica que era entoada em desfiles cívicos na cidade), “Hino do Estudante”, “Hino da Escola Anastácio Alves Braga” (lançado em 5 de fevereiro de 1994), “Hino de Miraíma”, “Hino de Pires Ferreira” – os 3 últimos em parceria com o poeta e cantador popular **Cândido Teixeira**, entre outros.

José Frota Neto faleceu no dia 26 de março de 2004, às 16h45, cercado pela esposa e por alguns dos filhos, em sua casa, na avenida José do Patrocínio, bairro Boa Vista, aos 100 anos, oito meses e dez dias, solfejando uma música de paz.

O PROGRAMA DE CANTORES E CALOUROS

Reconhecido pela sua versatilidade de ritmos, o maestro José Frota Neto tinha suas músicas divulgadas em bailes e festas de Itapipoca e cidades vizinhas, assim como durante suas apresentações, aulas de música e de canto e também no programa de Calouros e Cantores do Serviço de Alto-Falante Imperatriz, o “Safi”.

Sob a direção do farmacêutico **Joaquim Américo Teixeira** (23.08.1912-06.11.1992), o estúdio funcionava na avenida Anastácio Braga. No programa, José Frota Neto realizava ensaios com os participantes, os orientava e conduzia na execução das músicas a serem apresentadas, acompanhando-os com seu conjunto. Um de seus objetivos seria difundir a música e criar novos talentos. Algumas das cantoras do programa



eram Mariinha Alves, Valdete Rocha, Constância Rocha e Maria José Medeiros.

Na década de 1950, a técnica de som era **Amélia Sousa Frota**, a “Melinha”, filha do maestro, proprietária do Cartório Amélia Frota, em Itapipoca.

O MEMORIALISTA

José Frota Neto tinha uma memória prodigiosa e, mais importante, gostava de compartilhar os seus conhecimentos, não apenas na música, mas da história da sua cidade. Até seus últimos dias, prostrado na rede de seu quarto, se batessem à porta os costumeiros estudantes querendo fazer perguntas sobre a história de Itapipoca para o trabalho da escola, ele os recebia e, pacientemente, contava com entusiasmo aquelas histórias tantas vezes ditas de uma Itapipoca que guardava no peito e nas ricas memórias.

O HINO DE ITAPIPOCA

Era o aniversário de Escola Normal Rural Joaquim Magalhães. O ano: 1963. O maestro Frota era costumeiramente convidado a criar composições inéditas em datas festivas da cidade. Sua nova composição tinha 3 estrofes e 1 estribilho. O título seria: “Coral de Itapipoca”.

Quatro anos mais tarde, ensaiou essa música para a apresentação no dia 31 de agosto, aniversário da elevação de Itapipoca à condição de cidade. Para isso, adicionou uma nova estrofe. A apresentação foi um grande sucesso, emocionando a muitos presentes.

José Frota, percebendo o interesse de todos pela composição, a ofereceu ao então prefeito, Geraldo Azevedo, para ser o **Hino de Itapipoca**, o que viria a ser realizado oficialmente em 1978, por meio da Lei Municipal nº 331/78 promulgada pela Câmara Municipal de Itapipoca.

Mais tarde, com o apoio da Prefeitura Municipal de Itapipoca e de José de Pontes Neto, o “Hino de Itapipoca” seria gravado em compacto (vinil), cantado por José Rodrigues com acompanhamento da Orquestra do maestro Ferreira Lima e lançado no Clube Social Imperatriz. O evento teve como cerimonialista o radialista Zé Ivo Magalhães. Contou com o discurso de **Renata Frota**, filha do maestro, assim como a do homenageado, e a presença do amigo Cafita, entre outros entusiasmados membros da comunidade itapiquense.

ANTÔNIA DE SOUSA FROTA,

filha do maestro José Frota Neto e Josefa de Sousa Frota, nasceu em 11 de novembro de 1929. Em 1951, concluiu o Curso Normal na então Escola Normal Rural Joaquim Magalhães, que lhe conferiu o diploma de professora, dando-lhe o direito de exercer o magistério primário. Durante trinta e um anos exerceu o magistério no Colégio Estadual Joaquim Magalhães, lecionando Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Literatura Infantil, aposentando-se em agosto de 1984. Continuou, entretanto, ministrando aulas em sua residência, diante da procura constante de pais e estudantes. Aos 91 anos foi afastada da prática docente por conta da pandemia do coronavírus. Ser professora para ela não foi falta de opção, como dizem ao discriminar o magistério, mas uma dívida recebida de Deus. Toinha Frota, educadora de gerações, goza da admiração de seus alunos, que a ela dedicam forte amizade.



AMÉLIA DE SOUSA FROTA,

filha do maestro José Frota Neto e Josefa de Sousa Frota, nasceu no dia 3 de maio de 1932. Ainda jovem, nos anos de 1950, trabalhou eficientemente como técnica de som no Serviço de Alto-falante Itapipoca (**Safi**), demonstrando vasto conhecimento das canções de grande sucesso na época, assim como acompanhou seu pai no programa “Calouros e Cantores”. Titular do Cartório de Primeiro Ofício de Registro Civil, Títulos e Documentos e Tabelionato de Notas e Protestos de Itapipoca-Ceará, começou sua história com o cartório no dia 9 de novembro de 1955, por meio de convite feito pelo então deputado federal Perilo Teixeira para que assumisse o cargo de escrevente compromissada do cartório de Itapipoca, ficando nesta função até janeiro de 1985, quando foi promovida a escrevente substituta. Em razão da aposentadoria de Ângelo Ribeiro, em 1995, foi nomeada Titular do Cartório, função em que permanece até hoje, aos 91 anos. Sempre dedicada ao que faz, Amélia Frota é admirada em Itapipoca e região, mantendo sólidas as suas amizades.





Lúcia Virgínia, servidora pública aposentada e rendeira

RENDA DE BILROS:

TRADIÇÃO, RESISTÊNCIA E COLETIVIDADE NO LITORAL

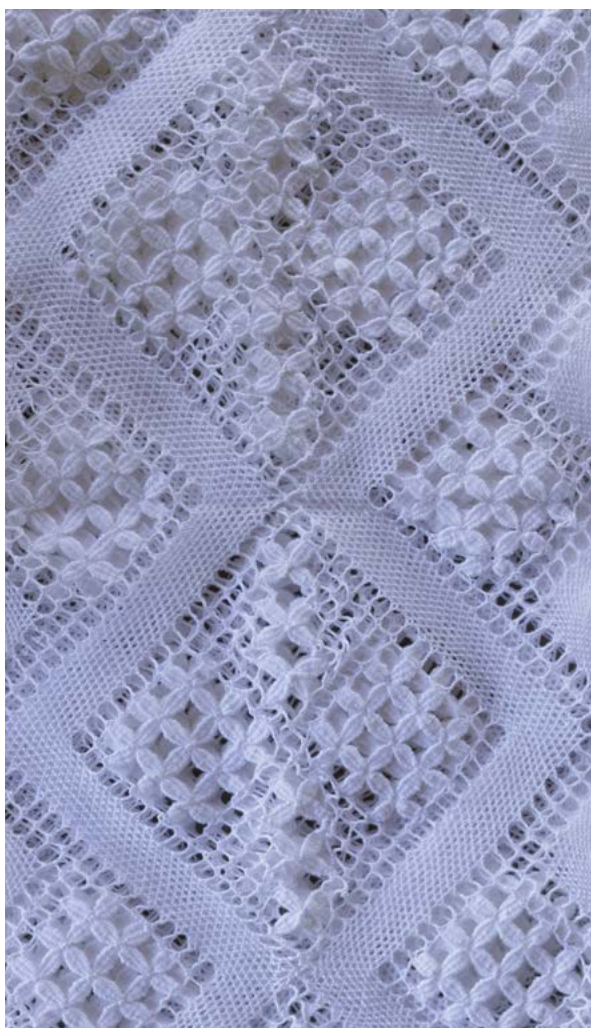
"A Praia da Baleia é meu paraíso, é minha casa." É assim que a rendeira Francinilda Virgínia enxerga o lugar onde vive. Aos 46 anos, foi na praia onde nasceu e de onde pretende nunca sair. É ali, à beirinha do mar, que sua vida foi acontecendo, incluindo a atividade profissional. Ela parece gostar daquilo que resiste ao tempo. Nem cito a Francinilda marisqueira, atividade que aprendeu ainda criança, com a mãe, que, por sua vez, aprendeu com a mãe da mãe. Além da ocupação de catar algas e mariscos na praia, Francinilda é rendeira.

Foi tomada como exemplo, mas sua história é a história de muitas outras mulheres que resistem

na arte, às vezes até sem se dar conta, ao tempo e ao sistema de consumo atual. A técnica de bilros, provavelmente nascida entre Portugal e Espanha em algum lugar do século XII e XIII, foi trazida ao Brasil pelos portugueses no século XVII, sem muita precisão de datas. O que podemos afirmar é que ainda resistem as rendeiras em Itapipoca.

A verdade é que a beleza da renda de bilros não é tecida sozinha. Os caminhos e toalhas de mesa, as entradas de banho, as blusas, biquíni de praia e o que mais a imaginação aprontar, tudo feito com a técnica de bilros, misturam-se em meio a frutas, castanhas, mariscos catados no mar, artesanatos em madeira, em conchas e com outros materiais





variados, para ajudar a diversificar a fonte de renda de um conjunto de mulheres que lutam com o artesanato para sobreviver e perpetuar essa tradição que parece dia a dia desaparecer à nossa visão.

O delicado das peças é trabalhoso de fazer, e compradores já não existem aos montes. Com tempo de execução que varia de uma hora a um mês, feito com 2 ou até 16 mãos, a depender do tamanho e detalhamento das peças, o valor também varia. Vai de R\$ 20 a R\$ 1.500, remunerando quem ousa, ainda que com orgulho, entrelaçar linhas no bilro.

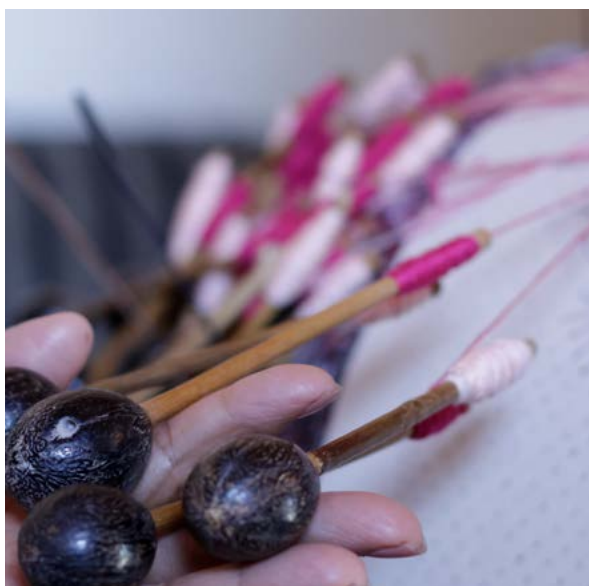
Os clientes recorrentes que ainda comprem, trabalham com revenda, provavelmente multiplicando o lucro em quantidades que as rendeiras, mesmo unidas, não alcançariam. “Se essa pessoa aqui pega da gente, que a gente entrega, ela forne-



ce para outro local, para outro estado, outro país, a gente não tem conhecimento”, diz Francinilda, observando como a prática desvaloriza seu trabalho. Para tentar driblar essa realidade, a rendeira passou a integrar uma feirinha.

Em outubro de 2023, a **Feira Arte Nossa** completa dois anos reunindo seus hoje 27 artesãos(ãs) que produzem trabalhos com renda, crochê, madeira e outros materiais, além de comidas típicas. Do total de artesãos(ãs) do grupo, as 12 que trabalham com renda e crochê tiveram os nomes recém-registrados em carteirinhas da **Central de Artesanato do Ceará (CeArt)**, organização com que mantêm parceria, na tentativa de agregar valor ao trabalho.

Na feira, Francinilda expõe os próprios produtos de renda e crochê e também os das três irmãs, todas rendeiras, que aprenderam a render com a mãe e avó. “Quando a gente não tá no mar pegando algas, pegando marisco, a gente tá em casa fazendo renda”, compartilha.



UNIÃO QUE FAZ A FORÇA

O associativismo não é exatamente uma novidade para as rendeiras da Praia da Baleia. No início do século XXI, em 2001, a também marisqueira Ana Maria, à época com 39 anos de idade, fundou a **Associação das Artesãs da Praia da Baleia de Renda de Bilro**. A ideia foi estimulada por um grupo de trinta universitários de São Paulo que vieram à Praia da Baleia estudar a região. Em seu auge, a Associação contava com 45 rendeiras. A parceria com a Central de Artesanato do Ceará (CeArt) ofereceu cursos de capacitação, que Ana Maria bem aproveitou. Ela, que aprendeu a técnica com a mãe por volta de 10 anos de idade, conquistou vinte e dois certificados, passando a desenvolver seus próprios designs de renda e atuando também na vistoria das peças para garantir o padrão de qualidade que só ela tinha, desde a confecção até a recepção, entregando ao cliente uma experiência completa.

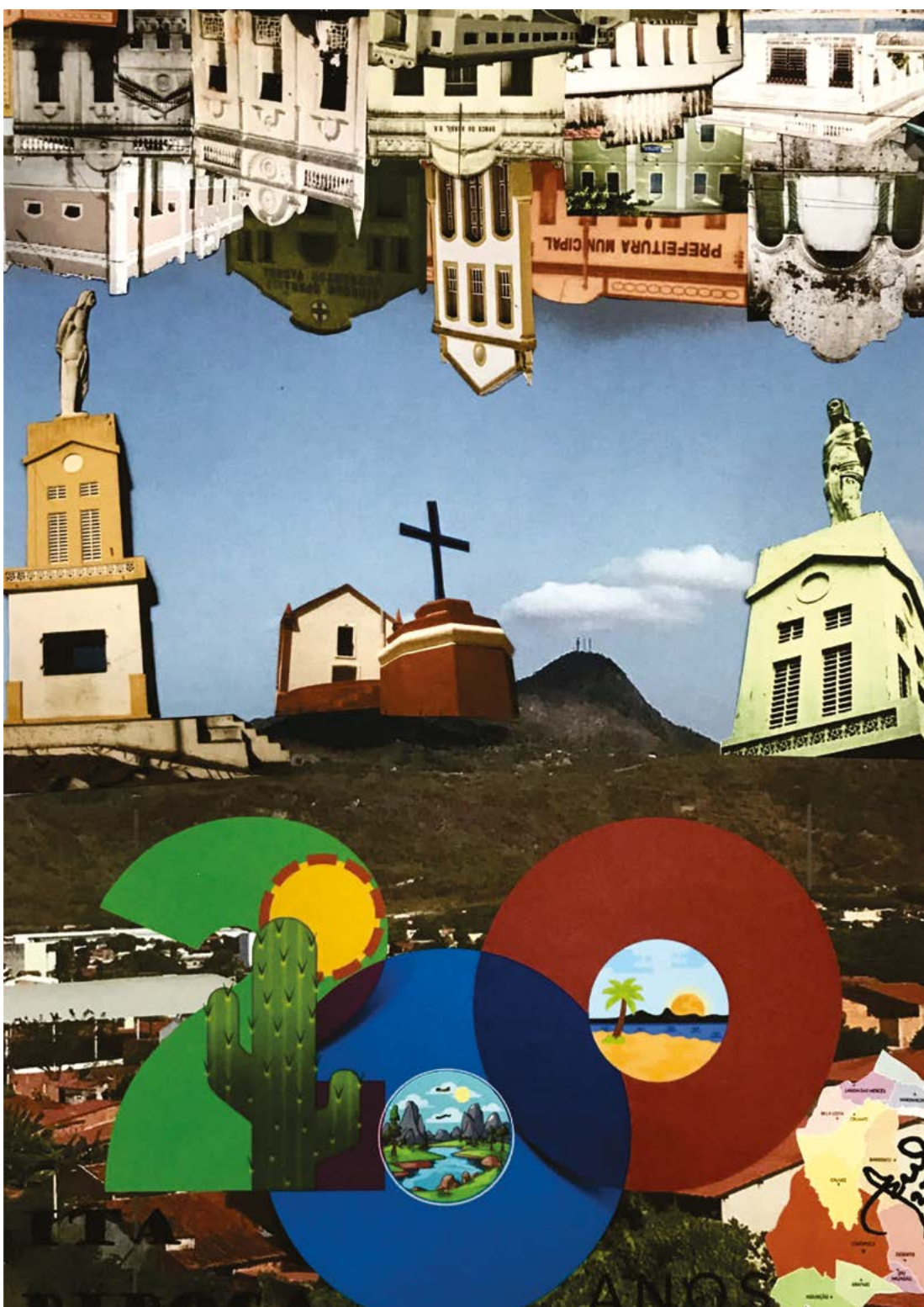
A associação manteve-se ativa até 2008, quando, por falta de alguém que assumisse a liderança, fechou. Devido a questões burocráticas, a existência da Associação implicava impedimento da aposentadoria dela. Ainda assim, Ana Maria, aos 61 anos, continua o seu trabalho com renda, “para ocupar a mente”.

ASSENTAMENTO MACEIÓ

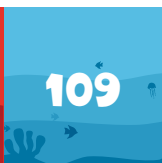
A **Associação das Artesãs do Imóvel Maceió** (Arrima) é outro exemplo de resistência que permanece pulsante. Fundada em 1996, a Arrima está localizada no Assentamento Maceió e acontece numa casa de alvenaria com cinco cômodos, que serve como sua estrutura física. A rendeira Ana Maria confessa ser admiradora da Arrima. “Todo mundo trabalha assim, em equipe, certo? Equipe mesmo. Vamos botar para acabar, vamos botar para pegar, vamos botar para dar conta, e elas dão. Mulheres de fibra. Eu admiro muito. Admiro muito o Maceió”, diz a rendeira.

Depois que nasceu, a Arrima trouxe mudanças significativas para a comunidade. Antes de sua fundação, as artesãs contam que não tinham conhecimento sobre associações ou mercados para expor seus produtos. São mulheres que, muitas vezes, se deslocam para Fortaleza para expor e/ou vender seus produtos e voltam no mesmo dia, em viagens cansativas. Apesar disso, a vida vivida exclusivamente pela venda de peças em bilros também não é realidade. A Arrima se dedica a outras atividades, como a colheita de coco, caju, castanha e outras fontes de renda provenientes da comercialização de artesanatos. O que difere de outras experiências, pelo menos no Assentamento Maceió, é o repasse da tradição familiar do artesanato com bilros para as filhas das rendeiras, que demonstram interesse em aprender a técnica, que constrói a cultura e a identidade dessas mulheres.





Jonas Cordeiro é pedagogo formado pela Uece-Facedi, especialista em Metodologias do Ensino de Arte pela Uece. É arte educador, artesão, artista plástico, cenógrafo, figurinista e cantor, integrante do Coral do IFCE e da banda Pseudo Bossa. Atualmente, exerce função na Secretaria de Cultura de Itapipoca.





A FEIRA LIVRE DE ITAPIPOCA

A regulamentação da feira livre em Imperatriz, ou seja, o estabelecimento de normas pela municipalidade para o seu adequado funcionamento dentro do espaço público se deu em 1854.

Na época, o presidente da Câmara – que tinha a função hoje atribuída ao prefeito – era Antônio Vieira Braga, em segundo mandato, não consequente. Naturalmente, essa regulamentação aproveitava muitos itens que já deveriam acontecer historicamente, oficializando-os, e criando outros de maneira a criar um ambiente saudável, menos conflitivo, e adequado a este comércio.

Na regulamentação, determinava-se que as feiras deveriam acontecer aos sábados – provavelmente porque já assim acontecia –, das 6 às 15h, na rua dos Coqueiros, em um espaço denominado “Boa Vista”.

Cabia à “Prefeitura” construir um “barracão” que permitisse fechar as portas, proporcionando maior segurança e organização. Entre as normas estabelecidas, proibia-se o porte de armas e a circulação de animais no local das feiras. Mas como, se boa parte desses produtos vinha em carroças puxadas ou em lombos de animais? Para garantir isso, foi criado um curral especial, provavelmente com reservatórios de água e forragem, para guarda desses animais.

Uma curiosa determinação era a de que as lojas do entorno da feira não poderiam estar abertas e comercializar durante o horário de seu funcionamento.

Nela, era comercializado derivados da cana-de-açúcar, café, produtos de subsistência, cereais de todo tipo, fumo, louças, objetos de marcenaria (cadeiras, tamboretes, portas etc.), telhas, utensílios domésticos, brinquedos rústicos, entre outros gêneros.





MEMÓRIAS DA FEIRA

Ito Liberato, em uma das edições de *O Centenário*, nos conta de suas lembranças da **Feira de Sábado** em Itapipoca. As imagens descritas por Ito são tão bonitas, que a reproduzimos aqui:

“Naquela época eu me levantava às sete horas da manhã de sábado e tomava café em uma das bancas no barracão da feira. Ali se via bolo de milho, de batata, grude, que é um bolo de goma, tapioca e batata doce cozida. Em seguida, saía caminhando de um canto para outro. Ia para a mercearia do Lauro Teixeira, do Antônio Assunção, do Miguel Rodrigues e a loja do Simeneco. Foi na loja do Simeneco que conheci o velho Carneiro. Chiquinho Carneiro, pai de um rapaz que atendia pelo nome de ‘Peito de Aço’. A última vez em que vi o Peito de Aço ele trabalhava em um mercadinho aqui em Fortaleza.

Mais tarde, quando o sol subia um pouco mais, era a hora de tomar alguma coisa. Nessa hora entrava no mercado de carne e me dirigia para um boxe no qual trabalhava uma morena que vendia sarrabulho de porco, de carneiro, buchadinha, carne de carneiro cozida, tapioca feita na hora e, algumas vezes, peixe frito para colocar

dentro da tapioca. Era lá que eu tomava o primeiro trago e, em seguida, ia para o bar do Pedro Teixeira, em frente da praça da Matriz (atual Perilo Teixeira) e ao lado do bar do Chico da Bomba, o famoso Bar Avenida que ficava no prédio Avenida, derrubado posteriormente.

No Pedro eu tomava cerveja e conversava com os amigos. Mais tarde apareciam o Nenca, o Piticão e o Caboré. Cada um deles com seu instrumento musical. O Nenca com o violão e o Caboré e o Piticão com um pandeiro.

[...] Antigamente havia um cacimbão em frente à casa do Coronel Hidelberto Barroso e, em torno dele, uns pés de benjamim onde os feirantes amarravam seus animais. A casa do coronel foi derrubada e o cacimbão sumiu.

[...] Cândido Teixeira e Agobar eram dois cantadores de viola. Cantavam em uma casa ou em algum lugar público. Quando isso acontecia, anunciavam o dia e a hora da cantoria pela irradiadora do Cafita. O Cândido era um poeta nato. Agobar era um pouquinho arrastado. Tinha um dente de ouro que, quando ele abria a boca para cantar, o dente reluzia à luz da lamparina.”



VIOLEIROS E CANTADORES

Durante muito tempo, e às vezes nos dias atuais, poderíamos dizer: se na feira ou no mercado não encontrássemos cantadores, violeiros e/ou folheiteiros (cordel), isso significava que tanto uma, como o outro não tinha prestígio algum!

Aqui no Almanaque não é diferente. Por isso trouxemos em um túnel mágico do tempo, dois dos maiores cantadores que, como o Ito Liberato Barroso, Itapipoca já viu, ouviu e se recorda: a dupla **Cândido Teixeira** e **Agobar**.

CÂNDIDO TEIXEIRA, O POETA E O TÉCNICO UNIDOS POR UMA VIOLA

Caros leitores espero
Aceitação desta história
Não digo que é perfeita
Dizendo não tenho glória
Imploro uma proteção,
De todos boa atenção,
Ouvindo esta minha vitória.

Última estrofe do cordel *Labirinto do Amor de Santos e Mariinha*, de junho de 1954)

Cândido Teixeira dos Santos nasceu em 4 de setembro de 1926, em Acaraú.

Na infância, mudou-se com a família para a Amon-tada, onde ficou órfão de pai aos 6 anos de idade e aos 12 teve de assumir a responsabilidade pelo sustento da família. Como os recursos financeiros eram escas-sos, largou a escola e tornou-se autodidata, começan-do a escrever seus primeiros versos aos 14 anos.

Cândido Teixeira passou a morar na sede do município em 1959, quando casou-se com Odete



Cândido Teixeira

Foto: acervo da família de Cândido Teixeira

Oliveira Santos, mãe de 5 entre seus 9 filhos, e de quem veio a se separar anos depois. Em Itapipoca, continuou sua formação por meio de cursos técnicos que o capacitaram em diversas áreas, como nos setores previdenciário, administrativo e fundiário.

Foi funcionário da Prefeitura Municipal, nas gestões de Geraldo Azevedo, Gerardo Barroso e Chico Pinheiro.

Na década de 1970, foi responsável pelo *Jornal de Itapipoca*, ao lado do professor Silva Novo. Nele, escreveu sobre temas sociais, políticos, administrativos, econômicos e culturais que aconteciam na cidade. Como repentista violeiro, Cândido Teixeira chegou a representar Itapipoca nos palcos de Fortaleza, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, e formou, ao lado de Agobar Otacílio, a dupla mais conhecida e aclamada na região.

Com Agobar, Cândido dividiu muitos momentos da vida, numa amizade que se estendeu para

além dos palcos e que até hoje é lembrada por quem fala da dupla.

Como literato, escreveu vários cordéis, mas só chegou a publicar dois deles *Labirinto do Amor de Santos e Mariinha*, de 1954, e *Os milagres do ser-tão: o homem que morreu duas vezes e continua vivo*, de 1996.

Além dos livretos, escreveu os hinos dos municípios de Miráima e de Pires Ferreira, das escolas Anastácio Alves Braga, do Patronato de Nossa Senhora das Mercês e da EEB Doutor Geraldo Gomes de Azevedo, todos musicados pelo maestro Frota. Nos anos de 1990, conheceu Francismeire Alves de Castro, com quem teve 4 filhas e viveu até o final da vida.

Nos anos de 1980, também apresentou o programa “Cantador, Cultura e Arte”, na Rádio Uirapuru de Itapipoca.

Cândido Teixeira faleceu em dezembro de 2007, após descobrir um câncer já em estágio avançado.

AGOBAR OTACÍLIO: A VIDA E A AMIZADE CELEBRADAS EM CANTORIA

Agobar Otacílio Gomes foi um dos mais notáveis cantadores do município de Itapipoca. Nascido em 7 de novembro de 1916, na região litorânea de Amontada, demonstrava seu amor pela música já nos primeiros anos de infância, quando produzia, por brincado, seus instrumentos, com latas, pedaços de madeira, cordas e o que lhe servisse para produzir sons. Entre todos eles, o preferido era a viola, de que se ocupava treinando os dedos e os ouvidos para o que mais tarde viria.

Aos 3 anos de idade, perdeu a mãe e passou a morar na casa dos tios, onde foi criado com muito carinho, sendo considerado o irmão mais velho dos primos. Mudou-se na juventude para a sede de Itapipoca, onde conheceu Lídia de Castro Gomes, com quem casou, teve oito filhos e compartilhou a vida até o fim.

Frequentou a escola por pouco tempo, só até a “cartilha”, quando aprendeu a ler e a desbravar sozinho os mundos novos que a leitura proporcionava, hábito esse que lhe acompanhou a vida inteira.



Agobar

Foto: acervo da família de Agobar Otacílio

Trabalhou na Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural (Ancar), depois no Círculo Operário e, por fim, na Escola Normal Joaquim Magalhães, onde se ocupava durante os dias, mas era nas noites e nos finais de semana que o artista admirado se mostrava. Seus dedos saltavam entre as cordas da viola e as palavras brotavam com uma precisão encantadora, tanto na métrica, quanto na rima. Seus versos eram tão velozes quanto o instante que lhes servia de mote. Quem tivesse a sorte de ganhar alguma trova, se sentia importante e costumava agradecer com alguns trocados e sorrisos gratos. Agobar Otacílio foi um homem de inteligência aguçada e de carisma marcante, traços que lhe rendeu muitos amigos. Entre eles, destaca-se **Cândido Teixeira**, seu parceiro de cantoria por muitos anos. A sincronia dos dois não se limitava aos palcos e juntos atravessaram muitas fases da vida, compartilhando alegrias e apoiando um ao outro nos momentos difíceis.

A dupla tocava onde chamassem: na feira, na rádio, nas casas das famílias e nas campanhas políticas. Agobar, para onde fosse, levava consigo a sua viola, como, na década de 1960, quando participou da comissão científica, liderada por Filgueiras Lima, para o estudo dos índios tremembés de Almofala, e na visita feita a seus filhos, em São Paulo, quando, durante as noites, reunia e emocionava os itapipoquenses que por lá estavam.

No final da década de 1980, sua saúde fragilizou diante de sucessivas trombozes, o que acabou lhe levando à morte em 24 de fevereiro de 1989.





A famosa pedra que deu nome ao município de Itapipoca

ITAPIPOCA: PEDRA LASCADA OU PEDRA QUE ESTALA?

A grande pergunta que não quer calar! O que, realmente, significa “Itapipoca”? Duas versões para a origem do nome da cidade são as mais contadas e recontadas: a primeira, que Itapipoca significa “pedra lascada”; a segunda diz que Itapipoca quer dizer “pedra que estala”. Qual será a verdadeira toponímia da nossa cidade?

A PEDRA LASCADA

Nesta versão, o nome Itapipoca teria se originado a partir da denominada “pedra lascada” localizada no bairro do Mourão. Em seu livro *A História de Itapipoca*, Paulo Maciel defende que a denominação Itapipoca é um vocábulo indígena do dialeto Tupinambá, sistematizado pelos padres jesuítas com a finalidade

de catequizar os nativos. Este termo significa “casca-lho”, ou “pedra de pele estalada”, ou, ainda, “pedra lascada”, ou, “pedra de pele arrebetada”.

Segundo ele, Itapipoca, originalmente, seria “lasca de pedra”, que os nativos usavam como facas para esfolar peles de animais mortos nas caçadas. Esta assertiva consta nas cartas “Annu-nas”, enviadas pelos jesuítas a Roma durante os séculos XVI e XVII, época em que evangelizaram o Brasil.

A denominação inicial da cidade, enquanto povoação, foi São José (atual distrito de Arapari), depois, a partir de 17 de outubro de 1823, Vila da Imperatriz e, desde 1889, com o advento da República, Vila de Itapipoca, e cidade de Itapipoca, mais tarde, em 31 de agosto de 1915.



De acordo com o historiador e professor Júlio César Cordeiro, a tese que diz que Itapipoca seria “pedra lascada” teria se originado em 1915, quando o grupo político de Anastácio Alves Braga havia solicitado a retirada do nome “vila” da sede urbana, para dar a ela foros de “cidade”.

A oposição, liderada pelo coronel Mingueira, difundiu que, agora, a cidade estaria “lascada”. Seria, portanto, um termo pejorativo para tentar minimizar, perante à população, a ação política do grupo de Anastácio Braga. No entanto, segundo o historiador, não existe menção da pedra do bairro Mourão em documentos antigos.

PEDRAS QUE ESTALAM

A segunda tese, defendida pelo memorialista José Frota Neto e pelo historiador e professor Júlio César, afirma que Itapipoca significa “pedras que estalam”.

A denominação da futura vila/cidade aparece quando ocorre a sua emancipação, em 1823. No século 18, a localidade ainda era composta de sítios e fazendas isoladas: fazenda Jaburu, sítio São José, santo Amaro, entre outros. Não havia, ainda, uma região denominada Itapipoca. Contudo, havia um riacho repleto de pedrinhas, os “seixos”, no qual o português Júlio de Paiva Campos trafegava com os seus animais, sempre acompanhado de nativos da região, que trabalhavam para ele.

Contam os historiadores que Júlio de Paiva Campos trafegava com os seus animais por aquele riacho, quando os cascos dos animais bateram nas pedrinhas e começaram a “estalar”. Um dos indígenas gritou: “Ita...Pipoca!”. A situação se repetiu, sempre com o nativo falando “Ita...Pipoca!” quando ouvia o som daqueles estalos.

Assim, Júlio de Paiva Campos teve a curiosidade de investigar o que significava aquela palavra, e recorreu ao linguajar Tupi-Guarani. Descobriu que “Ita” significava “pedra”, e “Pipoca” poderia ser traduzido como “que estala”, faz som de estalo. Assim, aquele pequeno trecho, por onde passava o riacho, passou a ser conhecido por **ITAPIPOCA**.

A LENDA DA PEDRA LASCADA

A “Pedra do Dilúvio”, dizia eu, fica em Itapipoca e dá nome à cidade. “Ita”, significa “pedra” e “pipoca”, “lascada”. “Itapipoca”, portanto, quer dizer “pedra lascada”. E a Pedra Lascada existe. Fica para os lados do Mourão, um dos bairros da cidade, e tem este nome porque um dia os índios tremembé, que moravam nas imediações, ouviram o canto de algumas sezeias que saía de dentro da pedra e foram lá falar com elas. Foram e ouviram uma história fabulosa. Disseram elas para os tremembé que aquela Pedra era sagrada. Houve um tempo em que a maré subiu tanto que as águas do mar tomaram conta de toda a região e quando foram embora uma parte delas se partiu e se transformou em pedra. Era a Pedra Lascada onde estavam aprisionadas. Um dia, continuavam elas, as águas do mar voltarão, a Pedra Lascada vai se transformar em água novamente e elas serão libertadas. Os indígenas ficaram encantados com a história e desde este dia dizem que a alma dos guerreiros valentes, quando morrem em uma guerra, também vão para lá esperar o retorno do dilúvio. Por isso toda noite de lua cheia, quando o vento sopra muito forte em Itapipoca, eles vão cantar e dançar em torno da Pedra Lascada para manter contato com as sezeias e a alma dos guerreiros valentes.

Natalício Barroso para *Biografia de uma Cidade*, obra inédita.



DE POVOADO À CIDADE

13 DE ABRIL DE 1744: surge, em processo oficial de colonização, o povoado de **São José** – antes o povoado era denominado Vila Velha –, em cima da serra de Uruburetama. Atribuída pelo seu suposto fundador, **Jerônimo de Freitas Guimaraes**, como forma de reverenciar as tradições religiosas portuguesas, em respeito à corte lusitana;

17 DE OUTUBRO DE 1823: é criado o município de **Vila da Imperatriz**. Esta foi uma resolução do então imperador dom Pedro I, ratificando a vontade dos habitantes de homenagear a sua esposa, a imperatriz Leopoldina;

1862: por meio de uma lei provincial, transferiu-se a sede da Vila Imperatriz, do alto da serra para o sopé, onde estava o arraial de Itapipoca, garantindo maior condições de armazenamento e transporte de produtos, como o algodão, muito procurado naquela época;

1889: com a Proclamação da República, a Vila da Imperatriz recebe o nome de **Vila de Itapipoca**;

31 DE AGOSTO DE 1915: a sede urbana de **Itapipoca** deixa a sua condição de vila e é elevada à cidade.



BRASÃO/BANDEIRA

O **brasão** da cidade de Itapipoca, conforme a lei nº 004/2021, é representado por um escudo no qual, ao centro, encontra-se a paisagem itapipoquense, representando os seus três climas: praia, serra e sertão.

Encontramos também o Sol, as montanhas, as carnaubeiras, o mar e a “pedra lascada”, que empresta, na língua dos povos originários, o nome ao município.

A esses elementos foi aplicado um grafismo de traços que lembram pinturas indígenas da cultura Tremembé da Barra do Mundaú.

Na base, a estrela maior representa a sede do município e, a partir dela, emergem os ramos de algodão em direção às estrelas menores que representam os doze distritos de Itapipoca.

A bandeira do município traz um fundo amarelo. No centro, uma faixa azul horizontal, de cima a baixo, apresenta no meio um círculo branco com o mapa geográfico de Itapipoca, a imagem da pedra lascada e, novamente, uma carnaúba.

De um lado e do outro ramos do “ouro branco”, o algodão, um dos grandes motivadores da migração da sede da, então, Vila da Imperatriz, do alto da serra para a planície, no arraial de Itapipoca.





HINO DE ITAPIPOCA

Letra e música do maestro José Frota Neto

Itapipoca terra querida
O nosso empenho é te servir
Com toda força fé e com vida
E assegurar o teu porvir.

Refrão

Avante! Itapipoca, avante!
Não queremos te ver parada.
Avante! Itapipoca, avante!
Para o futuro, “terra adorada!”

E resolutos, de frente erguida,
Continuaremos a tua história.
Todo o teu povo lembra e convida
À luta insana, logo à glória!

Todos unidos, certos da vitória,
Caminharemos sem hesitar.
E os teus filhos, diante da história,
Hão de mil vezes te exaltar.

Caminha firme, luta perene,
Imita os nossos ancestrais.
Tem sempre em mira desejo infrene
De ver triunfar teus ideais.

DISTRITOS DE ITAPIPOCA

Itapipoca (sede), Arapari, Assunção, Baleia, Barrento, Bela Vista, Calugi, Cruxati, Deserto, Ipu Mazagão, Lagoa das Mercês e Marinheiros.

CALENDÁRIO FESTIVO

- 📅 Festa do Murici e do Batiputá (segunda semana de janeiro): festa tradicional do povo Tremembé, que celebra a colheita de dois frutos importantes para a alimentação e para a cura.
- 📅 Carnaval
- 📅 Festa das Flores (último sábado do mês de maio)
- 📅 Festa da Farinhada (segunda semana de junho): festa típica do povo Tremembé, que celebra a fartura e a importância da mandioca para a alimentação das comunidades.
- 📅 Quermesse ItaJunina (mês de julho)
- 📅 Aniversário da elevação de Itapipoca à condição de cidade (31 de agosto)
- 📅 Aniversário da criação do município de Itapipoca/emancipação política e administrativa (17 de outubro)
- 📅 Balaio Negro (20 de novembro): evento alusivo ao Dia Nacional da Consciência Negra.
- 📅 Natal

CALENDÁRIO RELIGIOSO

- 📅 Festa do padroeiro São Sebastião (20 de janeiro)
- 📅 Festa de Nossa Senhora das Neves (5 de agosto)
- 📅 Festa de Iemanjá (15 de agosto)
- 📅 Festa de Nossa Senhora da Assunção (15 de agosto)
- 📅 Festa da padroeira Nossa Senhora das Mercês (24 de setembro)
- 📅 Festa de São Francisco (4 de outubro)
- 📅 Festa da Sagrada Família (domingo seguinte ao dia de Natal)

DADOS DO MUNICÍPIO/ LOCALIZAÇÃO

- 📅 **Emancipação Política:** 17 de outubro de 1823
- 📅 **Elevação à condição de CIDADE:** 31 de agosto de 1915
- 📅 **Gentílico:** Itapipoquense
- 📅 **Unidade Federativa:** Ceará
- 📅 **Mesorregião:** Norte Cearense
- 📅 **Distância para a capital:** 130 Km
- 📅 **População estimada em 2023:** **131.687** habitantes.



PERSONALIDADES DA PESQUISA HISTÓRICA

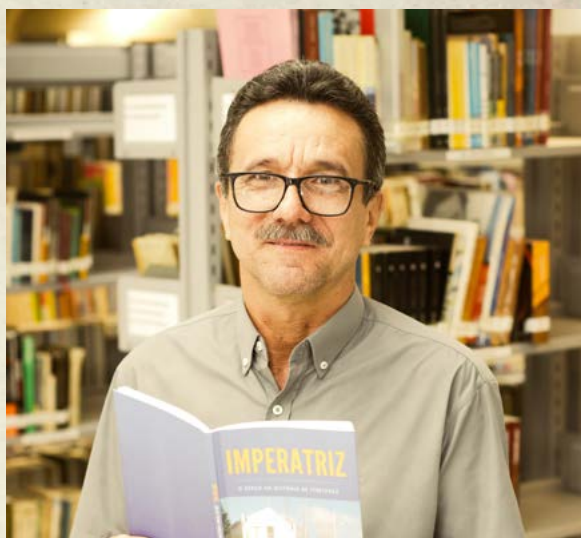


PAULO MACIEL

(10.07.1937-10.07.2020)

Nasceu na Praia Formosa, em Fortaleza. Filho de Raimundo Pereira Maciel e Adelaide Maciel. Foi funcionário público da Campanha de Erradicação da Malária (CEM), na qual atuou, por oito anos, como chefe do setor contábil e de pessoal. Por meio de concurso público, passou a residir em Itapipoca, desde 1965, assumindo o cargo de chefia do escritório-modelo de administração municipal. No esporte, foi presidente da Liga Itapipoquense de Desportos (LID). Na política, por duas vezes foi eleito vereador (em 1972 e em 1976), atuando inclusive como presidente da Câmara de Vereadores, e, quando da renúncia do prefeito Geraldo Azevedo para concorrer a uma vaga na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, assumiu a Prefeitura (15.05.1982 a 31.01.1983). Foi suplente de deputado federal pelo PDT. Desde que passou a residir em Itapipoca, encantou-se pelo município, buscando descobrir a sua história, coletando documentos, conversando e conhecendo as pessoas e as localidades da região, o que resultou na produção de livros que servem até hoje como referência para aqueles que buscam aprofundar-se sobre o município, como: *História Completa de Itapipoca*, *Evolução Sociocultural de Itapipoca*, *Evolução Política de Itapipoca*, *Evolução Religiosa de Itapipoca*, *Itapipoca: 300 anos de História*, *O Cangaceiro de Itapipoca*, *Prisioneiros da Emoção*, *O Vale do Medo e Itapipoca* e *História de Itapipoca* (2013), em coautoria com João Batista Alves Pires.

Foi casado com Maria Mardelene Araújo Maciel e teve 3 filhos.



JÚLIO CÉSAR CORDEIRO

(21.07.1967)

Filho do casal Manoel Mosar dos Santos e Maria Nilda Alves dos Santos, é graduado em Pedagogia e em História. Atuou como professor da rede municipal de ensino de Itapipoca por 35 anos. Assumiu diversas funções e, entre elas, chegou a exercer o cargo de secretário de Educação do município.

É integrante e fundador do Grupo Folclórico de Itapipoca, desde 1989. Atualmente é o presidente do Grupo Folclórico Elaine Abreu (Grufi).

Curioso pela história de Itapipoca e seu grande divulgador, além de um rico acervo de vídeos gratuitos produzidos e disponibilizados em canal do **Youtube**, publicou obras, como: *A genealogia das famílias Cordeiro, Alves (Álvares), Santos e Agrela de Itapipoca...* (2019), *Imperatriz, o berço da história de Itapipoca* (2022).

Atualmente, integra a equipe da Secretaria de Cultura de Itapipoca e se prepara para lançar obra literária sobre o bicentenário da emancipação política de Itapipoca.



“São histórias, vivências, saberes, cultura, desenvolvimento e conquistas. Itapipoca cresceu, evoluiu, tornou-se polo da região e hoje é referência política no estado. Desejo que a cidade e todos os que fazem a nossa querida Itapipoca comemorem o maior e melhor ano da história. O ano que a cidade mais cresceu e evoluiu, mais ganhou, mais lucrou, mais brincou, mais foi feliz e mais comemorou.”

Nayara Kedma,
assessora de comunicação da Prefeitura
Municipal de Itapipoca.

“Parabéns minha cidade, Itapipoca,
Terra dos 3 Climas, pelos seus 200
anos de emancipação política, história,
tradição e encanto.”

Genésio Meneses, professor,
compositor, cantor, poeta, carnavalesco.

“Itapipoca, terra querida, uma das mais
populosas do Ceará, que com seus três
climas deixam muitos encantos. Quanto
mais conheço as belezas da minha cidade,
mais fico apaixonada. Que nos seus 200
anos, todos nós sejamos contemplados.
Parabéns, Itapipoca, por ser essa
terrinha idolatrada, terra de Indígenas e
Quilombolas e pelos demais
que é habitada.”

Aurila Quilombola, mulher negra,
resistente e abençoada.

“Nós, indígenas da etnia Tremembé
da Barra do Mundaú, parabenizamos a
nossa Itapipoca pelo seu Bicentenário.
Que nosso município continue
valorizando os direitos dos povos
tradicionais, suas culturas e existência.”

Erbene Tremembé,
liderança indígena.

“Nossos 200 anos de emancipação nos colocam
em um cenário de maturidade e projeção para o
crescimento cada vez mais consistente. Itapipoca
cresce com firmeza e maturidade, sendo destaque
e liderança em toda sua região, carregando sempre
muita identidade e singularidade, seja na sua natureza,
na sua pré-história, no seu povo e também na sua
gastronomia. É maravilhoso ser de Itapipoca e vê-la
sendo reconhecida por tanta beleza, personalidades
e acontecimentos. Desejo profundamente que nos
próximos anos o nosso povo valorize cada vez mais a
nossa terra. Feliz 200 anos, Itapipoca.”

Hadassa Matos, consultora em
Turismo de Natureza e Aventura e secretária
executiva de Turismo.



CIA. BALÉ BAIÃO

Com espetáculos inspirados na pluralidade da cultura nordestina, a **Cia. Balé Baião** é o primeiro grupo de dança de Itapipoca e um dos mais importantes e premiados do Ceará. Surgiu em 1994, com o nome **Dance Rua**, com o intuito de agregar a juventude periférica de Itapipoca. Em 1997, começou a consolidar-se como companhia de dança contemporânea.

Sob a direção de **Gerson Moreno**, a Cia Balé Baião promove espetáculos de danças cênicas contemporâneas, trazendo ao centro do palco questões étnicas e raciais. Os espetáculos são compostos por estéticas e narrativas negras, indígenas e periféricas.

A Cia Balé Baião contempla, em suas atividades, o trabalho de artistas atuantes em comunidades quilombolas, indígenas e assentamentos rurais de Itapipoca, assim como das periferias da cidade.

Segundo Gerson Moreno, o nome “Balé Baião” surge do desejo de se falar em **pluralidade**.

Em 2013, foi vencedora do Prêmio Funarte Arte Negra, do Ministério da Cultura, com o espetáculo “Negrume”. A Cia Balé Baião apresenta os seus espetáculos desde a serra, sertão e praia de Itapipoca, assim como em vários estados do Brasil e no exterior, em países como Paraguai, Cabo Verde e Espanha.



Foto: Allan Diniz

A **Escola Livre Balé Baião** é uma escola de formação em danças e linguagens, que se propõe a contribuir com estudos teóricos e práticos em danças cênicas contemporâneas.

Sediada no **Ponto de Cultura Galpão da Cena**, contempla públicos diversos de Itapipoca e da região e busca ofertar uma formação transversal e plural, desde os conteúdos programáticos até suas estratégias metodológicas. Além da dança, trabalha com convergências estéticas entre dança e linguagens afins, como artes audiovisuais, a música e a produção literária.

Atualmente, integra a rede de **Escolas de Cultura do Estado do Ceará**. Possui um acordo financeiro institucional com a Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (Secult) e possui um convênio com a Universidade Federal do Ceará (UFC) para a certificação anual de alunos e alunas.



Foto: Lucas Soares



GALPÃO DA CENA

O **Galpão** tinha sede no Círculo Operário. Depois, os membros saíram de lá e passaram as suas atividades para um local onde funcionava anteriormente uma oficina de móveis do pai de Gerson Moreno. Com o tempo e o auxílio de algumas pessoas, conseguiram transformar o espaço, de forma que, em 2005, seria criada a Escola Balé Baião, um núcleo de percussão, outro de audiovisual e um grupo afro-indígena permanente.

Com essa nova estrutura, a equipe passou a disponibilizar o espaço para outras companhias que viessem de outros estados e quisessem apresentar-se em Itapipoca, tornando-se assim uma referência nacional no meio das artes cênicas.

Hoje, o Galpão, com sede no bairro Violete, é um espaço de pesquisa, criação, produção e fruição artística, especificamente de dança, audiovisual e percussão *afro*. Agrega companhias e núcleos de formação permanentes, como a Cia Balé Baião, Cia Rebentos, Escola livre de Dança Balé Baião, Núcleo de Danças Negras, Tambores AfroBaião e Advento de Audiovisual.

O Galpão da Cena é gerido pela **Associação de Artes Cênicas de Itapipoca (AARTI)**.



Foto: Ernany Braga

GERSON MORENO

Gerson Carlos Matias de Sousa, o **Gerson Moreno**, nasceu em 1973. Iniciou a sua militância artística em 1984, principalmente dentro das pastorais de crianças e adolescentes da paróquia do Cristo Redentor, no bairro Violete, onde era levado pelo seu pai. Ali, teve o contato com o teatro e a dança, artes cênicas.

Na época, passou a trabalhar com o teatro popular, e as peças tinham apelo social.

Sua primeira experiência com a dança aconteceria em 1990, com um grupo denominado **Dance Rua**, composto por dançarinos do hip-hop, dança de salão e samba.

Marcos Alberto, diretor do Departamento de Cultura de Itapipoca, ofereceu a Gerson a oportunidade de participar de um curso coordenado por Andrea Bardawil em Fortaleza, o que o incentivou a buscar mais, de maneira que ingressou no Colégio Dança do Ceará, do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.

Nesse período, com o grupo, Gerson participou da Bienal de Dança do Dragão do Mar, sendo o ponto de partida para outros convites, inclusive para fora do país, como em Cabo Verde, África, para premiações importantes e novos espetáculos que, como sabemos, não podem parar.





DISPUTA PARA ALÉM DA ESFERA PRIVADA: O CONFLITO POLÍTICO ENTRE AS FAMÍLIAS TEIXEIRA E BARROSO

A história de disputa de poder entre as famílias Teixeira e Barroso em Itapipoca teve início nos anos de 1940, quando **Perilo Teixeira** e seu cunhado, o **coronel Hildeberto Barroso**, formaram um grupo político que assumiu o controle do poder na região.

No entanto, ao longo do tempo, as divergências políticas os afastaram. Quem ainda unia as famílias, inclusive em seu próprio sobrenome, era **Maria Odete Teixeira Barroso**, irmã de Perilo e esposa de Hildeberto. Nem por isso, a união era amigável.

A partir da ruptura, os dois passaram a competir nas eleições locais, começando como deputados estaduais. Ambos se elegeram como deputados estaduais constituintes em 1947. Hildeberto, filiado ao Partido Social Democrático (PSD), chegou ao poder com apoio do partido da Liga Eleitoral Católica (LEC). Perilo, pela União Democrática Nacional (UDN), a qual era filiado.

Diz-se que, em determinada fase do conflito, Perilo evitava se encontrar com a irmã desprevenidamente, antecipando avisos para garantir que não toposse com seu cunhado e adversário político. A essa altura, a rivalidade estava enraizada na disputa eleitoral, nos mandatos e no controle político da região.

A situação se complicou ainda mais quando o padre Abelardo Ferreira Lima, opositor de Perilo, se aproximou do grupo de Hildeberto Barroso, rompendo sua ligação anterior com Perilo Teixeira, que também era seu “vizinho”. Essa divisão política persistiu por longo período.

Mais tarde, em 1955, Perilo Teixeira se candidatou a deputado federal e foi eleito, exercendo

seu mandato com destaque. Enquanto isso, o coronel Hildeberto reelegeu seu filho Antônio Dagnúlio Barroso como deputado estadual. A disputa continuava.

No entanto, com o passar do tempo e o falecimento de ambos, a animosidade parece ter diminuído, e os filhos das duas famílias se aproximaram, superando as diferenças políticas do passado. É o que conta para o *Almanaque* o professor e historiador Júlio César Cordeiro.

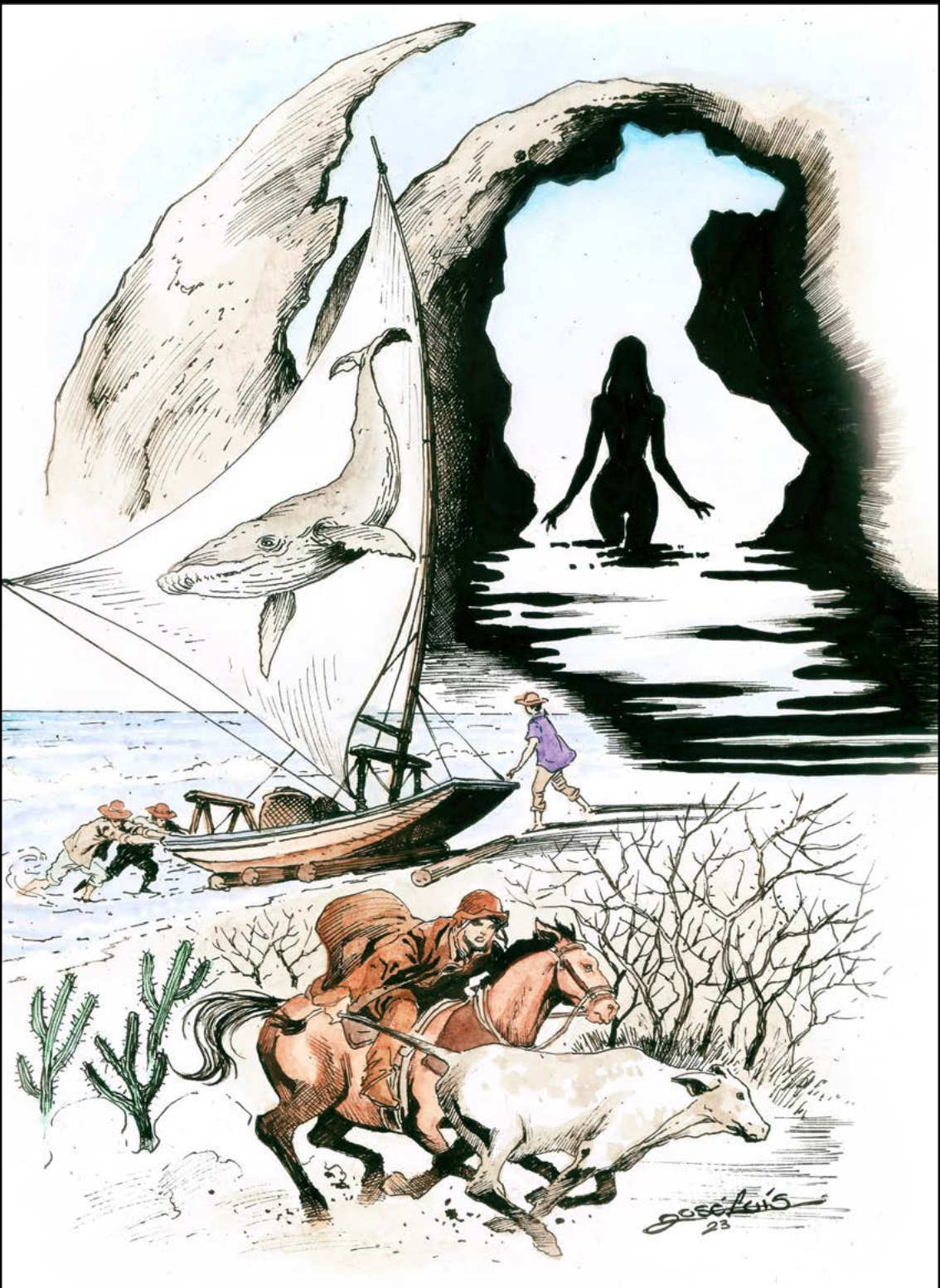
TRÊS CAMINHOS, UM OBJETIVO

Os três personagens dessa história, Perilo Teixeira, Hildeberto Barroso e padre Abelardo, deixaram contribuições importantes à cidade de Itapipoca. Em comum, tinham o carinho pela cidade e o esforço em melhorar a vida pública, cada um à sua maneira.

Perilo foi conhecido por sua dedicação em trazer recursos e melhorias para Itapipoca, estreitando sua ligação com a população, de quem tinha apoio indiscutível. Por outro lado, Hildeberto Barroso também era uma figura política influente na região.

Padre Abelardo, é sabido, desempenhou um papel importante na cena política local, apoiando movimentos progressistas e sociais. Ele também deixou um legado significativo no campo social, educacional e religioso em Itapipoca, incluindo a formação de diversas associações e instituições que beneficiaram a comunidade.





José Luís é quadrinista e ilustrador com cerca de 15 anos de atuação, inclusive no mercado internacional, tendo trabalhos publicados em várias reconhecidas editoras estadunidenses, como a DC e a Marvel Comics. Seus trabalhos mais recentes são: *Wakanda* (Marvel), *Djinni* (FMP) e *Black Adam* (DC comics).





A primeira formação da **Banda de Música da Paróquia de Itapipoca** teve os seguintes membros: Carretel, Antônio (Cabo Velho), Dico, Chico (Pentecoste), Rurik, Daiso, Pedro Galeriano, Zé Madalena, Luiz Bernadino, Chico Viriato, Bacaco, Edgar Santos (maestro) e Hélió (menino).

TERRA DE MUITOS SONS

Quando se fala em música de Itapipoca é preciso estar aberto a muitas possibilidades. Tem as tradicionais serestas dos clubes, o pop-plural-teatral da Dona Zefinha, o rock do *underground*, as descobertas dos festivais, a música erudita de José Frota, a banda do maestro Fernando, a música popular, o chorinho e ainda cantadores, emboladores, versadores que habitam os interiores do Brasil.

Iniciamos nosso *tour* musical destacando a boemia itapipoquense, que nos traz nomes inesquecíveis para quem viveu naquela época. Entre eles, o **Nenca** (violão), **Piticão** (pandeiro) e o **Chico Cas-cavel** (banjo), os chamados “seresteiros”. Muitas vezes, acrescia a esse grupo o **Caboré**, que também tocava pandeiro, mas que tinha como especialidade a zabumba.

Havia em Itapipoca, as orquestras, entre elas as do maestro **José Frota Neto**, o “seu Frota, regente e grande pistonista, e do **Marcos Ademar dos Santos**, o “Marquinhos”, que também arrasava no pífano. Elas eram facilmente encontradas no coreto da praça Perilo Teixeira e nos bailes que aconteciam com *glamour* no prédio da antiga Casa de Câmara e Cadeia ou do Santos Belo.

Um dos nomes que bebeu muito dessas e de outras fontes é o de **Francisco Davino de Sousa**, itapipoquense que dedicou muito de sua vida à música. Por volta de 1960, voltou a se dedicar de verdade à música, quando começou a tocar seu violão canhoto, tipo o ídolo Paul McCartney, em serestas. Nessa época, ele conheceu alguns dos melhores músicos da região, como Francisco Pinto de Mesquita, o “Nenca”, e seu parceiro José Walmir Paiva, o “Piticão”. Tinha ainda o Joca, que tocava cavaco, e deixava a voz para quem chegasse. Também fundou o grupo **Vibrações** junto com os irmãos. Dedicado ao choro, ele chamou a atenção das churrascarias que os contratava para tocar nos fins de semana. “A cidade se envolveu porquê a gente tocava muito samba e virou uma seresta dançante. Tinha muito Demônios da Garoa, Roberto Silva, Orlando Silva, Nelson Cavquinho, Noite Ilustrada, Ataulfo Alves... A gente se apresentava principalmente nas churrascarias, como a do Leosmar. Hoje se chama Hotel Casa Branca”, lembra. Quando o grupo se desfez, ele passou a fazer um trabalho solo, compondo as próprias canções e interpretando clássicos da MPB, sertanejo, brega, jovem guarda e outros estilos populares.



"COQUETEL DE CANÇÕES"

Na história da música de Itapipoca, um registro ficou guardado na memória de muitos. Lançado em 1994, o álbum "Coquetel de Canções" reuniu 12 vozes da cidade cantando 14 faixas autorais. "Esse disco foi um dos projetos bem-sucedidos daqui. E teve um alcance bom, muito empenho de todos. E a produção fez um malabarismo danado para caber todas as músicas, por isso os sulcos do LP são rasos e o disco arranha fácil", revela Davino, um dos convidados para participar desta obra, gravada e distribuída na época em que as serestas do Hotel Municipal estavam em alta.

Quando o **Festival Itapipoca da Canção (FIC)**, criação de **Genésio Meneses**, surgiu, começaram a reconhecer os muitos compositores na cidade. Duas empresárias, Rita Barreto e Helena do Valle, se interessaram pelo que estava sendo produzido e decidiram criar uma obra antológica. Amaury, Genésio Meneses, Gilmar Nunes, Sérgio Oliveira, Hugo, Chico Pessoa, Pedro Massadas, Orlângelo Leal, Herlane e Hernandes, João Batista e Inacelita, Rita de Cássia, Alex, Álcio (também artista visual), Rita Barreto, Jean Carlos e Anastácio foram os outros cantores e/ou compositores selecionados para o álbum.

A gravação aconteceu em Fortaleza, no estúdio Trilha Sonora, dirigido por Nilton Costa. Com arranjos de Toty e a participação de músicos e vocalistas, o álbum registrou



alguns nomes já experientes e apresentou novatos. "Para alguns, já não era novidade gravar em estúdio. Para mim, foi o teste de cardíaco. Na hora de botar a voz, eu fiz quatro vezes. Na primeira, estava muito nervoso. Mas levei um sanfoneiro muito bom, o Netinho do Ceará, fiz amizade com o técnico e fui me acostumando. Teve gente que quase desmaia, outros já tinham experiência de gravar. Giancarlo e Orlângelo já tinham experiência", detalha Davino, acrescentando que o lançamento foi no Hotel Municipal.

Foi a partir do bom resultado do "Coquetel das Canções" que Davino decidiu gravar seu primeiro disco solo. Com muitos patrocinadores, apoio público e rendendo apresentações nos municípios vizinhos, ele lembra dessa aventura musical com orgulho.

"Quando eu peguei a fita DAT (cada músico recebeu uma fita com a gravação de sua canção), foi uma coisa emocionante, tanto que eu gravei o meu. Tive que cair no mundo para gravar".

O FIC: PALCO DOS NOVOS COMPOSITORES

De 1984 a 2001, Itapipoca foi sede de um evento que revelou novos cantores, músicos, compositores e poetas. Batizado inicialmente com o nome original do município, o **Festival Imperatriz da Canção (FIC)** foi um projeto criado por Genésio Meneses, músico e produtor. "Eu tinha participado de um festival na época, que tinha a Lucinha Menezes, Calé Alencar e outras pessoas. Eu estava concorrendo com a música 'Sonhadores' e ficamos entre as finalistas. Aí veio a ideia de criar um festival aqui", lembra ele que, depois de pensar em como funcionaria cada etapa, saiu convidando os artistas pelos serviços de autofalante e convites deixados de casa em casa.

Inicialmente, o FIC era voltado para a música e a poesia de Itapipoca, além de incluir exposição de

artes. Eram três dias de festa que revelaram muitos nomes da cidade. "Em seguida, com o sucesso da primeira edição, as inscrições foram abertas para outros municípios. Os projetos começaram a sair das gavetas depois do evento. Era a única cidade em que existia e resistia esse Festival, com uma sequência de outras edições", acrescenta Genésio.

Ao longo de 14 edições, o FIC foi passando por mudanças. Passou de 3 para 2 dias; saiu de fevereiro, quando concorria com o Carnaval, e veio para julho; se abriu para outros municípios, recebendo artistas de Fortaleza, Granja, Trairi, Pentecoste e Uruburetama, entre outras. Se antes havia tempo de expor todas as canções ao vivo, depois o corpo de jurados passou a fazer uma primeira seleção com as músicas gravadas.



Na primeira edição, saíram como vencedores Márcio Moreira, com a poesia “indiferença”, e a música “Terra”, de Marcos Santos – o Marcos dos Correios –, interpretada por Robério Alves, o “Berim Versátil”. Em outras edições passaram nomes como Assis Vieira e Beta, dupla de Canindé que apresentou a música “Rouxinol”; Mascote e Celso Goes, com a música “Estilhaço”; Álcio Barroso, com “Apocalipse”; e Orlângelo Leal, com “Todo mundo à deriva em qualquer lugar”; além dos poetas Fernanda Praciano e Francisco Siqueira Filho.

Genésio Meneses guardou muito da memória dos eventos em recortes de jornal, folhetos, fotos e cartazes. Nos anos de 1990, o festival mudou seu título para **Festival Itapipoca da Canção**, mantendo a sigla e a ideia de revelar novos autores e canções.

A edição de número XIV, realizada em 14 e 15 de novembro de 2001, foi uma homenagem ao próprio Festival, com músicos convidados apresentando canções que marcaram suas histórias.

TOCAR NA BANDA!

Enquanto Itapipoca comemora seus 200 anos, a **Banda Municipal de Itapipoca** completa seus 50 anos. Integrada por 32 músicos concursados, a formação conta com instrumentos de sopro, percussão, teclado, guitarra e baixo elétrico. Esse time é responsável por espalhar na região um repertório que conta com MPB, rock, trilhas sonoras de cinema, jazz, valsa e o que mais o público pedir.

Muitos nomes já estiveram à frente da Banda. Em seu cinquentenário, a regência fica a cargo de **Fernando Vasconcelos**. Natural do município de Marco, ele entrou na orquestra por concurso público, em 2002, como saxofonista. Dois anos depois, foi convidado para assumir a batuta. Com Licenciatura em Música pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), ele ensaia com a Banda Municipal de Itapipoca duas vezes por semana e conta que a agenda de apresentações é cheia. “A banda é muito solicitada. Toda semana toca, muitas vezes mais de uma vez por semana”, comemora.

PERSONALIDADES DA MÚSICA



Foto: reprodução

LÚCIA MENEZES

A primeira surpresa que surge quando se conhece a obra de Lúcia Menezes é sua capacidade de descobrir joias esquecidas da música brasileira. Seja bolero, samba-canção, forró ou maxixe, ela construiu uma discografia instigante que chamou a atenção de nomes como Chico Buarque e Miúcha.

Natural de Itapipoca, ela começou a cantar ainda criança e, aos 4 anos, ganhou o prêmio “Melhor Voz Infantil de Itapipoca”.

Nessa carreira que toma quase sua vida toda, Lucinha se profissionalizou em 1988, quando entrou para o Coral da Universidade Federal do Ceará e foi premiada em duas categorias do **Festival de Camocim**, incluindo a de “Intérprete Revelação”. Daí em diante dedicou um show ao repertório de Carmen Miranda, gravou um disco com a obra de Fagner e Belchior, e esteve ao lado de alguns dos mais importantes músicos brasileiros.

Em seus sete discos, gravou ainda compositores como Sérgio Sampaio, Luiz Gonzaga, Ednardo, Zeca Baleiro, Assis Valente, Edu Lobo e João Donato. “Lúcia Menezes é uma intérprete genial, em vários sentidos. Sua voz irradia não só beleza extasiante, assim como memórias vivas de todas as nossas mitologias cantadas da história do Brasil de todos os tempos. E também de todos os Brasis, com ênfase na imensa tradição genial

dos canceiros e repentistas, que são profundas poesias e o esteio de nossa imensa nação de país-continente”, escreveu o escritor e músico Jorge Mautner.

DISCOGRAFIA:

Divina Comédia Humana (1991) | *Homenagem a Carmen Miranda* (1996) | *Lúcia Menezes* (2005) | *Pintando e bordando* (2008) | *Lucinha* (2012) | *Lúcia* (2017) | *Até que alguém me faça coro pra cantar* (2020)



GENÉSIO MENESES

Genésio Davi de Menezes (11.07.1958), filho de Raimundo Nonato Filho e de Lúcia David de Menezes, é poeta, radialista, compositor, cantor e carnavalesco.

Despertou o interesse muito cedo pela leitura, estimulado, principalmente, pela irmã Graciana Menezes. Entre as leituras: *O Pequeno Príncipe*, *O Menino do Dedo Verde*. Frequentava as salas de leitura do Patronato Nossa Senhora das Mercês, e recebia elogios pelas suas redações.

Nos anos finais do Fundamental, residia em Fortaleza, na Cidade 2000, e estudava na Escola Polivalente Modelo no José Walter, que tinha uma sala de música com piano.

Na época, frequentava o **Programa Irapuan Lima**, primeiro no auditório, depois se apresentando, “mas não como calouro”, afirma.

Voltando a Itapipoca, concluiu o Ensino Médio no Pio XII. Na época, atuou como **crooner** no conjunto “Os Milionários”. Em 1980, gravou músicas de

sua autoria no programa “Terral”, na TV Educativa de Fortaleza. Em 1981, participou dos Festivais Caiçara e Femup (Festival de Música e Poesia), de Sobral. Mais tarde, em 1984, participou do Festival de Música de Canindé, destacando-se entre os primeiros colocados.

Em 1983, cursou, a princípio, Letras em Sobral, mas graduou-se em Pedagogia na década de 1990.

Como escritor, possui textos publicados em antologias e integra a Associação dos Escritores de Itapipoca.

É um dos participantes do LP **Coquetel de Canções** (1994). É autor dos hinos dos colégios EEB Sebastião Gabriel Martins, Vicente Antenor Ferreira Gomes (em parceria com a poetisa Fernanda Praciano) e do CEJA Padre Luiz Gonzaga Xavier de Lima.

Fundou o **Grêmio Recreativo e Escola de Samba Aquarela**, pelo qual recebeu diversos títulos carnavalescos, sendo autor de seus sambas-enredos.

Idealizou o **Festival Itapipoca da Canção** (FIC) e criou o **Grupo de Teatro Raízes de Itapipoca**.

Destaque nos festivais de música da região Norte cearense, com músicas como “Praia, Serra e Sertão” (A Flor do Sanharão), “Sonhadores” (Seres Alados), entre outras. Criou o programa de rádio “Pop Show”, uma das atrações do Studio GM Show. Ganhador de menção honrosa e da comenda Maestro Frota, pela União dos Artistas de Itapipoca, destaque em festivais de música do Clube Social Imperatriz.

ISABEL PERGENTINA ARAÚJO (27.02.1875-31.03.1948)

Embora tenha nascido em Crateús, cedo passou a residir com seus pais na Vila de São Francisco de Uruburetama, atual Itapajé.

Para assegurar melhores estudos à filha, os pais transferiram-se para Fortaleza, onde matricularam Pergentina na Escola Normal.

Francisco Araújo, o “Chiquinho Araújo”, seu pai, era comerciante no bairro Alagadiço. Mesmo trabalhando muito, e com o auxílio da esposa Úrsula Mourão de Araújo, tinha dificuldade para comprar os livros da filha, que, felizmente, sendo ótima



aluna, conseguiu que os professores se reunissem para emprestar a ela os livros dos quais necessitava. Lá, foi aluna de Farias Brito, o grande filósofo, e de Elvira Pinho, musicista de imenso prestígio no Ceará, e foi colega e contemporânea de Adelaide e Judith Amaral, Francisca Clotilde e Alba Valdez, em breve, importantes nomes do meio literário.

Formou-se em 1891, sendo a oradora de sua turma e assumindo uma escola pública em São Bento de Amontada. Depois, residiu em Crateús e, mais tarde, em Vila da Palma, atual Coreaú, onde viria casar-se, em 1892, com Lucas Araújo, que também músico.

Pergentina e Lucas só viriam residir em Itapipoca em 1905, por intervenção do senador Catunda. Em Itapipoca, Pergentina teve um papel fundamental não apenas no ensino formal, na qualidade de professora, mas também no que se refere ao incentivo à musicalização. Nas festas de São Sebastião e de Nossa Senhora das Mercês, ela seria a responsável pela direção das atividades musicais, organizando orquestras e coros. Além de que era comum realizar saraus em sua casa, na presença de músicos, artistas e escritores da época, de forma que não se pode falar em música em Itapipoca sem passar pelo nome da professora Pergentina.

O casal Pergentina e Lucas teve 9 filhos.

Curiosidade: Contam que em determinado momento precisaram consertar o relógio da praça do Ferreira, em Fortaleza. Entretanto, o relógio vinha com o manual em francês. Pergentina, fluente da língua – não sabemos como chegaram a ela –, foi a responsável em traduzi-lo para o técnico que assumiu essa missão.

ANTÔNIO SOARES DE SOUSA (11.02.1919 -?)

O “Cabo Velho”, é filho de João Rufino de Sousa e Francisca Soares de Lima. Trabalhou com o desembargador Jaime de Alencar Araripe, na época, juiz em Itapipoca, até ser selecionado no concurso para oficial de justiça em 31 de julho de 1962. Contudo, onde mais se realizou foi na música, integrando a primeira banda de música de Itapipoca: a **Banda do Mestre Edgar**. A banda era muito assediada, convidada para festas religiosas, populares e sociais em Itapipoca e nas cidades do

entorno. O instrumento musical de sua preferência: o bombardino, um instrumento de sopro, da família dos metais, exigindo uma boa condição física e respiratória, além de muita disciplina, o que parecia ter de sobra.

Muito amigo do maestro José Frota Neto, costumavam sempre se reunir para aprimorar a sua arte musical.

Casou com Maria Alves de Sousa, com quem teve 12 filhos.

EDMILSON RAIMUNDO LIMA DOS SANTOS

Por influência do irmão sanfoneiro, José Lima dos Santos, se pôs a, desde cedo, estudar música com o maestro José Frota Neto, que acreditava ter o aluno uma “percepção harmônica desenvolvida”. Diante do maestro, Edmilson compreendia progressões harmônicas, sequências de acordes livres, e tonalidades, de forma que o gosto pelos instrumentos musicais aumentava a cada dia. Tendo facilidade de improvisação, especializou-se em saxofone, mas aprendeu a tocar outros instrumentos, como zabumba, pandeiro e violão, sendo assim frequentemente convidado para participar em eventos culturais, como bailes de formatura, festas religiosas e sociais, programas de auditório, integrando as bandas “Rurik e seu Conjunto” e “Os Milionários”, e, quando necessário, fazendo *backing vocal*.

Integrou a Banda de Música de Itapipoca por mais de vinte anos e, participou do grupo musical “Por Amor”, composto por músicos, que mesmo aposentados, dedicam-se à arte musical.

JOSÉ GALERIANO XAVIER (02.11.1927-06.05.2013)

Filho de Francisco Galeriano Xavier e Francisca das Chagas Viana, concluiu o Primário no Grupo Escolar Anastácio Alves Braga, não conseguindo dar continuidade aos estudos. Ingressaria mais tarde, como soldado, na Polícia Militar, mas acabaria por abandonar pela música, sua paixão pelo seu conhecido banjo e, depois, o contrabaixo, os quais dominava com muita criatividade.

Com o conjunto “Ita Som”, de João Rurik de Sousa, e que contava como instrumentista o maestro José Frota Neto – que também regia os ensaios do conjunto –, animava festas carnavalescas, aniversários, baladas, formaturas, festejos religiosos na cidade e em municípios vizinhos. Em uma dessas festas, conheceu a sua futura esposa, Maria Eufrásio Xavier, a dona Dadá, com quem formaria uma família de 11 filhos.

Assim, por questão de sobrevivência, assumiria a função de comerciante até o fim dos seus dias. Abandonaria a música dos bailes, mas jamais do coração.

Foto: acervo da família de Rurik de Sousa



JOÃO RURIK DE SOUSA

(13.05.1912 – 14.02.2010)

Filho do artista cênico Raimundo Lopes de Sousa, o “Mambica”, e de Ester Cordeiro de Sousa, desde cedo Rurik se encantou com as artes, especialmente com a música, se dedicando ao cavaquinho, banjo, violão e trombone, além de ministrar aulas de música para outros jovens.

Juntamente com o maestro José Frota Neto e Edgar Santos, fundou a **Orquestra Itapipoca**, considerada na época a melhor de toda a região de Uruburetama. Também criava os conjuntos “Rurik e seu Conjunto” e “Ita Som”, nos quais atuaria como agente, instrumentista e diretor artístico, levando a música para Itapipoca e as cidades do entorno.

Curiosamente, durante a sua vida, Rurik explorou seus diversos talentos, como agrimensor, bombeiro hidráulico, mestre de obras, pintura,

desenho e caricatura, além de desportista, participando da seleção de Itapipoca, nos anos 40, em animadas partidas de futebol.

Casou-se com Maria Teixeira de Sousa, com quem teve 11 filhos biológicos e mais 3 de coração.

JOÃO RURIK DE SOUSA FILHO

(26.01.1944)

O “Rurikim”, filho de João Rurik de Sousa e Maria Teixeira de Sousa, é um dos representantes dos conjuntos musicais que atuaram nas festas de Itapipoca e cidades vizinhas, no final da década de 1960 e início dos anos de 1970. Começou sua carreira musical ainda adolescente, acompanhando o seu pai, Rurik de Sousa, como **crooner** – também como baterista e contrabaixista – nas formações das bandas “Rurik e seu Conjunto” e, posteriormente, da banda “Ita Som”, cantando vários gêneros musicais, agradando aos mais variados públicos.

Recebendo influência da Jovem Guarda, na década de 1960, Rurikim formou a banda composta por ele, José Íris (seu irmão), Edmilson, Luís Correia, José Maria Correia e Paulo Rosa, que levavam os sucessos para Itapipoca e as cidades de Acaraú, Bela Cruz, Itapajé, entre outras.

Seguindo a dedicação à arte musical herdada do pai, formou um grupo de sanfoneiros para apresentações culturais no final da década de 1970.

Hoje, está aposentado do serviço público federal, mas mantendo forte ligação com a música.

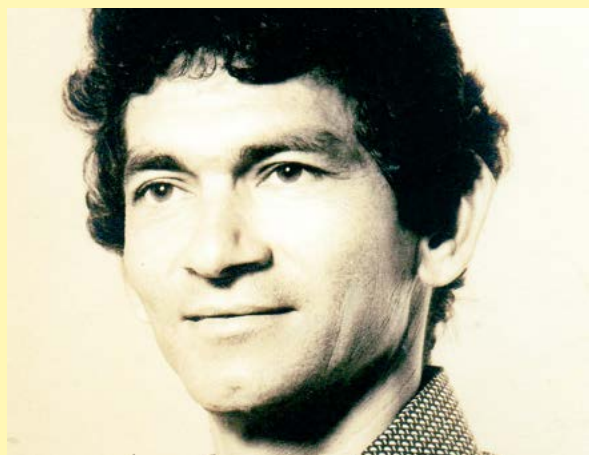


Foto: arquivo pessoal do biografado





A Catedral na Praça Perilo Teixeira

IGREJAS HISTÓRICAS

A IGREJA DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS

Como é comum na história de muitas cidades, a edificação de uma primeira igreja é um marco histórico fundamental para o surgimento, consolidação e socialização de uma comunidade. No caso de Itapipoca, esse marco acontece em 1772, em Arapari, distrito próximo à sede. Edificada no alto da serra de Uruburetama, a primeira igreja da Paróquia de Nossa Senhora das Mercês foi obra de **Jerônimo de Freitas**, fundador da cidade.

Foi Jerônimo quem doou as terras onde foi construída a Igreja de Nossa Senhora das Mercês de Arapari. Conta o historiador Paulo Maciel, no livro *História de Itapipoca*, que o terreno tinha

extensão de meia légua, numa área com vista privilegiada para o casario, a mata virgem cheia de palmeiras e um riacho. Devoto de Nossa Senhora, Jerônimo inaugurou o templo em 1777 com um batizado realizado pelo padre português Francisco Ordonho de Sopepa, então vigário da freguesia de Amontada Velha.

A igreja de Arapari foi construída em estilo barroco, sendo ainda um dos registros mais antigos a contar a história da região. Na época em que foi construída a igreja, o pequeno povoado se chamava São José da Serra de Uruburetama e, assim, permaneceu até 1823, quando foi elevada à condição de vila. Mas, com a mudança da sede do alto da serra para o arraial que ficava na planície, uma nova igreja foi construída.

Em 1888, período de grande escassez provocada pela seca, a nova Igreja de Nossa Senhora





Igreja de N. Sra. das Mercês em Arapari

das Mercês foi construída por iniciativa do **padre Antero José de Lima**. Ele, que se dividia entre os trabalhos de sacerdote e político da cidade, conseguiu mobilizar pessoas para conseguir a verba e a mão de obra necessárias para a construção. Até a conclusão, as obras passaram por interrupções causadas por falta de recursos, o que não impediu que, em 20 de setembro de 1891, padre Antero, finalmente, entregasse e abençoasse a obra.

Nesses mais de 100 anos, a igreja passou por várias reformas e mudanças para se adequar aos novos tempos. Quem visitá-la, verá o altar adornado com a imagem da Santa Ceia à frente e, ao fundo, a imagem da padroeira que veio da Europa, doada à Sé da cidade. Na lateral, fica a área batismal, que preserva ainda a primeira pia do local. Essa pia já foi substituída por outra mais moderna. Decorando esse espaço, uma imagem de Jesus Cristo sendo batizado por São João Batista. Do outro lado, fica a parte dos sacramentos, onde está a imagem do Sagrado Coração de Jesus. Nos fundos da igreja, encontra-se uma imagem de São Francisco, onde a população deposita os ex-votos e amarra fitinhas como forma de pagar suas promessas ao santo. Ali ficam fotos, braços e pernas de madeira, presentes para agradecer por uma graça alcançada.

Além de toda a simbologia religiosa, a Igreja de Nossa Senhora das Mercês, a Catedral, é um

ponto de visitação importante de Itapipoca. Suas colunas, vitrais, imagens e o sino que foi instalado em 1945, durante o Congresso Eucarístico, contam histórias aos fiéis e visitantes. As batidas do sino, sempre a cada hora fechada, eram controladas por um relógio de nome “Joaquim”. No entanto, com o tempo, o tradicional repicar do sino caiu em desuso e passou a acontecer apenas no Sábado de Aleluia.

IGREJA DE S. SEBASTIÃO

São Sebastião também tem um templo dedicado a ele. A igreja de São Sebastião foi fundada em 1868 e tem uma história curiosa. Segundo conta a memória popular, os trabalhadores que ergueram a igreja fizeram o trabalho de graça e no turno da noite. Eles pediram, então, que a Paróquia contratasse um sanfoneiro para tocar durante o serviço. E assim foi feito. Já a iluminação da obra foi feita à base de muitas fogueiras, o que acabou por render à rua próxima o nome de Rua do Fogo.

O vereador Joaquim Manoel Alves foi responsável por registrar o processo de transferência da sede de Arapari para o arraial que deu origem a Itapipoca. É esse registro que guarda informações sobre a igreja de São Sebastião, como o nome da olaria de Juca Cosmo, fornecedor do material de sua construção.





Vista aérea da igreja de São Sebastião

Como os moradores tinham pressa para a finalizar a obra, seu Juca Cosmo teve que dobrar sua produção. Ele utilizava mão de obra escrava e contratava cinco funcionários na olaria. Em 1867, o templo foi todo construído, mas precisou esperar até o ano seguinte pela autorização da transferência da freguesia para a nova sede. Isso só foi possível em 22 de novembro de 1868.

IGREJA PRESBITERIANA

A fé evangélica chegou ao município de Itapipoca em meados do ano de 1942 e em meio a um conturbado contexto religioso e de disputas políticas que marcavam o cotidiano dos habitantes da “Terra dos Três Climas”. Movido pelo espírito missionário, o jovem pastor **Cecil David Fletcher**, acompanhado de sua família, abandonou o denso frio de sua cidade natal (Toronto/Canadá) e resolveu abraçar a caatinga no sertão cearense como sua nova pátria.

A chegada do missionário trouxe certa preocupação ao bispo local, contudo o pastor



Foto: Aurélio Alves

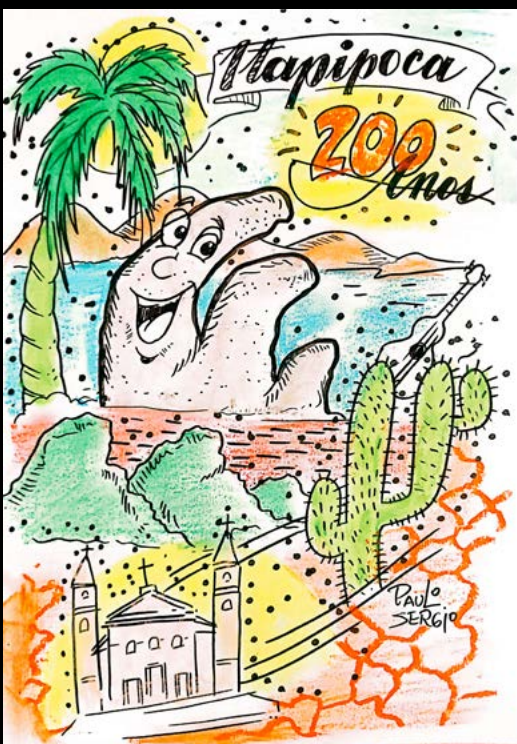
Cecil recebeu indispensável apoio de Perilo Teixeira. Assim, no dia 4 de abril de 1945, fundou e organizou a primeira igreja evangélica de Itapipoca, denominada, na época, Igreja Cristã Evangélica.

Passados alguns anos, já sob o pastorado do reverendo Itamar Pinto Bandeira, deu-se início ao processo de cisão entre a Missão Canadense e o rev. Itamar, que mais tarde culminaria na transferência oficial da igreja com todos os seus membros para a **Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB)**, no dia 13 de abril de 1966, como permanece até os dias de hoje, sendo pastoreada, desde 1999, pelo rev. **José Armando Diógenes de Aquino**.





Alcio Barroso participou do curso de desenho artístico com Marcus Jussier na Casa de Raimundo Cella, em Fortaleza (década de 1970). Também em Fortaleza, participou do movimento de pintura nos muros da Universidade Federal do Ceará (UFC), no bairro do Benfica, encabeçado por Sérgio Marques com o grupo Brigada Muralista Victor Jara (década de 1980). Ilustrou diversos livros, teve exposição individual no North Shopping de Sobral e expôs no CCBNB de Juazeiro do Norte.



Paulo Sérgio Cavalcante é artista plástico, autodidata, trabalha com caricaturas em eventos.





LOUCOS PELA CIDADE: OS TIPOS POPULARES DE ITAPIPOCA

Todas as cidades têm suas figuras icônicas, populares, que se destacam por suas personalidades excêntricas ou feitos notáveis. Na música “Casa de Farinha”, de Amaury Benevides, algumas dessas figuras clássicas da história de Itapipoca são mencionadas.

Alguns desses nomes resistiram ao passar do tempo e continuam presentes na memória coletiva, principalmente devido ao seu comportamento peculiar e excêntrico. Estamos nos referindo a indivíduos que, em épocas passadas, deixaram uma impressão duradoura em Itapipoca, sendo ainda lembrados com base nos relatos transmitidos pela própria comunidade – tradição que o *Almanaque* se dedicou a compilar e preservar.

Em uma época em que as discussões sobre pessoas com deficiência eram limitadas, abrangendo aí a ampla variedade dos transtornos mentais, muitos desses indivíduos se destacaram não apenas por suas condições intelectuais, mas também por suas reações às provocações da sociedade.

Com frequência, provocar aqueles que estavam “em paz”, desencadeava acaloradas discus-

sões públicas e perseguições, tanto no centro da cidade como em suas áreas periféricas. Esses incidentes eram muitas vezes responsáveis por proporcionar entretenimento à população.

ZÉ CABELÃO

José Henrique Teixeira, conhecido como “Zé Cabelão”, era uma figura enigmática que deixou sua marca na história de Itapipoca com suas excêntricas e visões peculiares sobre o mundo. Muito antes de virar moda, ele era vegetariano. Sua dieta consistia principalmente de leite, pão e mel de abelha, o que era estranho aos olhos da sociedade itapipoquense da década de 1970.

Dono de uma loja repleta de variedades, conhecida por ter de tudo – de parafusos a produtos medicinais –, sua riqueza era facilmente percebida. A loja dispunha de curiosidades que chamavam atenção, como uma série de tamancos de tamanhos variados – indo de um bem grande a um bem pequeno –, além de cobras engarrafadas. De aparência forte e de cabelos longos, cos-



tumava usar trajes formais, incluindo um paletó, mesmo quando percorria as movimentadas ruas da cidade, que não escapam ao calor cearense. O comerciante também era conhecido por gostar de desafiar as pessoas em apostas.

Um aspecto peculiar de Zé Cabelão era sua coleção de páginas de *O Amigo da Onça*, personagem humorístico de Péricles de Andrade Maranhão publicado na revista *O Cruzeiro* e que sempre metia os amigos em situações delicadas. Zé Cabelão, por acreditar que um dia a página deixaria de ser publicada, queria guardar todas as edições. Estava certo. Mas não só em relação a isso: ele tinha visões futuristas sobre comunicação, prevendo um mundo em que as pessoas poderiam se comunicar umas com as outras de diferentes cômodos da casa, truncando a comunicação, ao invés de favorecê-la – ideias desenvolvidas muito antes da chegada do celular. Fascinado por eletrônica, Zé ansiava por uma vitrola, cujos mistérios não entendia muito bem – como poderia sair uma voz de dentro de um disco?

A figura de Zé Cabelão também era envolta em mistério. Havia rumores de que ele tinha um pacto com o demônio e nunca saía para comprar mercadorias. Uma lenda urbana, pois o Zé ia pessoalmente a Fortaleza quando precisava fazer as suas compras.

ZEZIM DO AÇUDE

Francisco Adeodato, irmão do barbeiro João Adeodato, foi criado na companhia da família Alves. De pele bastante retinta, tinha profunda ligação com a casa de Mitônio Alves, localizada onde hoje funciona a *Óticas Visão* – próximo ao sinal de trânsito da rua Pergentina Araújo.

O apelido “do Açude” derivava do nome de um sertão nas proximidades em que foi criado. Zezim costumava receber dinheiro e tinha almoços pagos por outras pessoas. Qualquer provocação direcionada a ele, resultava em uma briga iminente. A população o chamava de “Peiúdo/Pombão”, devido a uma característica física notoriamente percebida quando, em ato público, aliviava as suas necessidades.

Embora não fosse propenso a insultar os outros, não hesitava em brigar quando provocado.

A população contribuía: “Zezim Pombão!”, gritava. Adeodato não apenas fazia questão de revidar os insultos, como parecia gostar disso, como quem buscava essas desavenças.

Zezim do Açude faleceu devido a erisipela, uma doença de pele possivelmente relacionada a diabetes, que resultou em uma ferida nunca tratada, que acabou lhe sendo fatal.

JOÃO LULU

João Braga Veras tinha uma verdadeira paixão pela comunicação. Com o tempo, ficou conhecido por seu hábito de falar como se estivesse em uma transmissão de rádio. Havia o “radiocacete de jucá” e o “rádio unha”, que ditavam a interpretação de sua fala.

Na “rádio unha”, por exemplo, ele levava a unha à boca e falava de uma maneira específica. Ele também tinha a mania de andar com um palito de dentes na boca. Certa feita, levou uma bronca de Perilo Teixeira, por quem, desde então, nutriu desafeto. Era certo que uma briga estaria prestes a acontecer se alguém o chamasse de “Perilo”.

GARREÃO

Seu nome real era Jussie. Embriagado, tinha o hábito de revidar quando gritavam com ele. Bastava um simples “liiii” em sua direção para fazê-lo perder a cabeça. Garreão ficou conhecido na cidade devido a um incidente escandaloso: ele exumou, sabe-se lá o porquê, o corpo de sua própria mãe.

JÚLIA FACÃO

Tinha uma paixão incontrolável pela pesca. Sempre que via um poço, não resistia e colocava um anzol dentro. Boatos não confirmados dão conta de que Júlia era da família dos Teixeira. Muito magra, tinha um temperamento bastante irritadiço. Se alguém olhasse para ela de forma desafiadora, iniciava aí uma série de xingamentos, com direito a muitos palavrões. Uma vez, enquanto pescava em um riacho, ela teve o seu anzol preso em algo grande, e alguém perguntou a ela se estava pescando um tubarão.





FREI SABUGO

Este apelido era uma interpretação de suas características físicas. Barbudo e magro, era frequentemente associado a um frei, pela extensão dos fios da barba, e ao sabugo, pelo tipo físico. Ele tinha o hábito de insultar as pessoas, muitas vezes como resposta a ofensas recebidas. Uma frase comum usada ao seu redor era “Pisou no freio, escorrega no sabugo”, provocando sua ira e resultando em perseguições. A diversão da garotada era, às vezes, provocá-lo intencionalmente.

POMBINHA

Francisca, ou Francisquinha, era conhecida por sua estatura pequena, o que lhe rendeu o apelido carinhoso de “Pombinha”. Ela era próxima de Zé Paulino, um feijoeiro com quem tinha um relacionamento especial. Também tinha o hábito de “pastorar” as motos dos outros, durante a ausência dos seus donos.

JOÃO FAZ TUDO

João Ferreira Lima era pai do Cafita, e poderíamos dizer que era tão famoso quanto ele. Porém, a fama do João, mais conhecido como “João Faz Tudo”, não era a das mais invejáveis... diziam que ele tinha a mania de mentir. Talvez, ser “criativo” fosse uma denominação menos áspera para o João e suas histórias “fantásticas”.

Uma das mais repetidas falava de um dia em que decidiu caçar patos na proximidade do Poço Verde. Contudo, na sua espingarda havia apenas uma bala, e ele queria muitos patos. Teve uma ideia: se esconderia atrás dos arbustos e quando os inocentes patos se aglomerassem, apareceria de repente e, apontando a sua espingarda (ora, como eles saberiam da existência da única bala?) para eles, gritaria ameaçadoramente: “Mãos ao alto” (ou asas ao alto, não me lembro...). Os patinhos, com suas patinhas trêmulas, obedeceram ao João, que pegou um a um e os colocou numa sacola beeeem grande.

Já se fazia tarde. Para chegar mais rápido em casa, teve outra ideia, pegou alguns dos pa-





tos ensacados, que deveriam saber voar bem, prendeu os seus pescoços no cinto de sua calça e mandou que voassem para a cidade. Eles, que não eram bestas, mas eram “patos”, fizeram o que ele mandou. Porém, que triste, passando por cima da cidade, João queria descer e não teve outro jeito, matou um a um dos patos do seu cinto, para conseguir descer aos poucos, o que aconteceu, na praça da Matriz. Diz ele que todos que lá estavam podem comprovar o acontecido.

Outra história famosa do João é aquela em que ele dava alimento a um canário que criava em uma acolhedora gaiola de pau. Em determinado instante, teve que se afastar um pouquinho... Voltando, nada de canário e, pasmem, nada de gaiola! Desde então, era comum vê-lo andando enlouquecido, olhando para cima, estalando os dedos e assobiando, em busca do canário fujão e de sua gaiola.

João para ser tão criativo, tinha que ser muito observador... e era, além de curioso demais. Disseram-me que, em certo período, todos os dias passava um avião voando baixo e pousando ali

perto, num serrote. O João sabia que ali não tinha nenhum campo de pouso, então correu depressa para o local para ver e saber o que estava acontecendo. Descobriu o mais inusitado: como num ninho, lá estavam os três aviõezinhos novinhos, recém-paridos da “mamãe” voadora.

Outra história nos foi contada com grande pesar. Certa vez, o João, passando pela casa do, então, prefeito da cidade, começou, irritado, a chamá-lo de ladrão, aproveitador, entre outros atributos de publicação pouco recomendada. Na mesma tarde, policiais o procuraram para conduzi-lo ao xadrez. A população se solidarizou: “Ó, que tragédia... o João nunca fala a verdade, e quando fala é preso!”

Outros tipos populares que habitaram Itapipoca em épocas passadas são **Dandola**, um mendigo da década de 1960 que tinha o hábito de incendiar monturos de lixo, sempre que encontrava esses resíduos. **Inês Broa**, **João do Aprijo** (seu pai) e **Chabe Leba** – esta morava no distrito de Cruzeiro e era assim chamada por “falar ruim”.





Fotos da matéria: acervo da família de Cafita

O ITAPIPOQUENSE DO SÉCULO

Manoel Alves de Freitas (08.05.1926 – 06.11.2006), o “Cafita”, como era popularmente conhecido desde a infância – nunca soube explicar a razão do apelido –, era filho de um casal de artesãos: o pai, João Ferreira Lima, era seleiro, e a mãe, Maria Alves de Freitas, rendeira de bilros e confeitadeira. Ainda criança, o seu pai saiu de casa. Sua mãe, então, o incumbiu de vender os bolos e doces que ela fazia na Estação, contribuindo para o sustento da família.

Mais tarde, esse menino seria um dos pioneiros da comunicação em Itapipoca, atuando, a princípio, por meio de sua irradiadora “A Voz da Comunidade”, na qual, de forma gratuita, prestava serviços de utilidade pública, informando sobre aniversários, casamentos, funerais, achados e perdidos, pessoas e animais desaparecidos, horários

de missas e, especialmente, sobre os horários de chegada e saída dos ônibus da empresa Horizonte, da qual era funcionário desde 1957, quando substituiu o irmão que, sendo admitido em concurso da Fazenda, passaria a residir em Fortaleza.

Por meio dessa irradiadora, instalada na então praça Getúlio Vargas, hoje, Praça do Cafita –, também popularmente conhecida como a “praça dos motoristas” –, sua voz generosa e prestativa realizava campanhas de solidariedade, auxiliando os mais vulneráveis nas mais diversas situações de socorro: remédios, alimentação, compra de caixões funerários, construção de barracas de moradia, aquisição de muletas e cadeiras de rodas, entre outros, ainda publicizando o *Diário Oficial da Prefeitura*.

Em 1962, assumiu na cidade o **Cine Itapipoca**, no qual exibia os últimos lançamentos da sétima





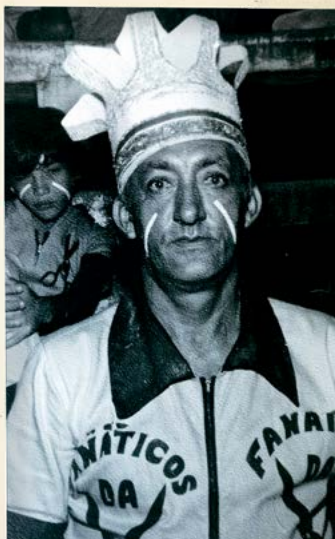
arte. Nessa mesma época, por meio de um sistema de alto-falantes instalado na Agência da Empresa Horizonte, divulgava a programação de seu cine e, nas sextas-feiras, pela irradiadora instalada no cinema – situado ao lado da atual praça Perilo Teixeira –, apresentava o programa musical “Voz da Saudade”, que trazia as principais serestas das décadas de 60 e 70 do século 20, para a alegria de seus ouvintes em cadeiras nas calçadas.

No escritório de sua agência, como descreveu Gilmar de Carvalho, havia “imagens de são Cristóvão, santo Antônio, Nossa Senhora da Aparecida, Nazaré e Fátima e um padre Cícero. Entre bancos de madeira para os mais idosos ou cansados, paredes de azulejos, cartazes de empresas de ônibus, mapas do Ceará.”

Ele também tinha a Propagadora de Itapipoca, as irradiadoras móveis, que, como nos conta Paulo

Maciel, “estavam presentes em todos os eventos sociais, religiosos e políticos, como inaugurações de obras, recepção a governadores e outras autoridades que visitavam a Itapipoca, que sempre contavam com a alegria da presença do grande Cafita a animar todas estas ocasiões festivas com o seu coração generoso, sempre à disposição de todos que dele precisavam para qualquer coisa, até para soltar foguetes por ocasião das convenções políticas partidárias.” Aliás, “ele também era o maior fogueteiro das festas de São Sebastião”, relata Júlio César, seu filho e sucessor na Agência do Cafita.

Além da comunicação, a cultura era uma de suas paixões, chegando a ser Rei Momo de alguns carnavais – guardava fotografias com fantasias de blocos em cima de carros alegóricos –, porta-bandeira da Escola de Samba da Tesoura, brincante



de quadrilhas juninas e torcedor vibrante do Itapipoca Esporte Clube.

Foi homenageado, em 1982, com seu nome em placa da Escola de Educação Básica Municipal na localidade Córrego dos Cajueiros, no distrito Barrento. O Troféu Empresário Lojista do Ano da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) e uma avenida na cidade levam o seu nome.

Fábio Pires e Emílio Rodrigues, proprietários de uma agência de publicidade local, tendo como referência a votação do “Cearense do Século”, pela TV Verdes Mares em parceria com a Rede Globo de televisão, em 2001, criaram a votação do “Itapipoquense do Século”. Fizaram uma pesquisa prévia, na qual traziam alguns nomes indicados, e distribuíram as cédulas para diversos habitantes de segmentos distintos na cidade. Não deu outra, para sua glória, Cafita foi eleito o “Itapipoquense do Século”.

Cafita casou-se com Maria Rodrigues de Freitas, de quem ficou viúvo, e deixou 14 filhos.

Conta-se que, quando de seu falecimento, o comércio e as escolas fecharam as portas, o prefeito João Barroso decretou luto municipal e cerca de 10 mil pessoas se dispuseram a se despedir dele naquela que seria a sua última morada.

HISTÓRIAS DO CAFITA

Dom Paulo, bispo da diocese, chegava cansado de suas visitas pastorais no início da madrugada. Às 5h, o Cafita, usando de sua irradiadora, já chamava em alto e bom som pelos passageiros que deveriam embarcar: “Senhores passageiros, simhora que o ônibus já vai sair”.

Dom Paulo, incomodado com aquele barulho insistente todos os dias, dirigiu-se ao Cafita e pediu que ele diminuísse a zoadá: “Nem é por mim, mas pelo pessoal que ainda está dormindo...”

No dia seguinte, de madrugada, lá estava a voz do Cafita irradiada pelos seus alto-falantes: “Atenção, senhores passageiros, tô falando aqui bem baixinho que é pro pessoal não acordar...”

Era comum ouvir o Cafita dizer pela sua irradiadora: “Atenção, senhores passageiros, com destino a Fortaleza: o ‘aviaoção’ já está na porta!” O tal “aviaoção”, na verdade, era o ônibus. Mas não era para menos, pois a Horizonte era a única empresa que rodava no interior com poltronas reclináveis, luz individual e toailete a bordo. Contudo, conta-se que uma vez uma senhora comprou a passagem e não atendeu ao chamado do Cafita, pois estava esperando um ônibus e não o tal “aviaoção”... Que chato...





O CINE ITAPIPOCA

O escritor e jornalista Natalício Barroso, em pesquisa com moradores antigos de Itapipoca, conta que o cinema chegou – ou passou – por Itapipoca na década de 1940. Mas, como era comum naquele tempo, era um “cinema itinerante”.

O projetor era conhecido como Antônio Mão-zinha (teria um defeito físico na mão), segundo informou João Rolim, filho de João Chaves Nunes (João Curu), proprietário de uma panificadora, que lembra ter assistido à projeção de “O Gordo e o Magro” ou de “Os Três Patetas”.

Entre as décadas de 1950 a 1960, instalou-se em Itapipoca o seu primeiro cinema fixo: o **Cine Itapipoca**. Localizava-se na esquina das ruas Dom Aureliano Matos e Duque de Caxias. Seu fundador, **Francisco Pirineus de Melo Montenegro**. Depois, o Cine passaria para **Heitor de Oliveira** até chegar nas mãos do Cafita. Tácito Montenegro, filho de Francisco Pirineus, afirmou que o pai não apenas foi o fundador deste cinema, como também foi o primeiro a levar o cinema falado a Itapipoca.

Francisca Barbosa Bighi, a “Tarcísia”, em entrevista a Natalício, disse que Heitor Oliveira, filho de Manuel de Oliveira, presidente do Círculo Operário Monseñor Tabosa, em 1962, seria o segundo proprietário do Cine, inclusive, Heitor costumava solicitar o serviço do marido de Tarcísia, Lourivaltinio Hermógenes Gregório Bighi, para recuperar as fitas quando elas rompiam, o que garantia ao casal sessões de graça.

O Cafita seria o terceiro proprietário do Cine. Diziam os entrevistados que, quando havia rompimento da fita, o que não era incomum, e a assistência reclamava aos gritos, Cafita colocava a cabeça para fora da cabine do projetor e gritava mais ainda, ameaçando parar a projeção. Todos se calavam... até a fita romper de novo!

Pedro Rodrigues também conta que, tanto o Francisco Pirineus quanto o Cafita assistiam previamente aos filmes que chegavam. Quando viam na película cenas de nudismo ou erotismo, cortavam a fita, retirando-as, e emendavam a fita. Entretanto, havia um funcionário de ambos, que guardava esses fotogramas retirados, os emendava, e os vendia para quem lhe desse melhor oferta.



MAIS LITERATURA

A POETA DO MULATÃO

Mulatão, Deserto e Itapipoca
Contidos nas lembranças
Lugares inesquecíveis
Na evolução de uma criança
Tendo a avó como referência
No cultivo da terra, relevância,
Inspiração para as histórias
Guardadas no baú da memória

Da infância livre, liberta
No Mulatão, ao andar de bicicleta
Na noite estrelada, no terreiro
Rodas de conversa
Sobre assombração, simpatias
A menina estremecia
Com a mente alerta

Lembranças das cantorias, emboladas
Versos e rimas cantadas
Da magia das histórias de ouvir falar
Da contextualização dos fatos
Até se cansar
Geraram a menina leitora
Dando vida à adulta escritora
Nascida nesse lugar

A adultice chegou, sem avisar,
Sem pressa de se apartar da menina
As ideias, como o céu estrelado,
Iluminaram como a lamparina
Trazendo a escrita para a vida
Poeta se tornou
E as histórias de seu lugar
Com todos compartilhou

Cláudia Melo

A PRIMEIRA ESCOLA DE MULATÃO

Nos anos de 1950, um cidadão de Mulatão, localidade situada no distrito de Deserto, decidiu contratar uma professora da sede (Itapipoca) para ministrar aulas às suas filhas, bem como a outras crianças e jovens do lugar. As aulas aconteciam na sua residência, pois não existiam escolas na região, nem apoio do governo para o acesso à educação.

Alfredo Tomé, como era conhecido, teve a brilhante ideia de iniciar um programa educacional e, em 1971, se reuniu com os políticos locais, reivindicando e doando o terreno para a construção da primeira escola de Mulatão.

Em 17 de setembro de 2021 a EEB Mulatão passa a se chamar EEB Alfredo Afonso Cunha, consequência da Lei Municipal nº 0572021/2021, conferindo, assim, o devido reconhecimento e homenagem ao precursor da alfabetização de Mulatão, tio-avô da escritora **Cláudia Cunha Melo Barros** e inspirador de inúmeros jovens dessa localidade, para que se tornassem professores e lecionassem nessa escola.



IMPERATRIZ

(Poema de Itapipoca)

Eu te conheço, senhora!
Muito ouvi a teu respeito...
Poetas cantaram teu nome
No mais belo e nobre soneto.
Cantaram tua história,
Teu passado, tua glória,
Desde tua tenra idade.
Descreveram a grandeza
Que a própria natureza
Te ofertou como herdade.

Nasceste entre montanhas.
Verdes matas e colinas.
As nuvens brancas nos céus
Te serviram por cortinas.
O sol cáldo e brilhante,
Sobre a relva verdejante,
Derramou raios de vida
E o ronco das cachoeiras
Ecoou entre as palmeiras
Saudando a tua vinda.

[...]

Entre campos e montanhas
Tu tens plácida a morada
Onde o rouxinol gorjeia
Ao romper da alvorada.
Sempre esplêndida e bela,
Incomparável donzela,
Te renovas todo o ano
Afadada com ternura
Pela brisa meiga e pura,
Que brota do oceano.

Fernando Gonçalves Caetano (Fernandinho)
(fragmento do poema original)

BEI DE SOUSA, UM FILHO DE ITAPIPOCA

A cidade se transformava durante as festividades de São Sebastião. Novenas, procissões, leilões, e, em minha memória, a figura de meu pai, também, Sebastião, nascido no dia 20 de janeiro.

Nunca teve festa de aniversário, contentava-se com os festejos dedicados ao seu santo de devoção.

Era conhecido por **Bei de Sousa**. Tinha olhos flamejantes diante da vida e personalidade carismática com feitio para fazer grandes amigos.

Em Itapipoca, seu porto seguro, tinha um comércio no centro da cidade. As pessoas, vindas dos distritos, passavam por ali para tomar uma pinga, jogar sinuca ou simplesmente iam atrás de uma prosa que pudesse quebrar a rotina.

Lembro-me de suas anedotas, sempre bem-humoradas, capazes de atrair clientes e fazer sorrir os mais sisudos.

Boêmio e festivo, anunciava o aniversário das filhas pela radiadora do Cafita e convidava toda a cidade. Ainda o vejo, passeando pelas ruas com seu sorriso largo, parando aqui e ali para conversar. Herdamos, nós, os dez filhos, a alcunha de “filhos do Bei”.

Certa feita, já crescida, retornando a Itapipoca, deparei-me com uma rua em sua homenagem: rua Bei de Sousa, localizada no bairro Coqueiro. Confesso que meus olhos marejaram, e como diz Nelson Gonçalves: “Naquela mesa está faltando ele, e a saudade dele está doendo em mim”.

Rosa Morena



COM AMOR, UNIVERSO

Eu queria escrever sobre a Lua
Queria dizer que esta luz é só tua
Queria dizer que quero te ver nua
Queria dizer que eu te amo como a Lua

Mas você sabe que não
Você sabe que teu cheiro é como a brisa do verão
Você sabe que o sol dos teus olhos é o que aquece
meu coração
Você sabe que eu me perco nas notas da tua
canção

Teu gosto de sol sob a luz da lua atingiu meus
sentidos
Se eu dissesse que não te desejo estaria mentindo
Mas te digo que teu cheiro não me sai da mente,
nem vai sair, estou pressentindo
Nós nos fizemos arder em água e, para mim, foi
um combate perdido

Gravo teu cheiro como uma canção a desfrutar
Gravo tuas curvas como um doce a se saborear
Como numa poesia acústica, sem tentar me
esforçar
Amor, eu falo tudo, eu penso em tudo, eu sei de
tudo pelo teu olhar
Eu faço tudo e desfaço o mundo inteiro pra gente
poder se amar

Karyna Teles

(fragmento do texto original)

ENIGMA

saio para caçar e volto
as mãos cheias carvão
raízes frutas folhas mortas,

e os outros não entendem nada

macero tudo, junto sangue e óleo
arrasto os dedos untados
contra a parede de pedra e
desenho meus traços,

mas eles não entendem
nada

e saem para caçar e voltam
as mãos cheias um cervo
um coelho os figos maduros
isso sim é caça dizem
comem riem ficam fartos
e me sobram
os ossos os traços

os anos se passam
em mil ou milhares
e voltam e caçam
vestígios ancestrais
não acham o cervo
coelho nem figo
e nenhum dos ossos
dos homens que riram

mas veem as paredes
meus traços na pedra
os homens são outros,

mas olham olham
e não entendem

nada

Hortência Siebra

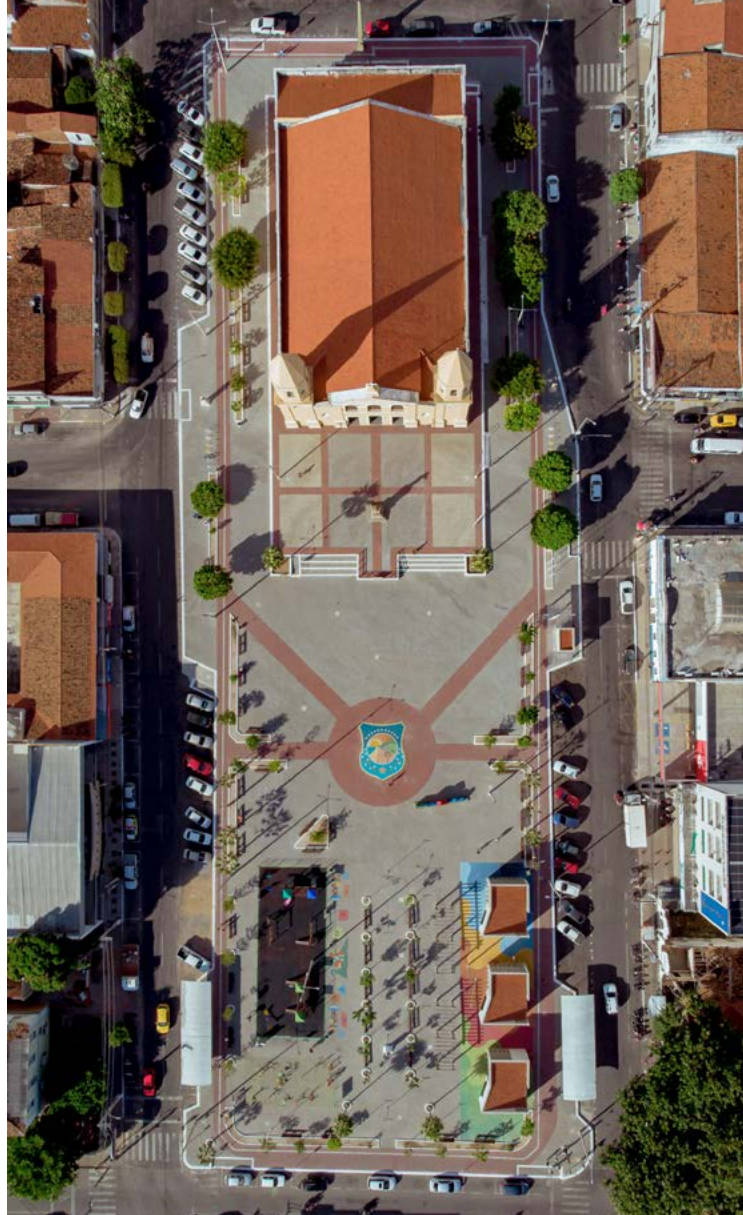


"BRANCOS, RICOS, VALENTES E POBRES"

[...] Naquela época distante, moravam em Itapipoca **os brancos**, que eram Lucas Araújo, Quinca Barroso, Zé Romero, Antônio Garça, Firmino Martins, Antônio Madureira, Antônio Ribeiro, Domingos Barroso; **os grandes** que eram Anastácio "Saranhão", Hildeberto Barroso, Mingueira, Quincolô; **os valentes**, que eram o delegado de polícia, o prefeito e o soldado Miruca. Este último, certa vez quis me prender sobre o simples fato de ter-me encontrado na rua principal à meia noite, com um rifle papo-amarelo no ombro. Cusei a convencê-lo da minha condição de sonâmbulo. **Os ricos** eram: João Geracino, que todos os dias voltava do mercado com oito pesos de carne pendurados em embira de palha de carnaúba, no dedo; Major Teixeira, que constituiu uma das famílias mais ilustres de Itapipoca, entre os seus filhos: Perilo Teixeira, político e advogado de projeção, falecido recentemente; Isnard Teixeira, médico famoso, e o general Arimatéia Teixeira, que deixou um bom nome.

Dona Benvinda, proprietária de um sítio na cidade, mantinha uma equipe de meninos para a venda de mangas a domicílio. Mas, antes de entregar as frutas aos vendedores, dava a cada um uma xícara de leite de vaca, sob pretexto de alimentá-los, mas na verdade era para que eles não tocassem nas mangas, em vista da "incoerência alimentícia".

Os pobres eram em número maior e, entre eles, destacava-se meu pai. Todavia a pobreza era só de dinheiro e outras coisas materiais. Relembrando sempre a temporada que passou no Amazonas e o dinheiro que trouxe para o Ceará em 1912: seis contos de réis. Então, passou a desfilar entre os ricos da cidade, e assim não custou a casar com a senhorita Francisquinha, filha do comerciante Galdino Ferreira de Moraes.



Sou o primeiro filho do casal e a minha mãe faleceu, recentemente, com 88 anos de idade. Até há bem pouco, vivendo na sua notável dieta para sobreviver mais: panelada, buchada, feijoada, sarapatel e outros alimentos desse tipo. Calçava sapato alto, ostentava riquíssimas joias e vestia com o mesmo luxo em rigor de uma jovem vaidosa. Meu pai vive em Fortaleza, na rua senador Catunda, 87, e os dois, até bem pouco tempo, somavam duas vontades para expressar um só sentimento, tal a identidade comum dos seus pontos de vistas, numa harmonia que se fazia louvável e perfeita. O exemplo edificante onde mirar-se todos os seus filhos, descendentes e continuadores.

Extraído de *Sertão Brabo* (1979),
de **Antônio Barroso**.



NAZARÉ FOI FLOR

Nazaré Flor foi uma força da natureza! Em 55 anos de vida, Maria Nazaré de Souza (1952-2007) fez revolução dentro e fora do **Assentamento Maceió**, em Itapipoca, onde nasceu e morou por toda a vida. Líder comunitária, trabalhadora rural, educadora, poeta e cantora. Parteira, feminista e costureira.

Mulher negra e empoderada, esteve na linha de frente da luta pela reforma agrária no Assentamento Maceió, em 1985. Depois, em 1986, foi a principal voz do **Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste (MMTR/NE)**, do qual foi uma das fundadoras.

Participou da construção da **Rede de Mulheres Rurais da América Latina e do Caribe/ Rede Lac**. Viajou Brasil e mundo afora: em 1995, esteve na **IV Conferência Mundial de Mulheres da Organização das Nações Unidas (ONU)**, na China. Dizia: “Minha vida é estar em movimento. Acho maravilhoso!”.

A Nazaré que discursava em eventos de mulheres em várias partes do mundo era a mesma que, quando estava no assentamento, limpava peixe ou lavava roupa cantando poesias de sua própria autoria:

“Não somos vossas rainhas
Nem as domésticas do lar.
Nós somos fonte de vida
E o projeto é transformar.”



Foto: acervo da família de Nazaré Flor

As mais jovens lembram com admiração da “tia Nazaré”. Como parteira, trouxe muitas crianças ao mundo. Como costureira, confeccionava vestidos para as que precisavam. Como líder comunitária e feminista, ajudava as mulheres a tirar documentos, aconselhava sobre a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, e incentivava que as mulheres permanecessem organizadas para avançar na garantia de seus direitos.

São gerações de mulheres que não acompanharam a luta pela terra no Assentamento Maceió – muitas eram ainda crianças; outras não eram nascidas –, mas que foram beneficiadas pelas conquistas.



As mais velhas, companheiras no enfrentamento nos anos de 1970/1980, nas reuniões de mulheres, nas pastorais e sindicatos, embargam a voz ao falar de Nazaré: “Nazaré era ativa. Estava sempre à frente dos movimentos”, diz dona Ana. Dona Graça acrescenta: “A Nazaré não deixava ninguém parado um instante!”.

Dona Vera do Maceió era amiga, vizinha e confidente de Nazaré Flor. Conviveu com a família de Nazaré: Manoel, o marido, e os dois filhos adotados. Da época de militância, diz que ainda guarda “muitos segredos”: “Nazaré era uma pessoa corajosa. Foi uma estrela que brilhou muito neste assentamento”.

CANÇÃO E POESIA

Nazaré aprendeu a ler e a escrever sozinha. Não avançou na educação formal, mas, ainda assim, alfabetizou muita gente no Assentamento Maceió. Publicou, em 2002, o seu livro de poemas **Canção e Poesia**. A primeira edição foi de 500 exemplares, quase todos vendidos. Sonhava em lançar uma nova edição ampliada, com mais 15 poemas.

Outro sonho de Nazaré era a implantação de uma escola de ensino médio no território. Não chegou a ver o seu sonho realizado. Partiu em 2007, vítima de um câncer de útero. Porém, em 29 de julho de 2010, foi inaugurada a Escola de Ensino Médio Maria Nazaré de Sousa.

Em 2019, foi lançado o documentário “Terra de Nazaré”. O curta de 40 minutos traz entrevistas feitas com Nazaré Flor em 2005, com imagens de seu cotidiano e de uma viagem a uma conferência de mulheres no México. O documentário mescla entrevistas feitas em 2018 com mulheres da comunidade sobre Nazaré Flor.

“Terra de Nazaré” foi dirigido por Shaynna Piodori, e teve a sua pré-estreia em Apiques, no Assentamento Maceió, em 2019. O documentário está disponível gratuitamente no **YouTube**.

ESTA LUTA NÃO É FÁCIL

(Nazaré Flor)

Esta luta não é fácil,
Mas tem que acontecer.
A mulher organizada
Tem que chegar ao poder. (refrão)

Vamos juntas, companheiras,
Vamos botar pra valer:
Vamos quebrar as correntes
Do machismo e do poder!

Sem a mulher neste mundo,
Seria triste demais:
Não nascia gente nova
E o mundo não tinha paz.

A mulher nasceu pra ser
Pelo homem bem-amada,
Ser amiga e companheira
Não pra ser discriminada!

Somos gente, somos força,
Temos que ter igualdade –
Ao lado dos homens fortes
Transformar a sociedade!

Vamos conquistar o espaço
Que tem no mundo pra nós,
Chefiar os sindicatos
E na política ter voz!





Dr. Pinheiro conversa com Chichico, Nazaré Flor, Çiço do Carrim (de costas) e outros membros da comunidade



ASSENTAMENTO MACEIÓ É UM PARAÍSO CONQUISTADO

No **Assentamento Maceió**, distante 60 km da sede de Itapipoca, a vida é próspera e pulsante. Quem chega por lá, vê casas avarandadas, com uma abundância de árvores frutíferas, escolas, postos de saúde, igrejas e pequenos comércios, em meio a uma grande natureza ainda preservada. O território é formado por zona de praia e pós-praia, dunas, lagoas e riachos.

Nos alpendres, os moradores se reúnem no fim de tarde para uma conversa regada a um cafezinho. Água de coco nunca falta. Se chegar na hora do almoço, é provável que lhe sirvam o peixe com tapioca. Difícil é encontrar uma casa que não tenha uma almofada de bilro, na qual as mulheres conversam enquanto tecem a renda.

Ao todo, nesses 38 anos de assentamento, são 12 comunidades em uma extensão de terra de 5.844 hectares: Apiques, Bom Jesus, Mateus, Córrego da Estrada, Barra do Córrego, Córrego Novo, Sítio Coqueiro, Jacaré, Humaitá, Lagoa Grande, Maceió e Bode.

Estima-se que mais de mil famílias residam no território, tendo como atividades econômicas a agricultura, a pecuária e o artesanato, todos de base familiar. A maior produção de pescado de Itapipoca é da comunidade de Apiques. Muito dessa produção é exportada para a sede de Ita-

pipoca, Fortaleza e outros locais pelo mundo. A produção agroecológica, em projetos de quintais produtivos, também tem espaço.

Mas nem sempre foi assim. Houve um tempo em que não se podia plantar ou pescar nestas terras, tampouco criar animais. Nem mesmo construir casas de alvenaria. A história do Assentamento Maceió é um exemplo de até onde um povo organizado e guerreiro pode chegar.

"A TERRA É UM DOM DE DEUS PARA TODOS"

Os conflitos pelas terras do Maceió tiveram início lá pelos anos de 1960. Os moradores não tinham direito ao fruto de seu trabalho: de tudo o que produziam, deviam parte aos patrões, que se diziam donos da terra.

A partir de 1963, com a criação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itapipoca, passou a haver uma maior organização entre o campesinato. Já na década seguinte, os trabalhadores fortaleceram os laços com a chegada da Comunidade Eclesial de Base (CEB), representado pela **irmã Maria Alice** (a freira norte-americana **Mary Alice McCabe**) e pelo

padre Albani Linhares, enviados pela Diocese de Itapipoca para ministrar cursos de evangelização.

Graça, Ana, Vera e Maria Branca, juntamente com **Nazaré Flor**, eram algumas das moradoras do Maceió que começaram a se reunir em um grupo de mulheres com a irmã Maria Alice. Com os estudos do evangelho e com o apoio da Igreja, a comunidade passou a se conscientizar de que a situação com os “patrões” não estava correta. “A terra era um dom de Deus para todos. Não era pra uns e outros não”, defende dona Graça. Nazaré Flor costumava dizer: “Lendo a Bíblia, a gente descobriu que a terra é de todos”.

A relação com a Igreja Católica seria muito importante para o que viria mais tarde: o embate com o grupo empresarial que compraria as terras do Maceió.

MULHERES À FRENTE!

Em 1982, os embates pela ocupação do território se acirraram. Naquele ano, as terras foram vendidas para um grande grupo empresarial que implantaria ali uma empresa de coco. Os funcionários chegaram com ordens de medir as terras, localizar as áreas para plantio de coqueiros e derubar as construções.

Dona Graça foi a primeira mulher que enfrentou os forasteiros: entrou na linha de frente da batalha para que não derrubassem as casas e cortassem os cajueiros: “A coragem não era minha: era de Deus e das companheiras”.

A partir de então, esta foi a estratégia adotada pelos moradores para parar os tratores da empresa: mulheres à frente, para evitar um conflito maior, e homens na retaguarda. A situação chegou ao conhecimento de **dom Paulo Ponte**, à época bispo da Diocese de Itapipoca.

Em 1982, o bispo convidou o advogado **Antônio Pinheiro**, conhecido por dr. Pinheiro, e a assistente social **Margarida Pinheiro**, do Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria do Trabalhador e da Trabalhadora (Cetra). O objetivo era o assessoramento dos movimentos pastorais e comunitários.

Ao chegar no território, Margarida Pinheiro percebeu o protagonismo daquelas mulheres na luta

pela terra. “Ela viu a necessidade de a gente se organizar mais. Fazia reunião, cursos de relação de gênero. Porque naquele tempo era muito machismo. A mulher não podia sair de casa, não podia participar da reunião”, relata dona Ana. Sobre Margarida, lembra: “Ela nunca deixou ninguém chamar de ‘dona’. Ave Maria! Ela contribuiu muito junto com a gente!”.

O processo de negociação foi viabilizado com atuação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Em 5 de março de 1985, foi concedida a Imissão de Posse ao Assentamento Maceió, a primeira experiência de assentamento de reforma agrária de Itapipoca e uma das pioneiras em todo o estado do Ceará.

VERA DO MACEÍO

“O Assentamento Maceió é um Paraíso”, fala dona Vera, grande liderança da comunidade. O entendimento da teologia da libertação, por meio dos estudos do **Evangelho e Vida**, ainda nos anos de 1970, abriu a sua mente. “Oração = orar + ação!”, ressalta.

Vera foi uma das guerreiras da linha de frente pelo direito ao território, nos anos de 1980. “A reforma agrária nos fez bem, porque a gente tem terra para morar e para trabalhar. A reforma agrária é vida!”, ensina.

Na década de 1990, representou o Assentamento Maceió como vereadora eleita de Itapipoca. Lembra-se de quando foi convidada a dar uma palestra para alunos e professores na Faculdade de Educação de Itapipoca Facedi/Uece, e improvisou os seguintes versos:

“Nós no campo fomos muito explorados/
Pelo povo que queria ser dono./
Nós estava todo no abandono/ E resolvemos se
organizar.// Temos dois caminhões pra transportar/
A produção que o povo já tem. /
Reforma agrária, pra nós, fez bem,/
Mas nós queremos mais terra pra trabalhar!”

Hoje, dona Vera se mantém incansável na defesa da ampliação do território do Assentamento Maceió, na defesa da preservação de sua zona costeira, área fundamental de sobrevivência da comunidade do assentamento.





Jubinha

UM ROTEIRO PARA CADA CLIMA

Praia, serra e sertão. Uma cidade com três climas distintos que coexistem ao longo do ano: tropical úmido, tropical litorâneo e tropical semiárido.

Foi ainda nos anos de 1990, que Itapipoca passou a difundir a alcunha que hoje lhe serve de aposto. Deu certo. Há três gerações, o município, cujo *slogan* “cidade dos três climas” tornou-se parte da identidade de seu povo, comprova sua força e é orgulhosamente divulgado por ele.

É neste cenário, feito de trilhas, cultura e paleontologia, que a **Rota dos Três Climas** foi pensada: um roteiro turístico que inclui diversas atrações, como praias, lagoas, serras e dunas, proporcionando aos visitantes e moradores a oportunidade de vivenciar esses diferentes climas e paisagens em uma única região. No total, **são 52 pontos turísticos distribuídos ao longo da cidade**, distribuídos em 5 roteiros: (1) Roteiro de Sol e Praia, (2) Roteiro das Águas, (3) Roteiro Cultural, (4) Roteiro Pré-Histórico e (5) Roteiro das Pedras.



Tunico



Severino

VOCÊ SABIA?

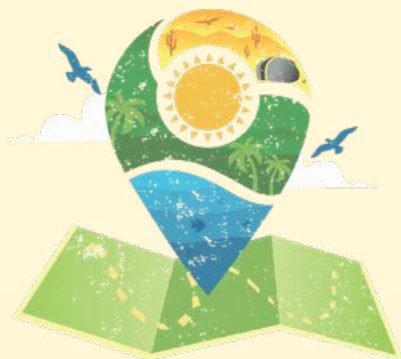
Representando cada um dos três climas, em 2022, Itapipoca ganhou três personagens, desenvolvidos simbolizando os elementos característicos de cada região climática. Os nomes das mascotes foram sugeridos e escolhidos pela própria população, em votação nas redes sociais da Prefeitura. Conheça cada um deles:

Jubinha: representante do clima **Praia**, a personagem é uma baleia da espécie cachalote, em referência à arcada óssea do animal que já foi encontrada em Itapipoca. Carismática e com ótimo senso de humor, a escolha pelo animal é uma alusão explícita ao nome da praia mais famosa da cidade, a **Praia da Baleia**.

Severino: o jovial bem-te-vi foi inspirado no pássaro nativo das serras itapipoquenses, muito abundante na região. Seu traço de personalidade mais forte traz a gaiatice cearense, lembrando o carisma facilmente encontrado em pessoas em toda a cidade.

Tunico: o sertão de Itapipoca é marcado pela vida pré-histórica. Os paleontólogos descobriram que no passado havia animais gigantes naquela região, e entre eles, uma preguiça. Muito sábio, o personagem, que nada tem de preguiçoso, é o guia turístico do município.

CONHEÇA ITA PIPOCA



ROTA dos 3 CLIMAS

ROTEIRO SOL E PRAIA

- 1 - Praia dos Apiques;
- 2 - Barrinha do Maceió;
- 3 - Mirante do Morro Verde;
- 4 - Barra do Bode;
- 5 - Mirante do Bode;
- 6 - Praia da Baleia;
- 7 - Praia das Pedrinhas;
- 8 - Feirinha de Artesanato e Renda da Baleia;
- 9 - Mirante da Maritacaca;
- 10 - Lençóis Baleienses;



ROTEIRO DAS ÁGUAS

- 11 - Lagoa da Mangabeira;
- 12 - Lagoa do Mato;
- 13 - Lagoa do Humaitá;
- 14 - Lagoa das Mercês;
- 15 - Açude do Poço Verde;
- 16 - Açude do Ipu Mazagão;
- 17 - Cachoeira de São Daniel;
- 18 - Bica da Canoa;
- 19 - Açude do Quandú;



ROTEIRO CULTURAL

- 20 - Igreja Nossa Senhora das Mercês de Arapari;
- 21 - Cruzeiro da Balança;
- 22 - Açude da Nação;
- 23 - Estádio de Futebol Perilo Teixeira;
- 24 - Casa de Teatro Dona Zefinha;
- 25 - Igreja de São Sebastião;
- 26 - Praça José Pontes Filho;
- 27 - Praça dos 3 Climas;
- 28 - Horta do Cruzeiro;
- 29 - Parque de Exposição Agropecuária Cel. Hildeberto Barroso;
- 30 - Mercado Central de Itaipicoca;
- 31 - Galpão da Cena Companhia Balé Baão;
- 32 - Biblioteca Municipal Rita Aguiar Barbosa;
- 33 - Praça Perilo Teixeira;
- 34 - Catedral Nossa Senhora das Mercês;



ROTEIRO PRÉ-HISTÓRICO

- 35 - Museu Pré-Histórico do Município de Itaipicoca;
- 36 - Sítio Paleontológico Taboca-Lajinha;
- 37 - Sítio Paleontológico do Jirau;
- 38 - Pedra da Sino;
- 39 - Sítio Paleontológico João Cativo;
- 40 - Pedra Ferrada;
- 41 - Sítio Paleontológico da Pedra D'água do Deserto;
- 42 - Pedra da Arara;



ROTEIRO DAS PEDRAS

- 43 - Pedra do Braga;
- 44 - Mirante do Santarém;
- 45 - Pico de Assunção;
- 46 - Pedra do Itapicu;
- 47 - Pedra do Cágado;
- 48 - Pedra da Itacoatiara;
- 49 - Mirante da Santa Rita;
- 50 - Mirante dos Picos;
- 51 - Mirante da Serrinha;
- 52 - Pedra Lascada.



Conheça Itaipicoca e todos os parceiros credenciados na Rota dos 3 Climas acessando:





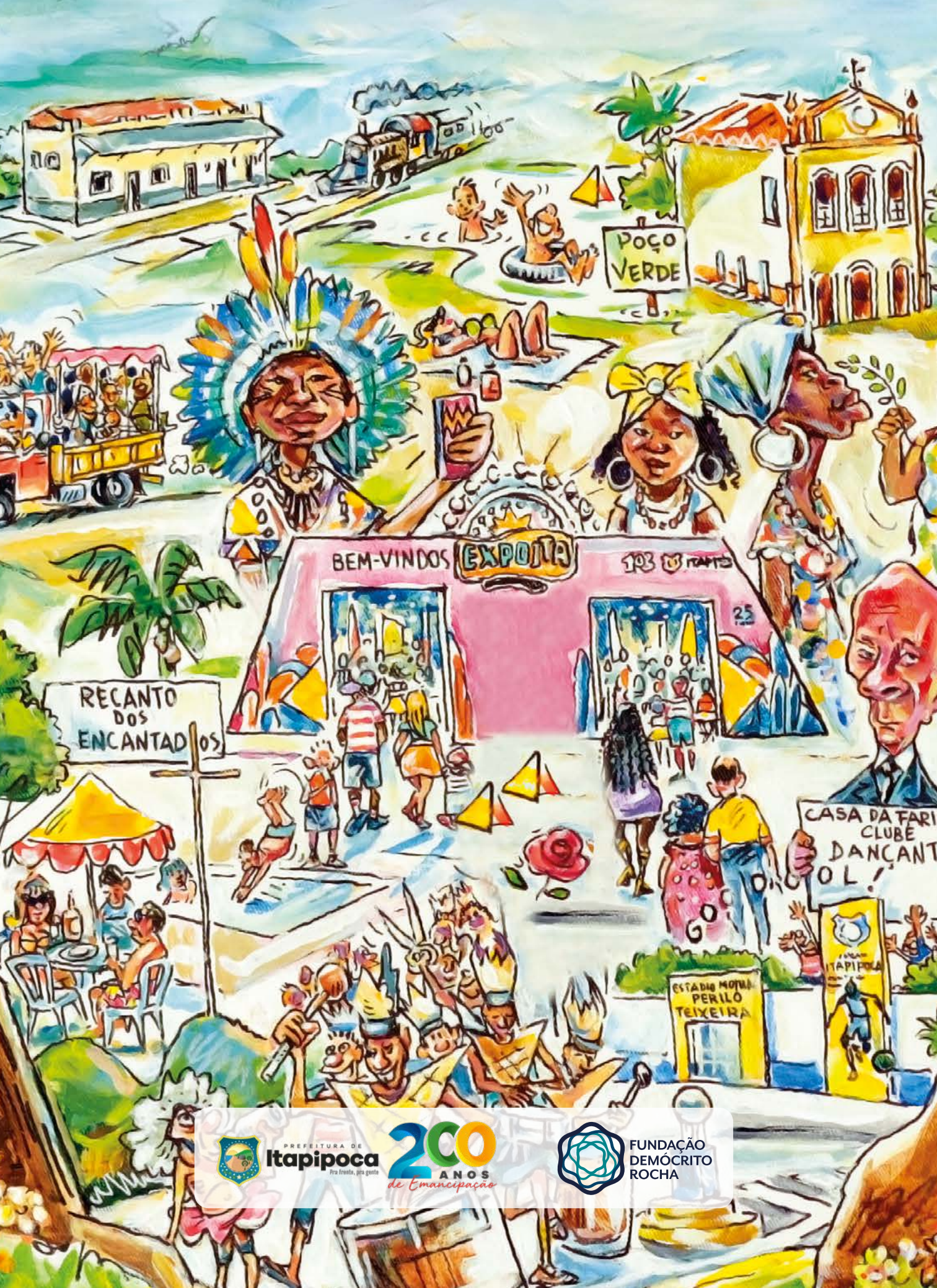
Acesse o site **Almanaque Itapipoca 200 anos**,
faça o *download* da edição digital e visualize fotos exclusivas do município em seus 3 climas:

<http://fdr.org.br/almanaqueitapipoca>

ACESSE também os canais da Prefeitura Municipal de Itapipoca:

 **itapipoca.ce.gov.br**   **[prefeituradeitapipoca](#)**





PREFEITURA DE
Itapipoca
Para frente, para gente

200
ANOS
de Emancipação



FUNDAÇÃO
DEMÓCRITO
ROCHA